AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

EXCLUSIVO! Fotos jamais publicadas da execução de Mussolini!

SUPER INTERESSANTE apresenta

EDIÇÃO 2 AGOSTO 2003

Marco Polo foi à China?
Uma das viagens mais conhecidas de todos os tempos pode não ter ocorrido

Conferência de Ialta
Como Roosevelt, Churchill e Stalin repartiram o mundo após a Segunda Guerra Mundial

Santos Dumont ou irmãos Wright
Afinal, quem inventou o avião?

15333/1



R$ 7,95

CHE GUEVARA

Dez coisas que você não sabe – e precisa saber – sobre o revolucionário socialista que virou ícone da cultura pop

E MAIS: CARTAGO, A JÓIA FENÍCIA ■ QUEM MATOU BILLY THE KID? TRAGÉDIA ARQUEOLÓGICA NO IRAQUE ■ PICASSO CONTRA MATISSE





Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Editor: Roberto Civita
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo, Maurizio Mauro

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial: Laurentino Gomes
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Diretor de Unidade de Negócios: Paulo Nogueira
Editor Contribuinte: Carlos Civita **Diretor de Redação:** Adriano Silva

Diretor de Arte: Alceu Chiesorin Nunes

Colaboraram nesta Edição: Celso Miranda e Bruno Leuzinger (texto), Débora Bianchi, Mondrian Alvez e Bernardo Borges (arte) e Renato Bacci (revisão)
www.superinteressante.com.br

APOIO EDITORIAL Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **PUBLICIDADE Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo (SP), Edson Melo (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Heraldo Evans Neto, Luciano de Almeida, Marcello Almeida, Renata Miolli, Vlamir Aderaldo (SP), Cristiano Rygaard e Yann Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **NÚCLEO ABRIL DE PUBLICIDADE Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **MARKETING E CIRCULAÇÃO Diretor de Marketing:** Ricardo Cianciaruso **Gerente de Produto:** Carla Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Gerente de Projetos Especiais:** Cristiana Cardoso e Gabriela Yamaguchi **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **PROCESSOS** Renato Rosante e Carla Zucas **ASSINATURAS Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, fax: (11) 3037-5891 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – R. Fernandes Tourinho, 147 Sala 303 - Bairro Savassi, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN - Q.1 Bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º andar, Sl 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, Tels.: (61) 315-7554/55/56/57, fax: (61) 315-7558 **Campinas**– R. Conceição, 233 - 26ª andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Cuiabá** – R. Diamantino, 13, qudra 73, Morada da Serra - CEP 78055-530, Fênix Propaganda Ltda, tel.: (65) 3027-2772 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 301, CEP 88060-130, Comercial Via Lagoa, da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Manaus** – Av. Joaquim Nabuco, 2074, Loja 2, Centro, CEP 69020-070, Paper Comunicações, telefax: (92) 233-1892/231-1938 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282. tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, Duarte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios:** Exame, Você S/A **Jovem:** Almanaque Abril, Cartoon, Disney, Guia do Estudante, Heróis, Heróis da TV, Pica-Pau, Recreio, Simpsons, Spawn, Witch, Capricho, Playboy **Estilo:** Claudia, Elle, Estilo de Vida, Nova, Nova Beleza, Vip **Turismo e Tecnologia:** Guias 4 Rodas, Info, Mundo Estranho, National Geographic, Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo **Casa e Família:** Arquitetura & Construção, Boa Forma, Bons Fluidos, Casa Claudia, Claudia Cozinha, Saúde **Alto Consumo:** Ana Maria, Contigo, Manequim, Manequim Noiva, Minha Novela, Tititi, Viva Mais! **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

AVENTURAS NA HISTÓRIA edição especial (EAN 789.3614.01558-3), agosto 2003, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **AVENTURAS NA HISTÓRIA** não admite publicidade redacional.
Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112, Demais localidades: 0800-704-2112;
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121, Renova Fácil: 5087-2145 fax: 5087-2100
Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

IVC | FIPP | ANER



Presidente e Editor: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Maurizio Mauro, Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Emilio Carazzai, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini
www.abril.com.br

MANUSCRITO

Personagens da nossa história

Em 1974 eu tinha 7 anos. Estudava numa escola perto da minha casa, no bairro do Sumarezinho, em São Paulo. Meu pai trabalhava na Editora Abril, que naquele tempo ficava na Barra Funda, outro bairro paulistano, e, entre outras coisas, editava uma coleção chamada, vejam vocês, *Grandes Personagens da Nossa História*. Eu ainda me lembro do quadro do Pedro Américo com o corpo de Tiradentes despedaçado. Lembro quando meu pai me levava com ele para o trabalho. Ocorria, geralmente, durante as férias escolares. Não me recordo bem se ele levava também meu irmão. Mas gosto de pensar que não. Que essa era uma coisa entre eu e ele. Nesses dias, ele me acordava muito cedo e saíamos sem tomar café. Parávamos numa padaria que ainda existe ali na Lapa. Eu, todo orgulhoso, tomava vitamina de abacate e comia um pão com manteiga. Meu pai bebia um café preto. E fumava um cigarro.

Algumas dessas coisas eu lembrava em detalhes, outras não. Precisei mandar um e-mail para o meu pai, que mora em Natal, no Rio Grande do Norte (um abraço, velho!), para me certificar das datas. Depois fui ao Dedoc, que é o nome do arquivo da Abril, para encontrar uma versão dos *Grandes Personagens* e confirmar: o quadro é do Pedro Américo, sim.

Escrevo isso para dizer que é mais ou menos assim que fazemos esta revista. Primeiro reunimos boas histórias (é claro que não faríamos uma capa das minhas reminiscências). Depois consultamos as melhores fontes e especialistas no assunto (ninguém melhor que o Seu Miranda para se lembrar daqueles dias) e, enfim, contamos tudo para vocês, em detalhes. De uma forma bem clara e acessível.

Escrevo também para dizer que é legal preservarmos nossa memória. É bom lembrarmos os personagens de nossa história. Nesta edição, publicamos fotos inéditas de um ex-combatente do Exército brasileiro na Itália. Orlando Aversa era avô do Mondrian, designer da revista. Sua família tinha tudo guardado: fotos, medalhas e capacete, que aparecem na Máquina do Tempo.

E eu ainda sinto o gosto do abacate.

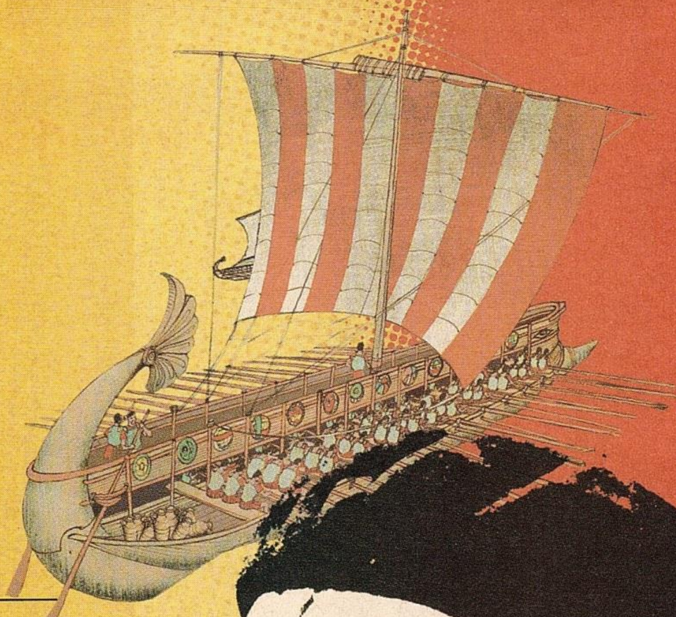
CELSO MIRANDA
cmiranda@abril.com.br

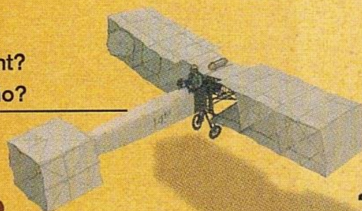


Em homenagem à nossa capa, um grande personagem da minha história

PERGAMINHOS

ESCRITURAS







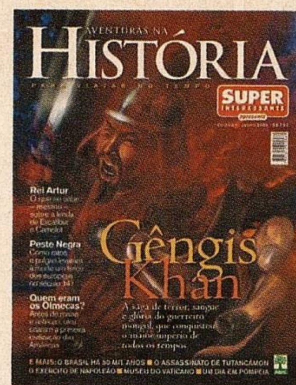
GRANDES MOMENTOS JORNAL DO NOVO MUNDO

OS TRÊS GRANDES



ALFARRÁBIOS

CARTAS



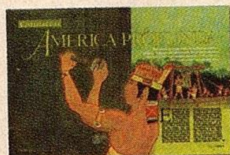
"A revista é de leitura fácil e gostosa e aborda temas extremamente interessantes"

Vanessa Ortega, *via internet*

Paradidático

Gostaria de parabenizá-los pelo excelente trabalho. Neste país, são poucos os que valorizam a memória e suas fontes. Sou pesquisador de história antiga e achei os textos bem objetivos.

Alexandre Sanchez Ibañez,
Belo Horizonte, MG





Adorei as matérias "América Profunda", "A Grande Peste" e "Brasil Ancestral". Estou terminando a faculdade de história e uso a revista como suporte didático.

Paulo Herôncio de Medeiros,
Currais Novos, RN

Se a revista continuar com a mesma linguagem, tem tudo para ser referência no ensino de história. Sou professor de um cursinho pré-vestibular e vou imediatamente recomendá-la a meus alunos.

Luciano Borges de Santana,
São Lourenço da Mata, PE

Amor à primeira vista

Tenho 18 anos e quando vi o anúncio de Aventuras na História, foi amor à primeira vista. Parece exagero, mas fiquei louca para comprar a revista, que eu resumiria em uma palavra: fantástica!

Fabrycia Fernanda,
União dos Palmares, AL

Dito e feito

Considerava a *Super* a melhor publicação da Abril. Mas me surpreendi com Aventuras na História: vocês se superaram! Só senti falta da seção "Para saber mais" ao final das matérias.

Claudia Cabral, *via internet*

Claudia, nós também sentimos. Nesta edição o "Saiba Mais" aparece em todas as matérias.



Creio ser impossível falar de história sem fotografias. "Brasil Ancestral" ficaria perfeita se mostrasse pinturas de cavernas do país.

Roque Antonio dos Santos, *via internet*

Roque, vamos usar fotos sempre que for possível. Veja "Os Três Grandes", nesta edição.



VESTINDO A CAMISETA

Escreva até 30 de setembro dando sua opinião sobre "o melhor e o pior" de Aventuras na História. Dez leitores serão presenteados com uma camiseta estampada com a capa da revista. Endereço: Avenida das Nações Unidas, 7 221, 14° andar, Pinheiros, CEP 05425-902, São Paulo – SP. E-mail: aventurasnahistoria.abril@atleitor.com.br

UM DIA NA HISTÓRIA DE...

...Vila Rica

Num passeio pelo centro da cidade, o visitante que chegasse à cidade, no século 18, encontraria pelas ruas homens livres vendendo frutas, funcionários da Coroa Portuguesa, procissões religiosas e escravos carregando tonéis de fezes. Desviando de galinhas e porcos, damas negras e ricas negociando com portugueses pobres. Nas casas faltavam artigos de cozinha, mas sobravam jóias e as pessoas usavam roupas velhas com botões de ouro.

Em 40 anos, 600 mil do 1,7 milhão de habitantes de Portugal migraram para o Brasil, principalmente para Minas Gerais – o dobro de gente que aportou aqui nos dois séculos anteriores. O país recebia pela primeira vez pessoas comuns, não apenas escravos ou senhores milionários como na época dos engenhos. Depois de 200 anos de procura, haviam achado ouro em grande quantidade no Brasil. Bem-vindo à Ouro Preto do século 18, a Vila Rica.

LEANDRO NARLOCH

CONVERSA FIADA
A influência de tantos portugueses no interior e o fato de a língua trazida por eles ser a única escrita diminuiu o poder da "língua geral", a mistura de tupi e português falada entre jesuítas, índios e bandeirantes em São Paulo. Falar português era questão de status entre os negros: os escravos brasileiros não gostavam de se relacionar com os recém-chegados da África, chamados de "os bugres"

SAGRADO E PROFANO
As irmandades – gente comum que se reunia para adorar seu santo predileto – criaram as principais igrejas de Vila Rica. Elas organizavam as procissões e festas e eram o centro da vida social da cidade

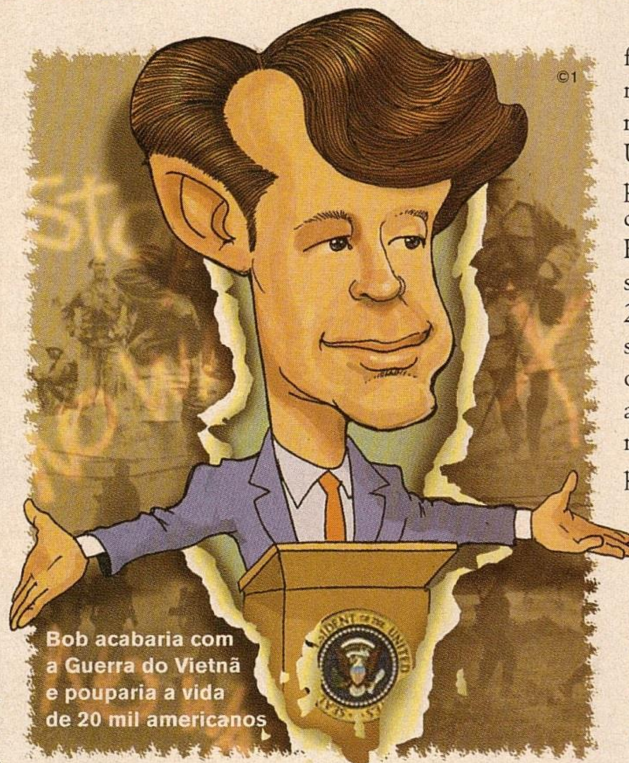
OURO MOLE
O ouro só podia ser vendido em forma de barras, cunhadas nas Casas de Fundição, onde o quinto (20% do peso) era arrecadado. Portugal estipulava também a derrama, uma cota mínima que as minas tinham que pagar. Para fugir dos impostos, os mineradores faziam jóias e botões de ouro


PEDRA-SABÃO
A arquitetura simples dos primeiros arraiais, à base de taipa, foi trocada por paredes de pedra. Como na Igreja do Carmo, os escultores usavam, na falta do mármore europeu, a pedra-sabão, maleável e abundante na região
CIDADE GRANDE
O verde dá espaço às casas e ruas pavimentadas. Só a Câmara e a Casa da Baronesa têm encanamento e esgoto. Despejos são recolhidos por escravos nos chamados "tonéis de bosta" e jogados no rio. A taxa de mortalidade infantil em 1750 é de 240 mortes por mil nascimentos (hoje é de 29,6 por mil). Entre os adultos as doenças que mais matam são as respiratórias, como a tuberculose e a gripe, tratadas com "óleo de ouro", pois acreditava-se que o metal tinha poderes curativos
COMPRA E VENDA
A presença de tanta gente rica no interior impulsionou a economia brasileira. Cidades ao norte ganharam com o comércio de gado. No sul do país, outras enriqueceram com o transporte do ouro. Na Vila Rica, ferreiros, alfaiates, tecelões, chapeleiros, sapateiros e queijeiros fizeram pequenas fortunas
NEGRAS RICAS
Muitas escravas (chamadas de "negras do tabuleiro") vendiam cocadas e frutas e conseguiram comprar sua liberdade, por meio da carta de alforria. Em 1750, a carta valia 150 mil réis (uma casa simples custava entre 100 e 120 mil réis)
INTELECTUAIS
Circulam os primeiros impressos do país. São poesias e cartas satíricas sobre os governadores. Surgem as raízes da defesa da abolição e da independência

E SE...

... Robert Kennedy não tivesse sido assassinado?

A história dos Kennedy foi marcada por fatalidades. A mais grave aconteceu em 1963, quando o presidente norte-americano John Kennedy foi assassinado em Dallas, no Texas. A tragédia transformou seu irmão mais novo, Robert, no virtual sucessor da dinastia política do clã. Bob elegeu-se senador pelo estado de Nova York em 1964 e, quatro anos mais tarde, era favorito à vaga dos democratas nas eleições presidenciais. Na noite de 4 de junho de 1968, Bob Kennedy comemorava a vitória nas eleições primárias da Califórnia quando foi assassinado com um tiro na cabeça. Para o historiador Roberto Buzzanco, da Universidade de Houston, nos Estados Unidos, muita gente acreditava que ele seria indicado. "Ele era um dos políticos mais populares no final dos anos 60", afirma. O pesquisador Gunther Rudzit, do Núcleo de Políticas e Estratégia da Universidade de São Paulo (USP), também não tem dúvidas de que Bob seria eleito presidente. "Robert tinha herdado a mística do irmão."



©1

Bob acabaria com a Guerra do Vietnã e pouparia a vida de 20 mil americanos

Mas como seria o governo de Bob Kennedy? Seu último discurso pode dar algumas pistas. "Podemos acabar com as diferenças nos Estados Unidos, sejam elas entre brancos e negros, entre os pobres e os ricos. Somos um grande país, altruísta e clemente", disse poucas horas antes de ser morto. "Kennedy tinha o apoio de negros, latinos, jovens e outros grupos que estavam fora do centro de poder", diz Buzzanco. Para ele, encerrar a guerra significaria pôs fim às divisões sociais.

Bob era um notório defensor dos direitos civis e, portanto, podemos imaginar um governo mais atento às políticas sociais. "Entre seus assessores estavam alguns dos principais idealizadores das políticas afirmativas que surgiriam só na década de 80", diz Arthur Meier Schlesinger Jr., historiador americano autor de *Robert Kennedy and His Time* ("Robert Kennedy e Seu Tempo", inédito em português)

Uma das primeiras escolhas polêmicas e decisivas para o presidente Bob Kennedy seria a permanência ou a retirada das tropas americanas no Vietnã. Em 1969, a opinião pública estava dividida. Porém, se cumprisse o que prometeu em campanha, é provável que Kennedy encerrasse a guerra muito antes do que foi feito. "Ele era contrário à presença no Vietnã e em seus discursos disse, mais de uma vez, que os Estados Unidos já haviam cumprido seu papel para deter o efeito dominó do comunismo na Ásia", afirma Meier. Ele calcula que, se os Estados Unidos saíssem da guerra em 1969, quase 20 mil soldados americanos teriam sobrevivido. Até 1973, quando o presidente Nixon, enfim, ordenou a retirada, 56 mil americanos morreram e mais de 300 mil voltaram para casa mutilados. Do lado vietnamita as mortes chegaram aos 2 milhões de pessoas.

As relações com a América Latina não seriam muito diferentes. Segundo Buzzanco, Bob era favorável à política externa de seu irmão, que apoiou regimes autoritários. "John sustentou golpes que derrubaram governos acusados de antiamericanos, como o do Brasil", diz. Gunther Rudzit, no entanto, acredita que a eleição de Kennedy teria antecipado mudanças na diplomacia internacional americana que só chegaram com Jimmy Carter, no final dos anos 70. "É possível que as ditaduras latino-americanas tivessem vida bem mais curta", afirma.

Para Eduardo Viola, cientista político e professor da Universidade de Brasília, as diferenças entre Estados Unidos e a antiga União Soviética teriam sido atenuadas com Kennedy. "O que talvez desse mais fôlego ao comunismo russo. Mas não temos como investigar se, com isso, ele teria conseguido superar a crise dos anos 80 e sobrevivido até hoje", diz. ■

ANTÔNIO DE FREITAS NETO

©1 Cláudio Duarte 2 Reprodução 3 Robert Vaindiner

AGOSTO NA HISTÓRIA



Massacre entre irmãos: católicos radicais mataram milhares de protestantes

1572 Mortes e perseguições marcaram as reformas religiosas que abalaram a Europa, durante o século 16. A Reforma Protestante contra a Igreja Católica e a Contra-Reforma – movimento mais ou menos equivalente, mas na direção contrária – dividiram antigos aliados e tiveram repercussões sociais e políticas. Na França, o avanço do calvinismo gerou o mais sangrento desses conflitos: o Massacre de São Bartolomeu. As fontes históricas diferem quanto ao número exato (há relatos de 3 mil a 70 mil mortes), mas o certo é que, na noite do dia 24, milhares de protestantes foram executados por ordem de Catarina de Médicis, viúva de Henrique II e mãe de Carlos IX, o jovem rei da França. Catarina temia a influência crescente dos protestantes, chamados pelos católicos de huguenotes (a palavra pode ser uma derivação do vocábulo alemão *eidgenossen*, isto é, "federados", ou uma referência à torre do rei Hugo, em Tours, onde líderes reformistas se reuniam). Entre eles estava Gaspar de Coligny, conselheiro do rei Carlos. Os católicos tentaram matar Coligny, mas falharam. Com medo de retaliação, Catarina ordenou o massacre. As brigas religiosas retardaram a consolidação do absolutismo na França, deixando-a em desvantagem frente à Espanha e à Inglaterra. A noite de São Bartolomeu é o fato mais significativo na origem da lenda de que agosto é o mês dos maus agouros. Dia 24, em Paris. ■

JOANNA DE ASSIS

480 a.C. Na batalha de Termópilas, 300 guerreiros de Esparta, comandados pelo rei Leônidas I, lutam contra o exército persa de Xerxes. Foram todos mortos. Dia 14, na Grécia.

67 As legiões romanas, comandadas pelo imperador Tito, ocupam e destroem o Templo de Salomão. Dia 1°, em Jerusalém.

1290 O rei Eduardo I ordena a expulsão dos judeus da Inglaterra. Milhares partem para a França e a Bélgica e muitos morrem no caminho. Dia 31, em Londres.

1492 O navegante genovês Cristóvão Colombo deixa a Espanha, com uma frota composta de três navios, Nina, Pinta e Santa Maria. Dia 3, em Palos.

1825 Sob a liderança de Simon Bolívar e Antonio Jose Sucre, a Bolívia conquista sua independência. Dia 6, em Chuquisaca (atual Sucre), no Alto Peru.

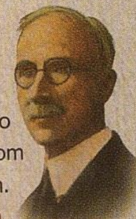
1900 Cercadas por camponeses (conhecidos como *boxers*, por serem membros da Sociedade Harmoniosa dos Punhos), as missões diplomáticas estrangeiras na capital chinesa são socorridas por uma força militar internacional de 15 mil homens. Dia 15, em Pequim.

1920 Derrotado na Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano é extinto. A Turquia foi obrigada a assinar um tratado pelo qual devolvia 80% de seu território, onde nasceram Iraque, Síria, Líbano e Palestina. Dia 10, em Sèvres, na França.

NASCERAM...



Napoleão Bonaparte (1769–1821) Depois de brilhante carreira militar, ele se tornou, em novembro de 1799, ditador francês por meio de um golpe de Estado. Dia 15, na Córsega.



Alexander Fleming (1881–1955) Cientista britânico que inventou a penicilina. Em 1945, dividiu o Prêmio Nobel de Medicina com Howard Florey e Ernst Chain. Dia 6, em Lochfield, Escócia.

...MORRERAM



Cleópatra (69–30 a.C) Rainha do Egito, descendente de Ptolomeu – o primeiro rei grego do Egito –, resgatou o mito dos antigos faraós e negociou com os invasores romanos para ampliar seu poder. Depois da morte de Júlio César e da derrota de Marco Antônio, seus aliados, cometeu suicídio. Dia 30, em Alexandria.



Getúlio Vargas (1883–1954) Presidente brasileiro que chegou ao poder com a revolução de 1930 e foi deposto em 1945. Voltou à presidência eleito em 1951. Acusado de envolvimento na tentativa de assassinato do jornalista Carlos Lacerda, seu opositor, suicidou-se. Dia 24, no Rio de Janeiro.

©2 ©3 ©3 ©3 ©3

ARQUEOLOGIA

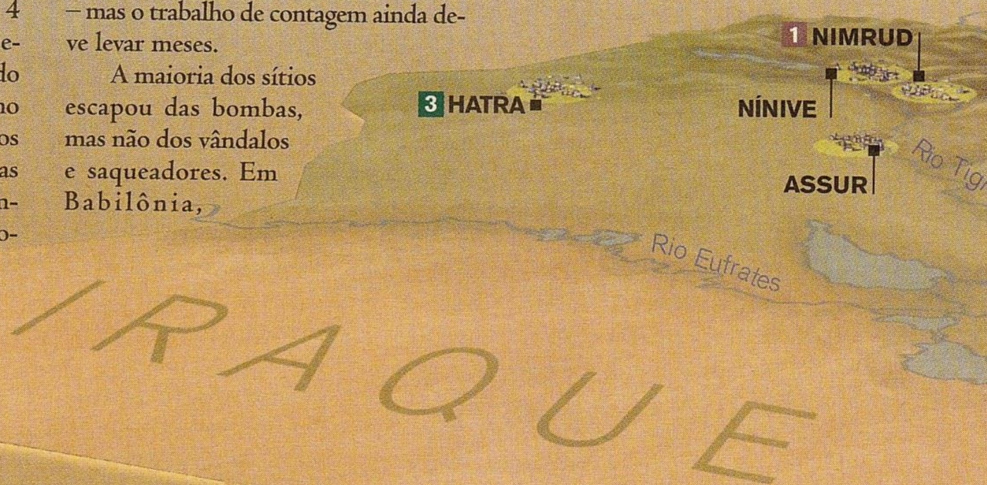
O dia seguinte

Berço de civilizações com mais de 8 mil anos, o Iraque, com 435 mil quilômetros quadrados, está situado exatamente sobre a antiga Mesopotâmia – o vale entre os rios Tigre e Eufrates. Ali nasceram a escrita e a legislação, a agricultura e a metalurgia. Sumérios, assírios, acádios e babilônios construíram centros comerciais e religiosos, esculpiram obras magníficas e templos exuberantes. Todo esse legado inestimável foi (e ainda está) ameaçado pela investida militar dos Estados Unidos, em março e abril deste ano.

Antes de o conflito começar, os especialistas da Unesco alertaram para o perigo de bombardeios em cerca de 4 mil sítios arqueológicos do país (há pelo menos 25 mil no Iraque), além do risco de saques. O governo americano prometeu preservar os sítios e evitar os roubos, mas o que se viu após as tropas invadirem a capital, Bagdá, por exemplo, foi bem diferente: o Museu Nacional do Iraque – o mais importante museu mesopotâmico do mundo, com um acervo de 170 mil peças – foi saqueado. "Nos sítios arqueológicos que estavam sob proteção do Exército iraquiano houve pouco ou nenhum estrago, até onde pudemos observar", diz o professor de arqueologia McGuire Gibson, da Universidade de Chicago, que esteve em Bagdá, em junho. No entanto, segundo ele, a situação do patrimônio cultural e arqueológico é muito ruim. "Já esperávamos os saques e a destruição, o que surpreendeu foi a escala em que isso ocorreu", afirma. A Unesco diz que só o Museu Nacional perdeu 6 mil peças – mas o trabalho de contagem ainda deve levar meses.

A maioria dos sítios escapou das bombas, mas não dos vândalos e saqueadores. Em Babilônia, o museu e a casa do diretor do sítio foram saqueados. Em Nínive, buracos de bala foram feitos no palácio de Sennacherib e em Nimrud ladrões levaram objetos e pedaços da parede de um templo que ainda estava sendo escavado. "Em Hatra, estátuas e arcos de monumentos foram destruídos a tiros", diz Gibson. No sul do país, região mais atingida pelas tropas americanas, a situação foi ainda pior. "Alguns sítios sumérios, como Umma, Zabalam, Isin e Umm al-Aqarib, podem estar totalmente perdidos", afirma. ■

CLÁUDIA CASTRO LIMA



MAPA DO TESOURO

As cidades iraquianas estão entre as mais velhas do mundo

HATRA
Único sítio do Iraque reconhecido pela Unesco como patrimônio da humanidade. A cidade teve um período romano, do qual resquícios como muros e praças ainda podem ser vistos

NÍNIVE
A cidade bíblica foi sede administrativa e religiosa dos assírios no século 7 a.C. Desse período, restam um muro de 12 quilômetros que protegia a cidade e o palácio do rei Sennacherib

ASSUR
Foi a primeira capital dos assírios. Os antigos habitantes acreditavam que o deus Assure habitava as montanhas que cercam a cidade, onde há sítios com mais de 3 mil anos

NIMRUD
Foi a segunda capital do Império Assírio (900 a.C). No local, escavações descobriram palácios e tumbas intactas contendo tesouros, além de um imponente muro de pedra trabalhado

BABILÔNIA
Em 2 350 a.C. já era habitada. Foi capital do reinado de Hamurábi (1792-1750 a.C.) e centro cultural por mais de 2 mil anos. Famosa pelos jardins suspensos e pela torre de Etemenanki

BAIXAS DE GUERRA

Veja o que aconteceu com alguns artefatos tão antigos quanto a civilização humana

O QUE SUMIU

1 Toras de argila com inscrições assírias com mais de 3 mil anos



2 A cabeça Warka, escultura suméria datada de 3100 a.C., encontrada em Uruk. Duas cópias idênticas foram deixadas para trás

3 Cabeças de mármore de Poseidon, Apolo e Eros, procedentes de Hatra, datadas do século 2

2 A estátua de Bassetki com inscrições acádias do século 2 a.C. Feita de bronze, pesa 160 quilos



O QUE FOI SALVO

2 A cabeça de Sargon, imagem esculpida em mármore de um rei acádio, datada de mais de 4 mil anos, foi guardada no Banco Central iraquiano antes da guerra

2 Tesouros das tumbas reais de Nimrud de 900 a.C., incluindo coroas, peças de ouro e jóias de pedras preciosas, também estavam no cofre do Banco Central

2 Ossos fossilizados, com mais de 15 mil anos, que estão entre os mais antigos vestígios de ancestrais humanos já localizados no Oriente Médio, foram recuperados intactos no Museu Nacional

3 Estátuas e peças decorativas de estilo romano, datadas do século 1 a.C., foram protegidas por moradores vizinhos do sítio, em Hatra

O QUE FOI DANIFICADO

2 Painéis de marfim do século 1 a.C. foram pisoteados durante o saque em Bagdá



2 O vaso de Warka, uma relíquia que tem mais de 5 mil anos, foi devolvido por três iraquianos ao Museu Nacional, de onde fora roubado. Ele estava em cacos, mas, pelo menos, todos os pedaços estão lá

3 Uma monumental cabeça de leão esculpida em pedra em tamanho real, datada do século 1 a.C., foi despedaçada

2 Centenas de objetos de cerâmica de diversos povos da Mesopotâmia, inclusive um modelo completo de uma casa de 200 a.C., foram esmagados durante o saque ao Museu Nacional do Iraque



BAGDÁ
Fundada em 762, sua glória como uma das mais importantes cidades do islamismo está refletida nas *Mil e Uma Noites*

NIPPUR
Por milhares de anos, foi um local de peregrinação de babilônios e assírios. Escavações descobriram objetos com 6 mil anos

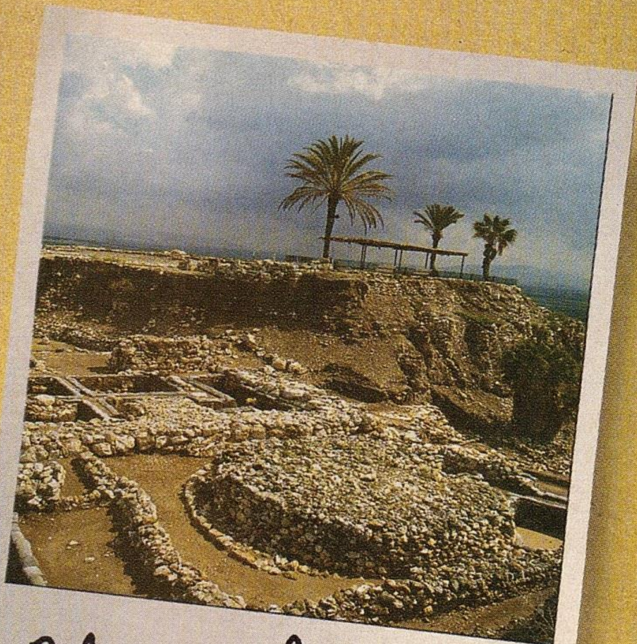
UR
Cidade suméria com mais de 6 mil anos. O zigurate de Ur – templo construído pelo rei Ur-Nammu – tornou-se símbolo dessa civilização

BASRA
Ao sul da cidade, fundada em 637 a.C., fica Al Kuma, local que teria inspirado o mito bíblico do Jardim do Éden, de Adão e Eva



ARQUEOLOGIA

Nova polêmica sobre o legado do rei Salomão



© 1

Descobertas arqueológicas recentes estão fornecendo novos argumentos a favor da narrativa bíblica sobre o esplendor e riqueza dos reinos de Davi e seu filho Salomão, considerados os fundadores do reino de Israel e responsáveis pela idade de ouro da história israelita. Ninguém duvida da existência de Davi ou de Salomão, mas há muita controvérsia sobre seus papéis na história do povo hebreu. Eles realmente foram os construtores do grande império que a Bíblia descreve ou foram apenas líderes tribais de Judá, um Estado pobre e politicamente inexpressivo, localizado no sul da Palestina?

Escavações realizadas pelo arqueólogo Amihai Mazar, da Universidade Hebraica de Jerusalém, em Tel Rehov, um importante sítio arqueológico da Idade do Ferro ao norte de Israel, indicam que o império salomônico de fato existiu e prosperou. Mazar e sua equipe encontraram objetos de cerâmica e ruínas de monumentos datados entre 1000 e 900 a.C., período que a Bíblia e outros documentos históricos concordam como sendo dos reinados de Davi e Salomão.

Essa deseoberta contradiz, no entanto, a tese defendida por alguns dos mais prestigiosos arqueólogos israelitas, como Israel Finkelstein e Eli Piasetzky, da Universidade de Tel Aviv, para quem os templos, palácios e grandes monumentos de Meggido, Hazon e Jerusalém, atribuídos ao período salomônico, na verdade foram erguidos um século mais tarde, no reinado de Omri e de seu filho Ahab (876-842 a.C.) – conhecida como teoria da baixa cronologia. Finkelstein realiza pesquisas em Meggido, 40 quilômetros a oeste de Rehov. "A importância atribuída pela Bíblia a Salomão e, principalmente a Davi não encontra paralelos na arqueologia", diz Finkelstein. "As datações em Rehov ainda não são definitivas e podem, inclusive, reforçar a baixa cronologia", afirma. ■

MARIA FERNANDA ALMEIDA

LINHA DO TEMPO

Moedas do Brasil

Em mais de cinco séculos, o Brasil teve nove moedas diferentes, mas a maioria surgiu nos últimos 50 anos. Até 1942, a única moeda oficial era o réis, cunhado a partir de 1695. Ao longo dos anos, ele mudou de cara várias vezes. A pataca foi a versão que circulou por mais tempo: 139 anos



© 3

1580 Circulam os REALES HISPANO-AMERICANOS, cunhados no Peru

1645 O FLORIM é a primeira moeda cunhada no país, feita pelos holandeses que ocupavam o Nordeste brasileiro

1695 A Casa da Moeda começa a produzir os RÉIS, cunhados em ouro (dobrões) e prata (patacas)



© 3



© 3

1727 São produzidas no Brasil as primeiras moedas com a figura do governante no anverso e as armas do reino no reverso, um costume europeu. Daí vem a expressão "cara ou coroa"

1808 Com a vinda da família real, os gastos aumentam. Por ordem de D. João VI, surge o patacão

Especialistas acreditam que Billy foi morto por Garret

© 2

ARQUEOLOGIA

DNA vai mostrar quem matou Billy the Kid

Autoridades do Novo México e do Texas, nos Estados Unidos, estão realizando exames genéticos para tentar resolver a polêmica envolvendo a verdadeira identidade de uma das maiores lendas do Velho Oeste, Billy the Kid. Os exames serão feitos nos restos mortais da mãe de Billy, Catherine Antrim, morta em 1874, e nos de Brushy Bill Roberts, que morreu em 1950, aos 90 anos de idade, dizendo ser o verdadeiro "Kid".

Se os testes provarem algum parentesco entre eles, Pat Garret, o xerife de Lincoln, no Novo México, que em 1881 teria matado Billy, passará para a história como um mentiroso que inventou uma fraude para ficar com as glórias de ter eliminado o pistoleiro.

Billy the Kid, também conhecido como Henry McCarty e William Bonney, entre outros nomes, foi um dos mais famosos bandidos do Velho Oeste. Ladrão de gado desde muito jovem, ele lutou pelas tropas legalistas na Guerra do Condado de Lincoln, entre 1878-79, ao lado do próprio Garret. Quando os combates cessaram, o governador Lew Wallace prometeu perdão àqueles que entregassem as armas. Garret topou e tornou-se xerife. Billy não aceitou a oferta e voltou ao crime.

"Ele é comparado à figura de Robin Hood, pois defendia rancheiros e pequenos fazendeiros dos xerifes corruptos da região", diz o historiador Paul Hutton, da Universidade do Novo México. "Os americanos amam a figura rebelde que ele representa e sua idéia de luta por justiça." Billy foi preso em 1881, mas conseguiu fugir e se refugiou numa fazenda em Fort Sumner, a 160 quilômetros de Lincoln. Perseguido por Garret, ele teria sido morto pelo xerife aos 21 anos. Garret se tornou herói. Seu rosto até hoje está bordado nos uniformes dos policiais do Novo México. Agora, os laboratórios Los Alamos e Sandia – duas das mais respeitadas instituições científicas dos Estados Unidos – foram mobilizados para determinar se o tiro do xerife matou o verdadeiro Billy the Kid.

No entanto, para Lula Sweet, diretora do Museu Billy the Kid, no Novo México, a história original não será alterada. "Brushy Bill é uma fraude", afirma. O professor Hutton concorda. "Pat Garret matou Billy em 1881, em Fort Sumner", diz. ■

MARIA FERNANDA ALMEIDA

1822 Em homenagem a D. Pedro I, são feitas as moedas conhecidas como "PEÇAS DA COROAÇÃO". O imperador não gostou do desenho e só 64 delas foram fabricadas. Hoje, é a moeda mais rara do Brasil. Em 1986, uma foi leiloada por 87 mil dólares

© 3



© 3

1834 Os CRUZADOS substituem as antigas patacas

1918 Para facilitar o troco, é cunhado o TOSTÃO, com valor de 100 réis



© 3

1942 A primeira troca de moeda vem com o CRUZEIRO



© 4

1967 O CRUZEIRO NOVO é criado

1970 A moeda volta a se chamar CRUZEIRO

1986 Com a inflação, surge o CRUZADO



© 4

1989 O CRUZADO NOVO substitui o cruzado



© 4

1990 Vinte anos depois, volta o CRUZEIRO

1993 É a vez do CRUZEIRO REAL

1994 O REAL ajuda a eleger Fernando Henrique Cardoso presidente

© 1 Corbis/Stock Photos 2 Sam Hart 3 Museu de Valores do Banco Central do Brasil 4 Omar Paixão

MUSEUS DO MUNDO

Vitrines para o passado

Para quem gosta de tesouros arqueológicos e fósseis de dinossauros, o Museu de História Natural de Nova York é uma das maiores fontes educacionais, científicas e culturais disponíveis em todo o mundo. Suas exposições interativas utilizam as mais novas tecnologias e são consideradas as mais completas e criativas na área de *edutainment* – neologismo que reúne duas palavras em inglês para indicar o casamento perfeito entre educação (*education*) e entretenimento (*entertainement*). Fundado em 1869, o museu ocupa um espaço gigante e nobilíssimo: quatro quadras – da rua 77 à 81 – em frente ao Central Park, em Manhattan. O prédio de quatro andares abriga uma equipe de 200 cientistas, a maior biblioteca de história natural do Ocidente, salas de aula, auditórios, um cinema Imax (tela gigante) e um planetário, onde ocorre, diariamente, uma demonstração do big bang e da evolução cósmica de 16 bilhões de anos.

O acervo inclui artefatos culturais de diversas civilizações, algumas já extintas, e mais de 32 milhões de espécimes animais que vão de dinossauros a borboletas, de mamutes a moluscos. Tudo isso foi coletado diretamente pela equipe do museu em expedições aos cantos mais remotos do planeta, seja no Pólo Norte, na África ou na Amazônia.

Entre os vegetais, há 160 espécies, com mais de 500 mil folhas catalogadas, o maior arquivo que existe desse tipo. Uma floresta tropical recriada dentro de um vidro simula as degradações causadas pelas forças naturais e pelo homem, enquanto uma outra vitrine com o "Espectro da Vida" mostra a diversidade biológica como resultado dos 3,5 bilhões de anos de evolução. Trata-se de mais de 1 500 espécies divididas em 28 grupos – de mamíferos a fungos.

Mas os astros da festa são mesmo os fósseis. O museu possui a maior coleção de ossos de dinossauros do mundo. São mais de 600 espécies (85% das ossadas são reais). As salas, que contam a história da evolução dos supersauros, foram renovadas em 1996 e ganharam novos moradores, como um gigante tiranossauro rex completo.

No total, são 45 galerias permanentes, mas há também as exposições temáticas. Em agosto e setembro está em cartaz a História do Chocolate e, em outubro, estréia uma mostra sobre Petra, a cidade de 400 a.C. que foi escavada numa montanha na Jordânia. ■

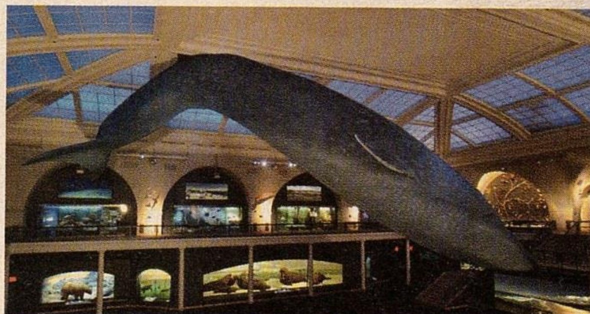
TANIA MENAI



1 MAMÍFEROS PRIMITIVOS Fósseis de mamutes, tigres e camelos, alguns com mais de 10 mil anos de idade



2 POVOS DO PACÍFICO Máscaras cerimoniais de tribos polinésias e redes de pesca da Nova Guiné



3 OCEANO Uma baleia-azul em tamanho real é a estrela principal da sala que traz ainda 750 espécies marinhas



4 **DINOSSAUROS** A maior coleção de fósseis do mundo, com ossos de mais de 600 espécies





MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE NOVA YORK

As dez coisas que você precisa ver

7 **POVOS AFRICANOS** Artefatos, instrumentos musicais e religiosos de diversos povos do continente

8 **POVOS SUL-AMERICANOS** Objetos incas e moches, alguns com 2 mil anos

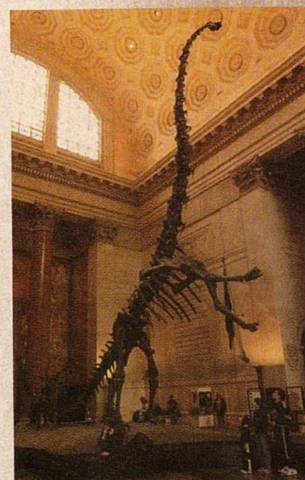
4º PISO

3º PISO

2º PISO

1º PISO

9 **POVOS CENTRO-AMERICANOS** Artefatos astecas, maias e olmecas. Os mais antigos, de 1200 a.C.

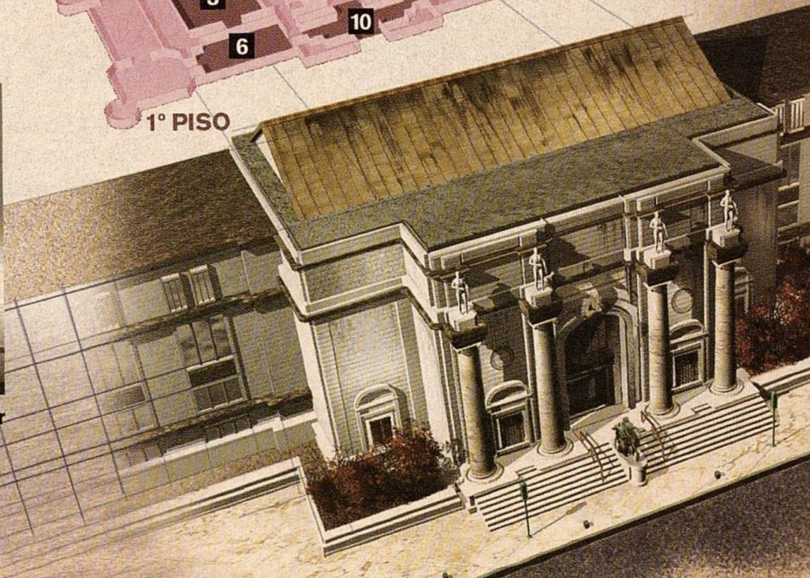


10 **MONUMENTAL** Conhecido como Steve, um fóssil de barossauro dá as boas-vindas aos visitantes

5 **POVOS DA FLORESTA** Artesanato amazônico em cerâmica e penas de animais e pinturas corporais



6 **BIODIVERSIDADE** Informática ajuda a navegar por uma coleção completa de espécies animais e vegetais



VOCÊ SABIA...

... que Roma tem esse nome por causa de uma mulher?

Um fragmento de um texto do poeta greco-siciliano Stesichorus, que viveu entre 638 e 555 a.C., pode botar de cabeça para baixo as teorias sobre a origem do nome da cidade que se transformou num dos maiores impérios de todos os tempos e, ainda hoje, está entre os locais mais visitados do mundo. Stesichorus atribui a fundação a uma mulher chamada, é claro, Roma. Depois da tomada de Tróia, por volta de 1200 a.C., alguns habitantes fugiram pelo mar e, levados pelos ventos, foram parar na costa da Etrúria, ancorando na foz do rio Tibre.

Encantada com a beleza idílica do lugar, Roma teria arquitetado com as outras mulheres um plano para colocar fogo nos navios, obrigando os maridos a permanecer no monte Palatino. Em pouco tempo, o resto do grupo se rendeu também aos encantamentos da região e decidiu homenagear Roma, dando seu nome à nova cidade. O poema relata um lugar cujas características geográficas batem em cheio com a área da cidade. A importância do relato é ainda maior porque Stesichorus nasceu apenas 115 anos depois da data em que se acredita que Roma teria sido fundada.

A teoria chegou para provocar mais polêmica entre historiadores. Alguns especialistas dizem que Roma foi erguida por Romano, filho de Ulisses e Circe. Outra versão é a de que a inspiração veio de um rei dos latinos, Romo. Há ainda a tese que sugere que a origem do nome estaria ligada ao verbo grego *rheo*, que significa "correr, fluir, escorregar". Porém, a história mais corrente é a dos gêmeos Remo e Rômulo, amamentados quando crianças por uma loba. A cidade teria sido fundada por Rômulo em 753 a.C., depois de matar seu irmão.

"A fundação de Roma está envolta em lendas e mitos e deve, por algum tempo, continuar assim. Não há uma informação definitiva", diz Maria Luiza Corassin, especialista em idade antiga da Universidade de São Paulo. ■

JOANNA DE ASSIS

MAURO SOUZA

©1

Cansada da vida no mar, Roma botou fogo nos navios troianos

... que fezes fossilizadas ensinam história?

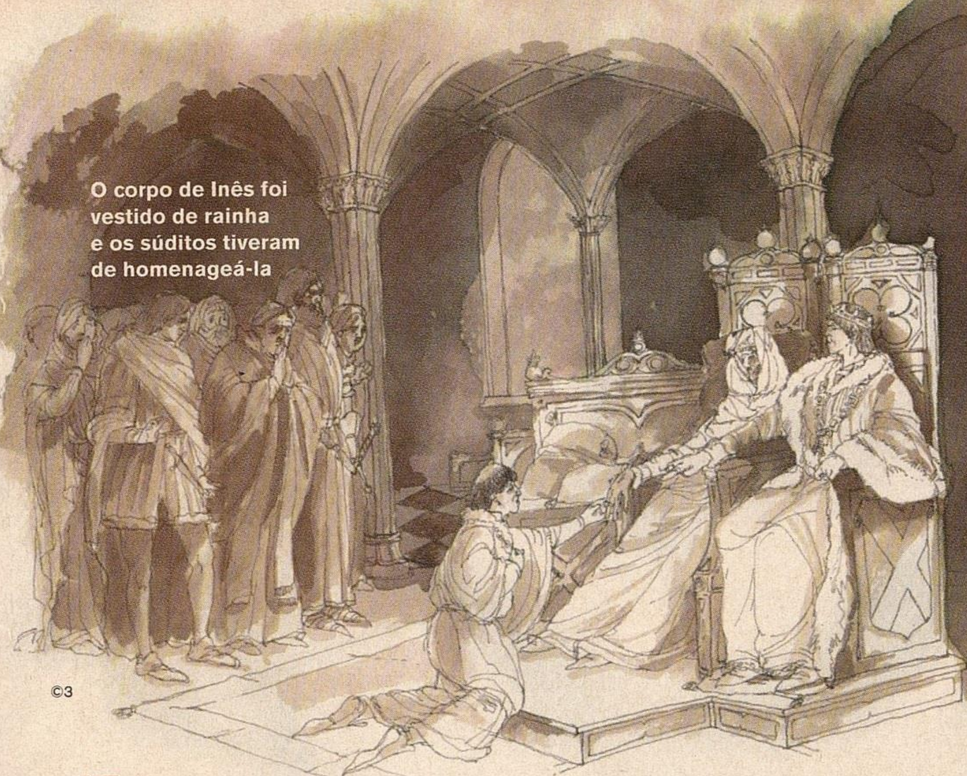
Por mais nojento que pareça, as fezes são ferramentas muito úteis para os historiadores. Excrementos fossilizados podem fornecer informações preciosas. Há inclusive arqueólogos especialistas em análise de coprólitos, a denominação científica para aquilo que o resto de nós chama apenas de cocô.

Encontrar essas preciosidades fecais não é simples. O mais comum é achar o coprólito como um fragmento descaracterizado, como se fosse apenas uma pedra qualquer. Além disso, as fezes são frágeis e rapidamente reintegradas pela natureza. "O coprólito só pode ser encontrado em lugares onde existam condições de preservação, como dentro de uma caverna", diz Paulo De Blasis, arqueólogo da Universidade de São Paulo. ■

J.A.

É possível aprender muito com os coprólitos

©2


O corpo de Inês foi vestido de rainha e os súditos tiveram de homenageá-la

©3

DITO E FEITO

"Agora, Inês é morta"

Hoje, quando queremos dizer que uma situação é irreversível referimo-nos ao triste destino de Inês. Sua história é a de um amor impossível, como o de Romeu e Julieta, mas a diferença é que Inês existiu de verdade: ela e Pedro viveram no século 14. Oitavo rei de Portugal, Pedro reinou de 1357 a 1367. Quando era príncipe, em 1340, ele se casou com Constança, princesa de Castela, num acordo político comum na época. Porém, Pedro e Inês, dama de companhia de Constança, mantiveram um romance por anos e chegaram a ter quatro filhos.

"Não eram raros os casos de adultério de reis e nobres", afirma o historiador Jaime Corrêa, da Universidade de Lisboa. "O romance, no entanto, nunca contou com o apoio do pai de Pedro, Afonso IV, e do clero, os fiadores do acordo entre Castela e Portugal." Após a morte de dona Constança, no entanto, a ligação entre o casal se tornou mais estreita e a nobreza passou a temer que um dos filhos de Inês reivindicasse o trono.

Em 1355, essa tensão alcançou o ponto máximo e, aproveitando que Pedro estava caçando, o rei Afonso ordenou a morte de Inês. Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco executaram a sentença, cortando-lhe a garganta. Quando recebeu a notícia, Pedro avançou em direção à cidade do Porto, pretendendo enfrentar o próprio pai. Porém, foi demovido da idéia pela mãe, dona Beatriz, e pelo seu primo, o bispo de Braga. Resignado, teria dito: "Agora, Inês é morta".

Assim que se tornou rei, no entanto, Pedro mandou prender os assassinos. Pacheco escapou para a França, mas Coelho e Gonçalves foram capturados em Castela e depois torturados (ambos tiveram o coração arrancado) na presença do rei. "A segunda providência foi ainda mais macabra. Alegando ter se casado com Inês às escondidas, Pedro fez com que ela fosse coroada rainha. Seu corpo foi desenterrado e colocado no trono. Durante a cerimônia, Pedro teria ordenado que toda a nobreza e membros do clero presentes ajoelhassem diante do cadáver e beijassem os ossos da mão de Inês", diz Corrêa.

CELSO MIRANDA

TESTE

1 Na França, em 1764, ele tocou piano para a família real em Versalhes, aos 8 anos de idade.
a. Franz Liszt
b. Antonio Vivaldi
c. Wolfgang Amadeus Mozart
d. Frédéric Chopin

2 Presidente francês assassinado por um exilado russo em Paris, em 1932.
a. François Miterrand
b. Giscard d'Estaing
c. Paul Doumer
d. Charles de Gaulle


©4

3 Pelo Tratado de Guadalupe Hidalgo, que colocou fim à guerra entre México e Estados Unidos, em 1848, o México perdeu os territórios de quatro dos atuais estados americanos. Quais são eles?
a. Califórnia, Arizona, Novo México e Colorado
b. Califórnia, Arizona, Texas e Novo México
c. Arizona, Texas, Colorado e Luisiania
d. Flórida, Arizona, Texas e Novo México

4 Fundada em 1524, com o nome de Nova Amsterdã, essa cidade mais tarde se chamaria:
a. Nova York
b. Montreal
c. Roterdã
d. Antuérpia


©4

RESPOSTAS: 1C 2C 3B 4A

EXCLUSIVO!

Estas fotos, inéditas há 58 anos, estão sendo publicadas pela primeira vez em *Aventuras na História*

Os destinos de Benito Mussolini e do soldado Orlando Aversa se cruzaram em abril de 1945. Orlando servia na Força Expedicionária Brasileira em Milão, de onde enviou as fotos do corpo do ex-ditador para a família no Brasil

Desde 1943, com o avanço das tropas aliadas sobre a Itália, quando foi tirado do governo e preso pela liderança do partido fascista da Itália, Benito Mussolini tornou-se um fugitivo. Resgatado da prisão pelo exército nazista, ele se refugiou no norte do país, onde tentou resistir. Em 1945, no entanto, a situação ficou insustentável e ele resolveu deixar a Itália. Disfarçado, Mussolini partiu, ao lado da companheira Clara Petacci, em direção à fronteira da Suíça. Mas não iria muito longe: descoberto, foi preso por membros da resistência italiana, em 27 de abril de 1945. "A 52ª Brigada Garibaldina me capturou hoje, sexta-feira, 27 de abril, na praça de Dongo. O tratamento durante e depois da captura foi correto. Mussolini", escreveu no último documento assinado por ele, um bilhete encontrado em maio de 2003. Julgado sumariamente, Mussolini foi fuzilado ao lado de Clara e dos homens que os escoltavam no dia seguinte, no mesmo local. Seus corpos foram levados até Milão,

Que tal? Conhecem quem è este sujeito e èsta sujeita ... è o cèlebre Mussolini e sua amante que pagaram com a mòrte o sacrificio e a escravidão que ele tão vilmente, vinha impondo ao infeliz povo italiano!
Ela chama-se Petacce, mulher linda, encantadora, amante do Ex- Duce, que tambem não escapou ao destino dos demais: fusilados, e seus corpos pendurados de cabeça para baixo, em plena praça de Milão! Fotografias iguais à èsta, tenho varias porêm, guardo-as comigo para omeu album especial dèsta guèrra, que serà uma coisa interessantissima!
Do teu irmão, Orlando.
Tortona- Piemonte, 8 de VI de I.945.



O texto acima está no verso de uma das fotos enviadas por Orlando *(o segundo, da esquerda para a direita)* ao seu irmão Gregório

Marco Polo foi à China?

Descrições equivocadas, erros de datas e omissões colocam em dúvida a veracidade do relato da viagem do veneziano à China. E até sua própria existência

Por **ISABELLE SOMMA** Ilustrações **ROD REIS**

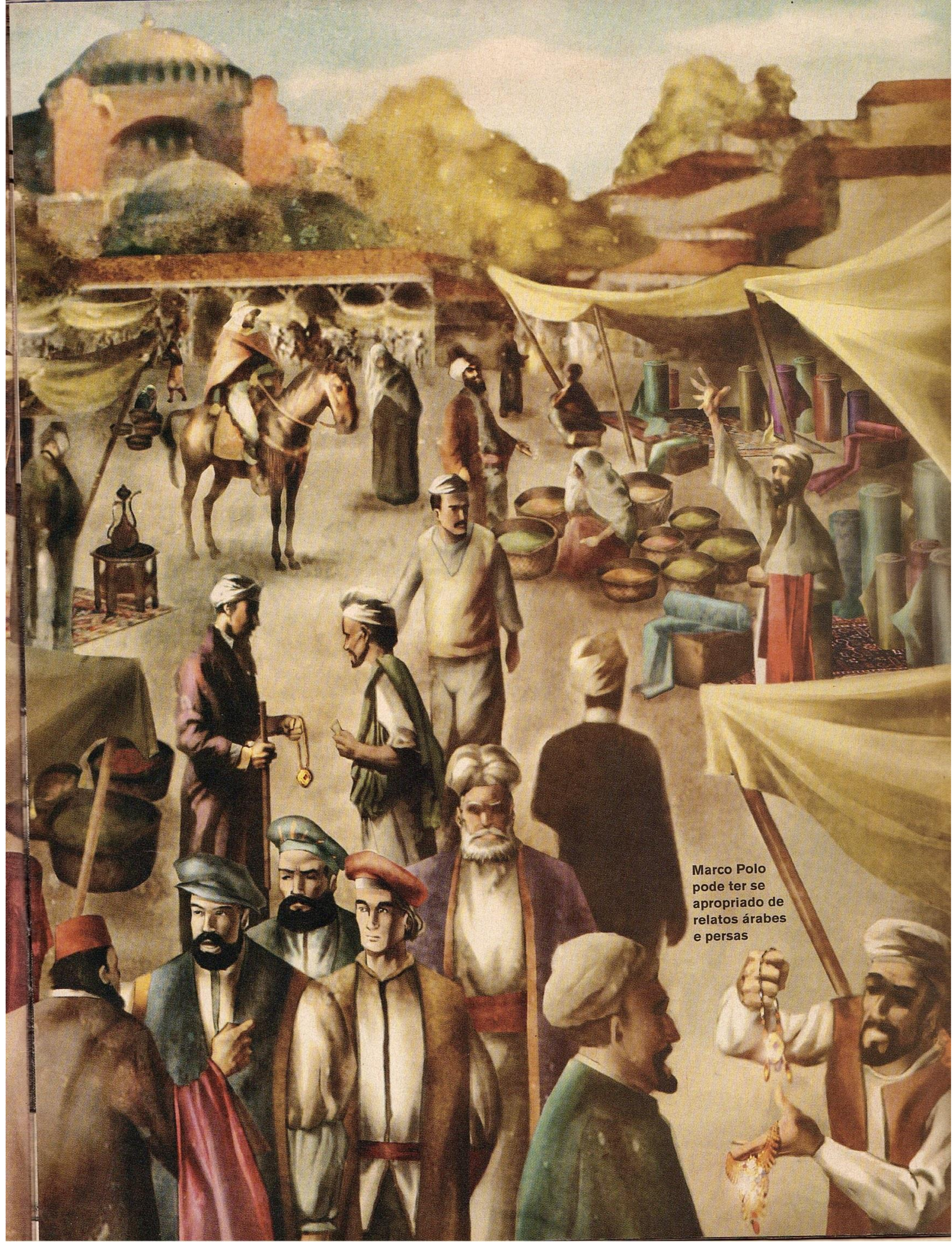
Em 1324, no leito de morte, Marco Polo recebeu a visita de um padre. O religioso foi ouvir a confissão, para que o moribundo pudesse ser perdoado dos pecados cometidos. O principal deles era o hábito de mentir. Polo atraía jovens em sua casa ao relatar histórias inacreditáveis sobre um país distante e desconhecido pelos europeus, a China. Dizia que lá havia dinheiro de papel, pedras negras que pegavam fogo e pratos de barro fino e branco que eram usados para comer. Nem a ameaça de ir para o inferno dobrou o mercador veneziano. "Eu não contei nem a metade", disse ele ao padre.

Na época, Marco Polo era conhecido em Veneza, sua cidade natal, como "Il Milione", um contador de mil histórias fantásticas e pouco dignas de crédito. Afinal de contas, ninguém podia imaginar que, um dia, cédulas de papel substituiriam moedas de ouro, o carvão mineral seria tão usado quanto a lenha e a porcelana tomaria o lugar das cuias de metal. Mesmo antes de isso ocorrer, Marco Polo foi alçado ao Olimpo dos heróis desbravadores de terras desconhecidas graças a sua obra, *O Livro das Maravilhas* – também conhecida como *Descrição do Mundo* ou *As Viagens de Marco Polo*. O relato da fantástica viagem ganhou fama e até fãs ilustres. Um deles foi Cristóvão Colombo, que levou uma edição para usar como guia na jornada rumo ao Oriente. E, como se sabe, o volume tornou-se mais um peso na bagagem do descobridor, que acabou indo parar na muito mais desconhecida América.

Não se sabe se Il Milione mentiu tanto a ponto de estar queimando no inferno até hoje. Mas há fortes indícios de que, no mínimo, ele era um observador relapso. No livro de Marco Polo há uma série de fatos imprecisos, descrições que não correspondem à realidade, omissões e até pistas que podem levar a crer que ele nunca sequer botou os pés na China. "Eu duvido que Marco Polo tenha ido à China e que o texto *Descrição do Mundo* seja um relato escrito por apenas uma testemunha", afirma a historiadora Frances Wood, chefe do departamento de chinês da British Library, em Londres. Segundo ela, ele teria se apropriado de relatos orais e escritos de viajantes persas e árabes ou até do próprio pai, Nicolò, e do tio, Maffeo, que estiveram na década de 1260 em Caracorum, capital dos mongóis, onde teriam se encontrado com Kublai Khan em pessoa.

"Eu acho altamente provável que a base do material (o livro) tenha sido um guia persa para viajantes para o Oriente", afirma a sinóloga britânica. A desconfiança se deve ao fato de que Marco Polo usa nomes persas ou árabes para se refe-





Marco Polo pode ter se apropriado de relatos árabes e persas

tir a pessoas e localidades chinesas. Marco Polo afirma, todo gabola, ter servido à corte do fundador da dinastia Yuan por 17 anos. Mas, mesmo assim, ele nomeia o mandatário mongol da mesma forma que os persas faziam e como o Ocidente o conhece ainda hoje: Kublai Khan. Até a capital da dinastia Yuan, fundada por Kublai, é chamada de Cambaluc por Marco. Mas na China, a cidade era conhecida como Dadu (em mongol) ou Zhongdu (em chinês). É muito estranho que ele use termos estrangeiros depois de quase duas décadas morando no local.

Há ainda um agravante: as semelhanças entre o livro de Marco e o de Rashid al Din (1247-1318), um médico contemporâneo que servia a Oljeitu, khan da Pérsia e parente de Kublai. A grafia do nome de pessoas e de lugares referentes à China se encaixa nos dois relatos. Da mesma forma, ambos cometem erros similares, como a localização do lago Iachi. A diferença é que Rashid al Din era persa e jamais afirmou ter visitado a China.

Mais impressionantes ainda são as coincidências entre as obras de Polo e do viajante árabe Ibn Battuta (1307-1377). Nascido em Tânger, no norte da África, quase 50 anos depois do veneziano, Battuta também descreveu o papel-moeda, o carvão mineral e a porcelana. Polo relata a existência de cisnes gigantes; Battuta menciona galinhas enormes. A descoberta foi feita pelo historiador alemão Herbert Franke, que prefere dar o benefício da dúvida a favor do que afirma Marco Polo em seu livro. Apesar da diferença de meio século entre os dois escritores, Franke também acredita que ambos tiraram informações de uma fonte comum.

Muralha? Que muralha?

Se Marco Polo realmente se apropriou das descrições de terceiros, deixou muita coisa importante de fora. Em seu relato, ele se atém a detalhes sobre comércio, principalmente sobre mercadorias vendidas nos mercados orientais. É compreensível. Afinal de contas, era um mercador, assim como seu pai e seu tio, que o acompanharam nos 24 anos em que esteve viajando. Por outro lado, é difícil entender como, depois de viajar

A cada versão manuscrita, o texto recebia emendas. Resultado: 143

Mil e uma versões

Confirmar a tese de que Marco Polo não foi à China é uma tarefa dificílima. Isso porque o texto original do *Livro das Maravilhas* se perdeu e pouco se sabe sobre ele. Esse pouco se resume à quase certeza de que teria sido escrito em francês ou em um dialeto franco-italiano,

tantos anos pela China trabalhando como emissário do khan, o veneziano não viu ou se esqueceu de relatar a existência da imponente Muralha da China.

A falta de menção da construção levou o inglês sir George Staunton (1781-1859) a comentar, no século 18, que ela não existia no tempo do veneziano. Mas isso não é verdade. As obras da muralha haviam sido iniciadas há pelo menos 15 séculos. O conjunto começou a ser erguido pelo excêntrico Shi Huangdi, que reinou entre 221 a 206 a.C., o mesmo imperador que foi enterrado com um exército de guerreiros de terracota em Xian. A fortificação também era feita de terra e, após a sua morte, ganhou torres e sinaleiros. Somente na dinastia Ming (1368-1644), que ascendeu ao poder cerca de 70 anos após a partida dos Polo, a muralha ganhou a cobertura de tijolos. Por isso, a hipótese mais provável é a de que, na época, a construção estava tão mal conservada que passou despercebida pelos olhos pouco atentos do veneziano.

Marco Polo pecou por outras várias omissões. Muitas delas foram devidamente relatadas por viajantes que estiveram no Oriente no mesmo século em que o veneziano, como a caligrafia. Usada pelos chineses seja em pedras decorativas nos bem cuidados jardins dos aristocratas ou nos papéis-moeda descritos pelo próprio Marco Polo, ela não ganhou uma linha sequer no *O Livro das Maravilhas*. O monge flamengo Guilherme de Rubruck (1210-1270) descreveu a escrita chinesa mesmo sem ter ido à China. Ele esteve em Caracorum na década de 1250 e se surpreendeu com aqueles traços incompreensíveis. Mesmo vivendo entre os chineses por quase duas décadas, Marco Polo não deu ao assunto a mesma atenção que o monge, que por ali ficou apenas três anos. "Em uma mesma viagem, várias pessoas fazem um relato diferente. E, no caso de Marco Polo, ele observou mais o comércio", justifica o professor Mario Bruno Sproviero, professor de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP.

A caligrafia também era base para uma das mais criativas invenções dos chineses, que permaneceu desconhecida na Europa até o século 15: a imprensa. O mercador pode não ter visitado uma oficina tipográfica, mas seria fácil ter percebido a existência de vendedores de livros nos mercados por onde passou e que tanto lhe chamaram a atenção. Como bom mercador, Marco Polo descreve os gêneros alimentícios vendidos nas feiras livres espalhadas por todo o território. Mas deixa de lado os desconhecidos livros, que tinham até um mercado próprio em Suzhou, cidade que ganhou uma longa descrição de Polo.

Um hábito tão comum entre os chineses, o de tomar chá, também foi ignorado por Polo. O chá está para os chineses assim como o cafezinho está para o brasileiro, grosso modo. Mas parece que, no longo período em que esteve na China, Marco Polo provavelmente não sorveu um único gole de chá, apesar de ser quase uma obrigação social. Era costume entre os chineses convidar um amigo para uma cordial visita a uma casa de chá e não à sua própria casa. Por isso, se Marco Polo era tão bem relacionado como conta em seu livro, deveria ter sido convidado pelo menos uma vez para bebericar uma infusão. Costume, aliás, muito comum em cidades como Hangzhou e Suzhou, descritas por ele no livro. Para a defesa de Polo, está o fato de que o hábito só se popularizou no norte da China a partir do final do século 13, quando ele estaria de malas prontas para voltar à Europa. "Ele devia estar mais inserido nas cortes mongóis e a adaptação deles (mongóis) deve ter sido mínima", lembra o professor Mario. Portanto, estando numa corte avessa ao hábito, ele talvez não tivesse tido o interesse de experimentar a bebida.

A mesma justificativa pode também explicar a ausência de um costume bizarro que chamaria a atenção de um viajante de qualquer parte do planeta: dobrar os pés das mulheres para torná-los pequenos. Popular somente entre as altas camadas da sociedade chinesa, a prática consiste em enfaixar os pés das me-

as formas literárias mais usadas na época. Ao longo da história surgiram diversas versões: a mais antiga é de 1351, a mais nova do século 19. Hoje, são 143 e todas muito diferentes entre si. "Os manuscritos tornaram-se mais longos e detalhados. Se alguém estava copiando-o e descobria novidades sobre a China ou o Oriente Médio, simplesmente adicionava a nova informação", afirma a historiadora Frances Wood. A cópia considerada mais próxima do original, usada como base das traduções atuais, é a *Divisement du Monde* ("Descrição do Mundo"). O manuscrito data do final do século 14 e está na Biblioteca Nacional de Paris. Ele também serve de base para dividir as versões da obra de Polo em dois grupos. O primeiro deles reúne os volumes em que fica claro que outros autores deram pitacos, acrescentando passagens sabidamente falsas, como uma visita de Marco Polo ao Japão. No segundo, estão as versões que trazem informações históricas e geográficas que ajudam a esclarecer trechos obscuros do texto da Biblioteca de Paris. Por isso, há quem acredite que Marco Polo tenha feito duas versões de sua obra. Para o professor Mario Sproviero, a primeira foi rejeitada pelos europeus porque apresentava a China como uma civilização equivalente à Europa. "A segunda é muito mais fantasiosa e atendeu melhor ao gosto dos ocidentais."



FUROS NA HISTÓRIA

Mentiroso, farsante ou simplesmente distraído, Marco Polo contou uma história cheia de falhas e erros

A VIDA DE MARCO

1254 Provável ano de nascimento, em Veneza
1271 Juntamente com o pai, Nicolò, e o tio, Maffeo, ele parte para Constantinopla
1275 Chegam a Pequim
1295 Os Polo retornam a Veneza
1298 Marco é capturado pelos genoveses. Na prisão, conhece Rustichello, a quem dita o livro
1299 É libertado e se casa com a conterrânea Donata, com quem tem três filhas
1324 Il Milione morre na cidade em que nasceu

ninas, dobrando-os. As ataduras eram molhadas e, quando secas, encolhiam e apertavam ainda mais. Com os anos, os músculos atrofiavam e os pés ficavam pequenos e pontudos. Esse costume não passou despercebido por outro viajante italiano, o frei Odorico de Pordenone (1265-1331). Em 1330, dois anos depois de voltar da China, o religioso descreveu o costume. Portanto, apesar de Marco Polo afirmar que tinha acesso às camadas mais altas, foi Odorico, celibatário e avesso à companhia feminina, que abordou o tema.

ESTEVE, MAS NÃO ESTEVE

Porém, não foram apenas as omissões que levantaram tantas suspeitas. Os erros também grassam na obra do italiano. De todos os episódios estranhos, o que mais chamou a atenção da pesquisadora britânica é o cerco mongol à cidade de Xiangyang. Esse cerco, relatado também por outras fontes, marcou a derrubada de uma das últimas fortificações da dinastia Sung (960-1279) pelos mongóis. "Meu erro favorito é a alegação de ele ter colocado fim ao cerco de Xiangyang utilizando catapultas, quando nós sabemos que o equipamento foi feito pelos persas", diz Frances. O cerco durou cinco anos até 1273, um ano antes de Marco, Nicolò e Maffeo terem chegado ao Extremo Oriente. A história do cerco e a construção das catapultas por engenheiros de origem persa está devidamente registrada em documentos como a obra de Rashid al Din e a *História de Yuan*, compilada entre 1367 e 1370.

Outra fanfarronice de Marco é a afirmação de que, durante três anos, ele ocupou um alto cargo na cidade de Yangzhou. O problema é que não há nenhum registro de que a cidade tenha sido governada naquele período por um estrangeiro. Há apenas a menção a um certo Boluo que teria sido um funcionário da administração do sal na cidade. Se este servidor for Polo, o exagero foi grande. "Nisso eu acredito plenamente. Ele se deu muito mais importância do que deve ter tido", diz Mario.

A narrativa propriamente dita também ajuda a levantar algumas suspeitas. O itinerário apresentado não é linear. Não é possível fazer um roteiro de viagem com a sucessão de cidades que *O Livro das Maravilhas* apresenta. A narração não é feita em primeira pessoa e há pouquíssimas afirmações categóricas do tipo "Marco viu". Na verdade, é notório que a obra foi escrita por um ghostwriter, o autor de romances cavalheirescos Rustichello de Pisa, que se interessou pelas histórias contadas pelo colega de prisão. Capturado pelos inimigos genoveses em uma batalha naval, em 1298, Polo dividiu a cela com Rustichello por cerca de um ano. Lá, Il Milione relatava suas fantásticas aventuras do outro lado do mundo enquanto o escritor passava a narrativa para o papel.

Mas parece que Rustichello não se limitou a transcrever de forma isenta as



histórias contadas pelo colega. O pisano, que havia vivido na corte do rei inglês Eduardo I, publicou dois romances sobre o lendário rei Artur antes de ser preso. O intrigante é que em *O Livro das Maravilhas* há uma passagem sobre a corte de Kublai Khan semelhante ao contido em um dos livros sobre a Távola Redonda. Esse indício dá força à tese de que o próprio Rustichello teria inventado o personagem Marco Polo, a fim de dar maior veracidade a seu relato. Frances admite que a teoria a seduz. "Eu gosto dessa visão. O prólogo de Rustichello e outras frases foram estudados com muito cuidado e está muito claro que a linguagem e as frases são exatamente iguais às do romance do rei Artur. Ele pode ter tentado escrever um livro sobre as maravilhas do mundo e, depois de achá-lo muito chato e geográfico, acrescentou um personagem para humanizar o todo. Eu acho que é bem possível. Desde que o manuscrito 'original' se perdeu é impossível saber quem ou quantas pessoas estavam envolvidas." ■

SAIBA MAIS

***Marco Polo foi à China?*, Frances Wood, 1997, Record, Rio de Janeiro**

Mesmo quem nunca leu o livro de Marco Polo vai se deliciar com os escorregões que o mercador veneziano cometeu. Wood aponta incongruências entre o livro e a realidade. Mas sempre dá uma chance para a defesa do veneziano. Para cada erro ou omissão, a autora apresenta uma justificativa do que poderia ter ocorrido. Pena que o índice remissivo seja tão mal feito.

A JÓIA DOS Fenícios

Pastores e artesãos, mas sobretudo comerciantes e navegadores, eles criaram no norte da África uma proeminente civilização que rivalizou com gregos e romanos pelo controle do mar Mediterrâneo: Cartago

Por **PABLO VILLARRUBIA MAUSO** Ilustrações **ROGÉRIO NUNES**



A poucos quilômetros de Túnis, capital da Tunísia, o taxista entrou à esquerda. Foi subindo a encosta de uma colina em cujo cume ergue-se uma igreja. Sim, em pleno país muçulmano, os franceses construíram em 1890 a basílica de São Luís. O carro parou na entrada da antiga acrópole de Byrsa, onde várias civilizações deixaram sua marca. Lá do alto contempla-se o Mediterrâneo. Aqui estão as ruínas da mítica Cartago, que um dia foi centro de uma das civilizações mais poderosas do planeta e chegou a ter mais de meio milhão de habitantes.

Como a maioria das grandes cidades do mundo antigo, o nascimento de Cartago está envolto em mitos e lendas. A cidade teria sido fundada por uma princesa chamada Elisa, também conhecida como Dido. Seu irmão, o rei Pigmaleão da cidade fenícia de Tiro, no Líbano (814-813 a.C.), assassinara o tio, Acherbas, sacerdote do templo de Astarté – a deusa fenícia da fertilidade. A briga interna pelo poder levou Elisa a fugir junto com sua irmã rumo à ilha de Chipre, onde conheceram outro sacerdote de Astarté que a elas se juntou com mais 80 mulheres que se dedicariam a fazer sexo com viajantes e outros homens para garantir o povoamento das novas terras.

Os fugitivos aportaram no norte da África, onde Elisa negociou com os nativos seminômades que habitavam a região (líbios da tribo dos maxios) a posse de terras para instalar o seu pequeno grupo. Segundo a lenda, a princesa só poderia ocupar o terreno que cobrisse com uma pele de boi. Astutamente – os fenícios sempre tiveram a fama de fazer bons negócios – Elisa cortou a pele em tiras muito finas e rodeou com elas uma colina chamada Byrsa (em grego, "pele de boi"). O fim de Elisa, ou Dido, no entanto não foi feliz: Yarba, um líder local, se apaixonou pela jovem donzela e a obrigou a casar-se sob ameaça das armas; contrariada, ela se lançou às chamas e acabou com a própria vida. Essa história foi contada, pela primeira vez, por Justino, historiador romano do século I a.C., um dos grandes autores clássicos.

Historicamente, porém, a fundação de Cartago marca o fim do período de "inocência" dos fenícios, que, até então, ocupavam uma estreita faixa de terra na Síria atual, entre a margem do Mediterrâneo e as montanhas do Líbano. "Eles estavam ali havia 3 mil anos, organizados em forma de clãs, e mantinham postos comerciais em territórios vizinhos, com os quais tinham relações quase sempre amistosas", afirma a arqueóloga Karin Mansel, do Instituto Arqueológico Alemão, que integra, atualmente, um dos projetos de escavação em Cartago. Por volta de 1000 a.C., no entanto, os fenícios organizaram uma poderosa federação entre as cidades-estados e, tendo Tiro à frente, iniciaram um processo de expansão sem precedentes. Eles já dominavam a metalurgia, fabricavam ligas de ouro e outros metais, eram excelentes para fazer armas, objetos de vidro e cerâmica. Além disso, praticamente monopolizavam o comércio de algumas das matérias-primas mais valorizadas da época como marfim, pedras preciosas e púrpura, um pigmento extraído de moluscos utilizado para tingir tecidos (daí vem, inclusive, o nome grego pelo qual são conhecidos até hoje: *phoinj* – a raiz da palavra fenício, em grego, significa "vermelho"). Mas eles se destacavam, sobretudo, pela sua numerosa e proeminente frota naval. Era natural, portanto, que sua expansão fosse predominantemente marítima. Eles conquistaram ilhas ao sul da península itálica e portos em toda a costa do Mediterrâneo. No norte da África, o controle sobre a matéria-prima, o aumento da produção e, principalmente, a localização privilegiada fizeram com que a importância de Cartago – cujo nome em fenício, Qart Hadsht, significa "cidade nova", crescesse rapidamente e assumisse uma posição de destaque entre as cidades fenícias. Se na Ásia os fenícios se-

SACRIFÍCIO DE CRIANÇAS

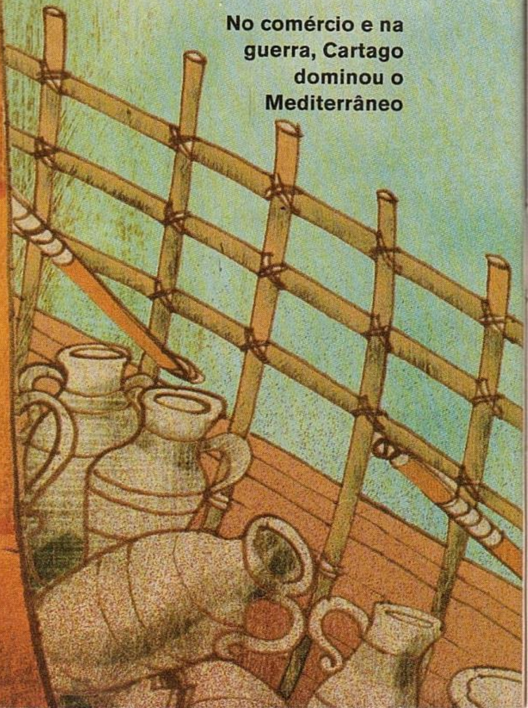
Era de noite. Uma grande estátua de bronze do cruel deus Baal Hammón estende suas mãos sobre o fogo crepitante. "Diante da estátua encontram-se os flautistas e os tamborileiros, que produzem um ruído ensurdecedor. O pai e a mãe do bebê estão presentes. Entregam o bebê a um sacerdote, que avança em direção ao fosso, estrangula a criança e logo coloca a pequena vítima sobre as mãos estendidas da estátua divina, de onde cai sobre a fogueira. O gentio, enlouquecido pelo barulho e cheiro de carne queimada, se movimenta ao compasso de um ritmo demente que se acelera com o retumbar dos tambores. A oferenda de cada nova vítima aumentará esse frenesi coletivo." Assim o arqueólogo francês J. Février descreveu, em 1960, como seria o sacrifício de uma criança, em Cartago. Fevrier havia escavado em Tofet de Salambo, dentro da área velha da cidade, um cemitério gigante, onde estimava haver mais de 70 mil corpos de crianças, que ele especulava terem sido vítimas de um ritual de sacrifício. A versão de Fevrier confirmava os relatos bíblicos que atribuíam a moradores de Moab, Canaã, Tiro e Cartago a prática do sacrifício de crianças. "Não darás nenhum de teus filhos para ser sacrificado a Moloc; e não profanarás o nome de teu Deus" (Levítico,18:21). No entanto, estudando melhor os corpos encontrados em Tofet de Salambo, os cientistas estão chegando a outras conclusões também polêmicas. "É muito provável que houvesse sacrifício de crianças entre os fenícios de Cartago, até porque essa era uma tradição religiosa entre os semitas, incluindo os judeus. Veja a lenda



de Abraão", afirma Carlos Wagner, da Universidade Complutense de Madri, Espanha. "O estado dos ossos e o grande número de corpos só nos mostra que a mortalidade infantil era alta, mas não revelam suas causas", diz. Para John Currid, professor de estudos orientais da Universidade de Chicago, Estados Unidos, os corpos enterrados em Tofet de Salambo são muito provavelmente os de crianças abortadas ou simplesmente descartadas após o nascimento. "Isso era bastante comum em sociedades que ainda não dominavam métodos de contracepção e nas quais as crianças eram vistas como propriedades absolutas de seus pais." O descarte de crianças é comum também em relatos míticos como o de Rômulo e Remo, que teriam fundado Roma, e de Moisés, considerado profeta entre os judeus. "Eliminar crianças era um meio de controle do crescimento populacional. É muito cruel, mas também é muito eficiente", diz Currid.

riam conquistados sucessivamente, a partir do século 8 a.C, por babilônicos, persas e mesopotâmicos, Cartago prosperaria independente. E mais tarde, quando Tiro caiu, em 322 a.C., a cidade assumiria de vez a predominância.

Na fase inicial da civilização de Cartago, sua principal arma de desenvolvimento não era bélica, mas o protecionismo comercial, protagonizado por sua diversificada indústria naval. Ninguém construía barcos como os fenícios e, em Cartago, essa indústria chegaria próxima da perfeição. Suas embarcações mercantis mediam entre 20 e 30 metros de comprimento e entre 6 e 7 metros de largura. A proa era normalmente decorada com a escultura de uma cabeça de cavalo. No casco, eram pintados dois olhos, um de cada lado, cujo objetivo místico era permitir ao barco "enxergar" melhores caminhos. Havia uma vela retangular e era orientado por um timão, na verdade de um leme situado perto da popa. Cartago mantinha rígido controle sobre seus parceiros comerciais, exigindo exclusividade e fidelidade de seus fornecedores. Dominavam portos e rotas de distribuição e assim estenderam sua influência por todo o norte do conti-



No comércio e na guerra, Cartago dominou o Mediterrâneo

nente. Esse controle sobre possessões marítimas é conhecido como talassocracia. Alguns historiadores acreditam que os hábeis navegantes chegaram até as costas de Moçambique, onde negociaram com os vendedores de ouro das minas do atual Zimbábue. Em 654 a.C., eles fundaram uma colônia em Ibiza, uma das ilhas do arquipélago das Baleares, na Espanha.

Apesar das táticas comerciais, o confronto com outras potências da época tornou-se inevitável. No século 6 a.C., uma série de combates colocou frente a frente duas forças mediterrânicas: os cartagineses e os gregos, maior potência da época. Por volta de 600 a.C., a marinha de Cartago impediu que os gregos estabelecessem uma colônia na região onde hoje fica Marselha, na França. Apesar de derrotada, a frota cartaginesa causou tantas baixas entre os gregos que inviabilizou a fixação de uma cidade na região. Cinqüenta anos depois, o general cartaginês Malco atacou a ilha da Sicília e conseguiu romper o domínio helênico.

Dos poderosos estaleiros cartagineses saíam, nessa época, os mais modernos navios de guerra da Antiguidade. Eles eram 2 ou 3 metros mais estreitos que os cargueiros e eram impulsados por remos. Afinal, não se podia depender dos ventos para alcançar os inimigos. Os mais comuns eram os trirremes, que possuíam uma tripulação de até 180 homens e uns 36 metros de comprimento. Embarcações maiores – as penteras – possuíam 40 metros de comprimento. Estavam dotadas de velas e remos e levavam entre 240 e 300 homens.

As primeiras vitórias importantes de Cartago vieram depois de um pacto com os etruscos, no ano 535 a.C. Juntos, eles derrotaram os gregos na batalha de Alalia, na costa ocidental da Córsega. Os etruscos ficaram com a Itália continental e os cartagineses com as ilhas e o setor ocidental do Mediterrâneo.

Mas nenhuma dessas conquistas seria definitiva e, em 480 a.C., os gregos infligiram uma derrota às tropas cartaginesas situadas na costa norte da Sicília, que só reagiriam em 409 a.C., quando iniciaram uma campanha decisiva pelo controle da região. Em 367 já dominavam a Sicília e, em seguida, invadiram a Sardenha a partir de um tratado com Roma, com a qual mantinham uma política de não-agressão.

PELO CONTROLE DO Mediterrâneo, CARTAGO LUTOU CONTRA gregos e romanos

No século 4 a.C., Cartago já era uma poderosa república aristocrática, uma espécie de Veneza antiga, onde os cidadãos estavam submetidos às leis de ricos austeros e disciplinados. Existiam dois organismos políticos importantes: a Assembléia do Povo e o Conselho de Anciões, uma espécie de Senado. Nessa época, o filósofo grego Aristóteles chegou a elogiar as instituições políticas cartaginesas. A constituição de Cartago era considerada mista, ou seja, reunia elementos de cada um dos três grandes sistemas políticos da Antiguidade: o monárquico, o aristocrático (ou oligárquico) e o democrático. Existia também uma espécie de tribunal chamado "Conselho dos Cento e Quatro".

Se não havia paz nas fronteiras marítimas, internamente havia prosperidade e riqueza. No começo do século 3 a.C., o grego Agatocles de Siracusa chegou às portas de Cartago. Diodoro de Sicília (cronista grego do século I a.C., autor da *Biblioteca Histórica*), deixou escrito o que seus compatriotas viram naquele território proibido: "Estava semeado de jardins e pomares de todo tipo, já que muitos rios estavam canalizados e regavam todos os lugares. Apareciam sem interrupção casas de campo edificadas com luxo e pintadas com cal, fato que atestava a riqueza de seus proprietários. Os povoados estavam cheios de tudo o que contribui com os prazeres da vida, posto que os habitantes, em um longo tempo de paz, puderam acumular uma grande quantidade de bens. A terra estava cultivada em parte com vinhedos, em parte com oliveiras, e também era rica em outras árvores frutíferas. Nas outras zonas pastavam nas planícies manadas de bois e rebanhos de ovelhas, e as pradarias próximas estavam repletas de cavalos de pastoreio. Em outras palavras: aquela zona vivia na opulência, uma vez que os cartagineses mais nobres tinham ali suas possessões e, graças aos seus recursos, podiam dedicar-se ao desfrute dos prazeres da vida".

A ascensão de Cartago sobre as possessões gregas aumentou a tensão entre cartagineses e romanos pelo controle comercial do Mediterrâneo. Novamente, o cenário para o confronto estava desenhado e em 264 a.C. começam as Guerras Púnicas ("púnico" era a termo latino para designar os fenícios e mais precisamente os cartagineses, já que estes estavam em contato mais próximo com Roma).

DO INÍCIO AO FIM

814 a.C. Fundação mitológica de Cartago 1 pela princesa Dido ou Elisa

Séculos 5 e 6 a.C. Cartago torna-se grande potência no Mediterrâneo. No século 4 os cartagineses disputam espaço com os gregos na ilha da Sicília 2

264-241 a.C. Primeira guerra contra Roma. Cartago perde a Sicília, a Córsega e a Sardenha 3

241-237 a.C. Revolta dos mercenários

237-229 a.C. Amílcar Barca funda colônias no sul da Hispânia 4

218-201 a.C. Segunda Guerra Púnica. Aníbal atravessa os Alpes. 5 Depois de várias vitórias, ele é derrotado, em 202 a.C. Cartago é obrigada a destruir sua frota e se submete à tutela de Roma

200-150 a.C. Ofensivas de Masinisa, rei da Numídia, contra Cartago 6

149-146 a.C. Na Terceira Guerra Púnica 7, Cartago é destruída e seu território, anexado, após quatro anos de cerco

29 a.C. O líder romano Otávio Augusto promove o repovoamento de Cartago

Século 3 d.C. Apogeu cultural e econômico da Cartago romana

439-553 A cidade torna-se cristã com a invasão dos vândalos

533 Dominação bizantina

698 Ocupação de Cartago pelos árabes. A cidade é abandonada progressivamente

Sob a liderança do cônsul Appio Cláudio Cego, os romanos prepararam-se para uma guerra marítima e construíram uma frota novinha, dotada dos mais modernos instrumentos de guerra. Além disso, treinaram tropas especialistas nessa modalidade de combate. Os romanos introduziram inovações, como o "corvo", uma espécie de ponte móvel que eles lançavam sobre os barcos inimigos para realizar manobras de abordagem. Empregando a nova frota, no ano 260 a.C. Roma obteve uma espetacular vitória em Milazzo, um importante porto na Sicília. Em 247 a.C., os romanos invadiram a ilha, que se transformara numa das principais colônias cartaginesas e era defendida pelo general Amílcar Barca. Os combates se estenderam até 241 a.C., quando os romanos venceram e obrigaram o inimigo a abandonar a Sicília. Como parte da rendição, os cartagineses foram obrigados a aceitar um acordo pelo qual se comprometeram a devolver prisioneiros e a pagar uma grande indenização pelos danos à frota romana.

Atacada em suas possessões pelos romanos, Cartago tinha também problemas internos. Em 238 a.C., soldados mercenários se revoltaram e dominaram a Sardenha, de onde, ajudados pelos romanos, partiram para invadir a vizinha ilha da Córsega. A revolta só seria controlada um ano depois. Mas a época não era só de reveses. Em 229 a.C. Asdrúbal Barca fundou a cidade de Cartagena, na atual Espanha. A península Ibérica seria palco da chamada Segunda Guerra Púnica, a partir do ano 218 a.C. O filho de Asdrúbal, Aníbal, conquistou vastos territórios e suas tropas atravessaram a cordilheira dos Pirineus, a Gália e os Alpes. A campanha em direção ao coração de Roma ficaria célebre pelo uso de elefantes africanos como verdadeiros tanques de guerra. Aliando-se a Felipe V, rei da Macedônia, Aníbal venceu várias batalhas, mas



não deteve o poder de Roma. Em 209 a.C. as tropas romanas marchavam sobre Cartagena e em 204 a.C. o general romano Cipião finalmente desembarcou na África e marchou para Cartago. Aníbal deslocou às pressas suas forças para a outra margem do Mediterrâneo, mas foi derrotado na batalha de Zama. As condições de paz foram desastrosas: Cartago devia renunciar às suas colônias na península Ibérica e na África, destruir sua frota naval e pagar vultosas indenizações.

O período de decadência que se seguiu coincidiu com o predomínio do poder romano em toda a região. Entre a Segunda e a Terceira Guerra Púnica, os romanos conquistaram Macedônia, Grécia, Ásia Menor e Síria. Em 149 a.C. os romanos atacaram Cartago com o pretexto de defender a Numídia, aliada de Roma. O resultado foi que, em 146 a.C., a cidade foi completamente arrasada pelos romanos, que escravizaram cerca de 40 mil homens.

"Os romanos incendiaram a cidade, porém Cartago não foi totalmente destruída naquele ano. Hoje se sabe, graças às escavações, que eles mantiveram algumas edificações e ocuparam a região pelo menos por 100 anos", afirma Karin Mansel. No ano 29 a.C., Otávio Augusto, que mais tarde se tornaria o primeiro imperador romano, fundou sobre a colina de Byrsa – antiga acrópole púnica – a colônia Iulia Concordia Carthago. Para isso ordenou a nivelação do terreno, um trabalho gigantesco que pode ter levado cerca de 20 anos. Entre três e quatro hectares foram arrasados. Por isso nunca saberemos como era exatamente o coração e a alma daquele grande império, com suas muralhas, palácios dos soberanos e o templo de Eshumúm com sua famosa escadaria de 60 escalões, o último bastião defensivo cartaginês. "Tudo isso foi removido junto nos mais de 100 mil metros cúbicos de escombros que foram lançados colina abaixo, acabando com quase todos os vestígios da antiga Cartago fenícia", diz Karin. Na versão romana, a colina foi contornada por muros de contenção. Uma parte deles ainda existe e hoje pode ser vista diante do museu de Cartago. ■

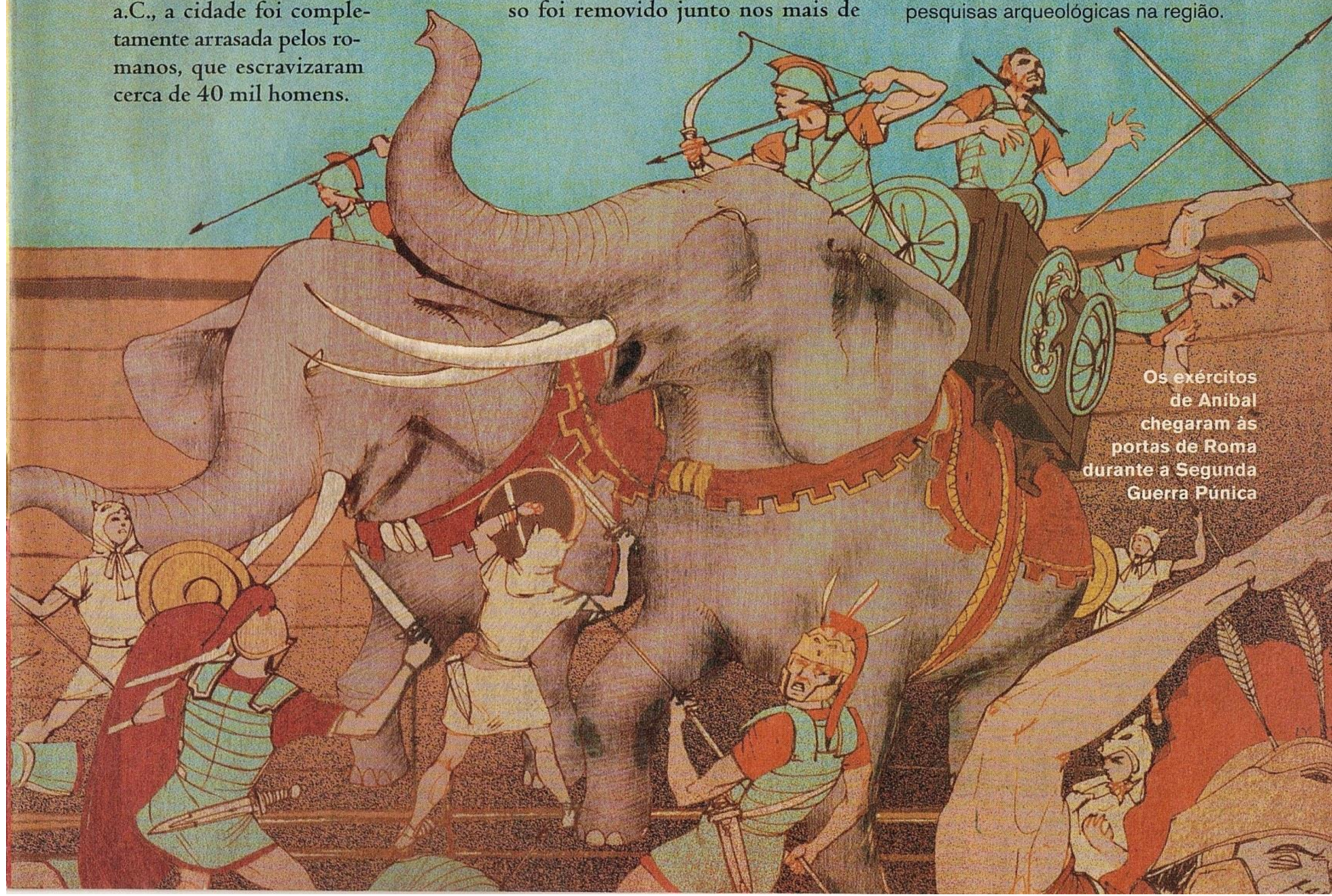
SAIBA MAIS

I Fenici, Sabatino Moscati (coordenador), Bompiani, 1988

Carthage, Serge Lancel, Fayard, 1992

Religión Fenícia, Carlos G. Wagner, Ediciones del Orto, 2002

As duas primeiras obras trazem a historiografia completa de Cartago, desde sua fundação. Já o livro de Wagner trata das recentes pesquisas arqueológicas na região.



Os exércitos de Aníbal chegaram às portas de Roma durante a Segunda Guerra Púnica



CAMARADA Ernesto

Ele abandonou a medicina, a família e seu país para conhecer a América e os americanos. Acabou se transformando num guerrilheiro e lutando pela independência em uma pequena ilha do Caribe, da qual pouco sabia. Morto antes de completar 40 anos, tornou-se um dos símbolos do século 20

Por **JOSÉ ALBERTO GONÇALVES** Ilustrações **DÉBORA BIANCHI E ROBERT VAINDINER**

O muro de Berlim caiu em 1989, levando junto a União Soviética e uma penca de regimes do "socialismo real", mas Ernesto Che Guevara sobreviveu. Argentino de nascimento, cubano por adoção e latino-americano por vocação, o jovem que se tornou guerrilheiro e a mais influente figura da Revolução Cubana, só abaixo de Fidel Castro, foi executado em 9 de outubro de 1967 por uma unidade do Exército boliviano treinada pela CIA, a agência de inteligência do governo dos Estados Unidos.

Che deixou a medicina de lado para lutar por justiça social e se transformou no personagem político mais célebre da América Latina no século passado. Virou ícone universal de rebeldia e desprendimento, alimentando o imaginário e a esperança de jovens, politizados ou não, e entrou para a galeria dos imortais do século 20, ao lado de Mahatma Gandhi, Martin Luther King e John Lennon.

Nascido em14 de junho de 1928, em Córdoba, na Argentina, filho de Ernesto Guevara Lynch e Célia de la Serna, desde pequeno presenciou conversas de seus pais com militantes políticos progressistas. Porém, a política não foi a maior paixão de Ernesto, pelo menos não até sua passagem pela Guatemala, em 1954.

Até então, o que lhe dava maior prazer era viajar e conhecer diferentes culturas, conversar com a gente simples e ajudar pobres e doentes com suas noções de medicina, sempre com pouquíssimo dinheiro no bolso e sem ligar para a aparência. Foi pensando nisso que deixou a faculdade – para desespero de dona Célia – e partiu em ☛

sua primeira grande jornada, em janeiro de 1952. De moto, ônibus e trem, dormindo pouco, comendo mal, sofrendo com ataques de asma, em oito meses ele conheceu grande parte da América do Sul. Ernesto escreveu em seu diário: "A divisão da América em nacionalidades incertas e ilusórias é completamente fictícia".

Esse sentimento o acompanhou para sempre. Voltou à Argentina em setembro para concluir o curso de medicina, mas no ano seguinte partiria novamente. Agora não haveria retorno. Passou pela Bolívia, Equador e Costa Rica, entre outros países, até alcançar o México (*veja mapa na página 39*).

Ali, aonde chegou em 1954, Ernesto viveu um período de ricas e intensas experiências. Sempre precisando de dinheiro, ele trabalhou como fotógrafo durante os Jogos Pan-Americanos, em março de 1955. O emprego fixo e o salário certo deram-lhe alguma estabilidade. Ele trabalhou em hospitais, publicou duas pesquisas sobre alergia – sua especialidade no campo médico – visitou pirâmides e templos maias em Palenque, Chichén-Itzá e Uxmal e fotografou bastante. Em agosto de 1955, Ernesto se casou com a peruana Hilda Galdea, com quem teve sua primeira filha, Hilda Beatriz Guevara.

Mas a vida em família não aquietou seu espírito. Na Cidade do México, ele conheceu Fidel Castro e seu irmão Raúl, líderes revolucionários cubanos que estavam recrutando simpatizantes para uma ação militar contra a ditadura em seu país. Com eles, Ernesto partiu para um treinamento de guerrilha, onde praticou tiro ao alvo, escaladas e condicionamento físico.

Novembro de 1956. É chegada a hora. Che Guevara embarca no Granma, um iate a motor de 12 metros, com outros 81 homens, liderado por Fidel. Seu destino é Cuba. Seu objetivo é a revolução. Desembarcam na praia de Las Coloradas e por pouco Che não é morto no confronto com o exército do di-

DEZ COISAS QUE VOCÊ NÃO SABE SOBRE CHE GUEVARA

1 Argentina, 1952 MOCHILEIRO DA AMÉRICA

No início de 1952, antes de iniciar o último período do curso de medicina, Ernesto Guevara de la Serna estava insatisfeito. Sentia que precisava conhecer melhor as pessoas de quem iria tratar pelo resto da vida. Sentia uma inquietação que o fazia querer ir mais longe, muito além de sua cidade, muito além da Argentina. Ernesto tinha um parceiro em seus anseios: Alberto Granado. Era dele a motocicleta que chamavam de *La Poderosa* – uma Norton de 500 cilindradas –, na qual partiram, em janeiro.

Ernesto levava uma mochila, saco de dormir, um cobertor e uma sacola com mantimentos. A namorada Chichina lhe deu 15 dólares para que lhe comprasse um lenço nos Estados Unidos. A moto só agüentou até o Chile, onde foi abandonada, sem freios. O dinheiro acabou em março e ele passou a depender de quem lhe desse comida, carona e abrigo. Mas foi adiante.

Ernesto não era, então, um revolucionário. Era um jovem incomodado com a pobreza e com as desigualdades à sua volta. Visitou hospitais na Bolívia e ajudou em um leprosário na Amazônia peruana.

No Chile, ao visitar um asilo e conhecer uma senhora asmática, anotou em seu diário: "A pobre dava pena, respirava-se no seu cômodo esse cheiro azedo de suor concentrado e patas sujas, misturado à poeira de umas cadeiras, única mobília da casa. Até quando continuará essa ordem de coisas baseada num absurdo sentido de casta é algo que não sei responder, mas é hora de os governantes dedicarem menos tempo à propaganda das coisas boas de seu regime e mais dinheiro para financiar obras de utilidade social".

2 Guatemala, 1953 GOLPE E REVOLUÇÃO

Quando Guevara chegou à Guatemala o governo de Jacobo Arbenz tentava mudar o país, implementando a reforma agrária e garantindo direitos trabalhistas aos operários. O bom relacionamento de Arbenz com a esquerda fez da Guatemala o destino predileto de perseguidos políticos de toda a América. Ernesto apreciava o clima progressista que se vivia naquele momento e se aproximou de militantes socialistas, principalmente de um grupo cubano de exilados, conhecidos como moncadistas.

A situação no país, no entanto, esquentou. Arbenz irritou latifundiários e grandes empresas, como a United Fruit, multinacional americana, e passou a ser pressionado para renunciar. Em 28 de junho de 1954, a capital foi bombardeada por Honduras, com apoio dos Estados Unidos.

Guevara refugiou-se na embaixada argentina e, em carta enviada à sua mãe, criticou Arbenz e mostrou sua nascente veia revolucionária: "Ele podia ter dado armas ao povo e não quis, e o resultado foi esse".

3 México, 1955
ERNESTO E FIDEL

Fidel Castro chegou ao México em junho de 1955, junto com seu irmão Raúl e outros dissidentes cubanos, com o intuito de organizar a luta armada em Cuba. Eram conhecidos como moncadistas por terem participado do ataque ao quartel de Moncada, em Santiago de Cuba, em 1953, na tentativa de derrubar a ditadura de Fulgencio Batista. Fidel permaneceu preso em Havana até maio de 1954. Foi anistiado e fugiu.

Ernesto conheceu Fidel em julho de 1955 e, menos de um ano depois, deixou o trabalho em hospitais para se integrar ao grupo. Como médico do exército rebelde, participou do treinamento de guerrilha no Rancho San Miguel, a cerca de 55 quilômetros da capital mexicana, e por causa disso foi detido e ficou 57 dias preso. Foi nesse período que Ernesto enviou uma carta à sua mãe, incorporando o Che – apelido dado a ele pelos amigos cubanos – à sua assinatura.

Che poderia ter ficado menos tempo preso se agisse como Fidel, que negou as acusações de conluio com comunistas cubanos e mexicanos. Ao contrário, ele admitiu ser comunista e ainda tentou convencer os militares mexicanos da justeza de sua luta revolucionária. Até hoje Fidel costuma comentar o episódio para exemplificar a honestidade sem limites do amigo.



4 Santa Clara, Cuba, 1958
O GRANDE ROUBO DO TREM

O avanço da guerrilha liderada parecia irrefreável no final de 1958. Para seguir rumo a Havana, no entanto, era preciso tomar Santa Clara, o principal entroncamento de transportes e comunicações da ilha. Com apenas 340 homens para enfrentar as tropas do Exército apoiadas por aviões e tanques, a estratégia de Che era tomar um carregamento de armas que chegaria à cidade em 29 de dezembro. Os guerrilheiros sabotaram os trilhos e o trem descarrilou.

"Os homens eram tirados com coquetéis Molotov do trem blindado, que se convertera em um verdadeiro forno", escreveu Che. Os soldados se renderam, entregando um arsenal de 600 fuzis, 1 milhão de cartuchos, dezenas de metralhadoras, um canhão de 20 milímetros, morteiros e bazucas. Finalmente, eles estavam prontos para Havana.

tador Fulgencio Batista. Uma bala de fuzil o atinge no pescoço, mas ele está entre os 15 sobreviventes que seguem para Sierra Maestra, onde se reagrupam e iniciam a guerrilha.

Na ilha, ele começa sua vida de guerrilheiro como médico, mas depois é alçado ao posto de comandante de uma das colunas do exército rebelde. Torna-se uma das principais figuras do grupo, ao lado de Fidel Castro, Raúl e Camilo Cienfuegos.

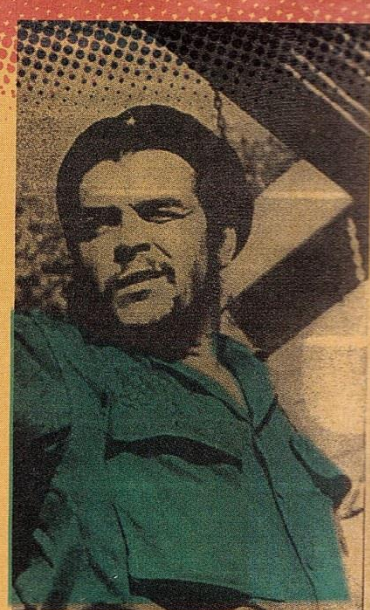
Após liderar a decisiva batalha de Santa Clara, Che entra em Havana nos primeiros dias de janeiro de 1959 e é saudado como um dos responsáveis pela vitória do movimento. Nesse mesmo ano, Che casa-se pela segunda vez, agora com a companheira de guerrilha Aleida March, com quem viria a ter dois filhos e duas filhas. Ao lado de Raúl, passa a ser o principal elo com o Partido Comunista e trabalha para que a revolução cubana adote o caminho do socialismo, o que aconteceria pouco mais de dois anos depois da vitória do movimento guerrilheiro.

Os anos pós-revolução foram de muito trabalho. Che ocupou vários cargos no primeiro escalão do novo governo e negociou acordos comerciais e militares no exterior para romper o isolamento da ilha, que amargava as conseqüências do embargo econômico imposto pelos EUA. Ficou conhecido por seu humor cortante e conduta severa, austera, incorruptível e disciplinada.

Maior ideólogo do internacionalismo de Cuba, umas das principais marcas da revolução cubana, Che pregava que a viabilidade do socialismo na ilha dependia de relações com nações socialistas baseadas na cooperação mútua, incluindo o apoio militar às guerrilhas do Terceiro Mundo.

Algumas biografias de Che apontam que ele e Fidel entraram em rota de colisão, em meados da década de 60. Che queria levar a revolução além das fronteiras da ilha e criticava os soviéticos por não prestarem ajuda a guerri- ☛





© 1

5 Havana, 1959 PAREDÃO

No início do ano, o calor da tomada de Havana e dos combates que se seguiram não arrefecera. Em meio à incerteza quanto ao triunfo do movimento socialista em Cuba, discutia-se o que fazer com os prisioneiros que haviam defendido o governo de Batista, o ditador deposto. Eram militares acusados de tortura, crimes comuns e execução de rebeldes.

Che não escondeu sua posição sobre o assunto. Para ele, a revolução só triunfaria se todos fossem julgados e pagassem as penas que recebessem. Ele defendia a execução dos condenados. E assim foi.

Em La Cabaña – uma antiga fortaleza construída pelos espanhóis no século 18 –, em janeiro de 1959 foram fuziladas dezenas de pessoas, no que ficou conhecido como "El Paredón". Até 1960, entre 200 e 700 pessoas foram mortas. Em *Che Guevara: A Vida em Vermelho*, o escritor mexicano Jorge Castañeda escreveu: "Nem se tratou de um banho de sangue, nem se exterminaram pessoas inocentes. Depois dos excessos de Batista, e em vista da exacerbação das paixões em Cuba, é até surpreendente que a quantidade de execuções tenha sido tão pequena". Mas até hoje os cubanos contrários ao regime de Fidel citam *El Paredón* como um assassínio indiscriminado e culpam Che por ele.

6 outubro de 1962 A CRISE DOS MÍSSEIS

Che era a favor da presença de mísseis soviéticos em território cubano. De fato, ele participou ativamente do acordo militar com o governo soviético que, em julho de 1962, instalou armas nucleares em Cuba, a 150 quilômetros do litoral da Flórida. Para ele, a presença dos mísseis protegeria a ilha de uma invasão.

O presidente americano John Kennedy deu um ultimato aos soviéticos para retirarem as armas. Caso contrário, ameaçava retaliar. No dia 28 de outubro, Kruschev concordou em levar os mísseis de volta. Che e Fidel sentiram-se traídos.

Foi o mais próximo que o mundo chegou da uma guerra nuclear.

7 Congo, 1965
O DESAPARECIMENTO DE CHE

Em 1965, correu a notícia, primeiro em Cuba e depois na imprensa mundial, que Che estava preso em um hospital. Semanas depois, novo boato: ele teria vendido segredos militares de Cuba e desertado. As falsas informações procuravam explicar um fato concreto: Guevara estava desaparecido. E permaneceria assim durante quase oito meses.

Na verdade, Che havia partido para a missão mais secreta da Revolução Cubana. Tão confidencial que só 25 anos depois – em 1990 – foi totalmente confirmada por Fidel Castro. O segredo guardado por tanto tempo era a participação de Guevara – e do governo cubano – na guerrilha na República Democrática do Congo (ex-colônia belga) entre abril e novembro daquele ano. Lá, Che e cerca de 70 cubanos voluntários, financiados por Cuba, juntaram-se ao grupo rebelde local. O objetivo era reinstituir o regime nacionalista de esquerda de Patrice Lumumba, morto em janeiro de 1961.

Os cubanos enfrentaram várias dificuldades, não conseguiam sequer compreender os dialetos locais. Quando perderam o apoio da Tanzânia, os congoleses desistiram da luta. Che anotou em seu diário: "Esta é a história de um fracasso".

8 Havana, 1966
TIO RAMÓN

"Mamá, acho que esse senhor está apaixonado por mim", disse Aliusha a sua mãe Aleida após beijar o homem que conhecia como tio Ramón. Ao ouvir a menina, então com 5 anos, os olhos do velho se encheram de lágrimas. Aliusha era a filha mais velha de Aleida e Ernesto Guevara.

Tio Ramón era Ramón Benítez. E Ramón Benítez era Che Guevara. O disfarce havia sido produzido pelo governo cubano, que criou identidades falsas, nos anos de 1965 e 1966, para que Che pudesse permanecer incógnito em Cuba – bem como entrar e sair do país – e assim poder planejar e executar seu plano de fomentar movimentos de guerrilha socialista pela África e pela América. Ramón era um homem de meia-idade, na faixa dos 50 anos. O disfarce exigiu que Che retirasse boa parte dos cabelos e usasse óculos de aros grossos e dentes postiços.


SEÑAS PERSONALES
SIGNALEMENT
Montevideo
25 junio 1920
casado
castaño
castaño
HIJOS — ENFANTS
Nombre / Nom — Edad / Age — Sexo / Sèxe
IMPRESION DIGITO PULGAR
FOTOGRAFIA DEL PORTADOR
FIRMA DEL PORTADOR / SIGNATURE DU TITULAIRE
Y DE SU ESPOSA / ET DE SA FEMME
IMPRESION DIGITO PULGAR

© 2

Foi um dos momentos mais difíceis de Che em toda a sua vida. Como pai, sofreu por estar enganando as crianças. Mas não lhe restava outra opção. Era a única forma de vê-las. Tudo precisava permanecer em sigilo máximo. O medo de espionagem era enorme e se temia que, caso descobrissem que Che sairia de Cuba, ele fosse perseguido e morto.

9 Bolívia, 1966-1967
PALAVRA FINAL

"Continuamos sem qualquer contato ou esperança de estabelecê-lo em futuro próximo. Continuamos sem a colaboração dos camponeses." Numa das últimas anotações em seu diário, no final de setembro de 1967, Ernesto antevê o fracasso de sua tentativa de estabelecer um foco guerrilheiro na Bolívia. À frente de um grupo de apenas 17 homens, na região de rio Nancahuazú, no meio da selva boliviana, Guevara estava magro, faminto, praticamente desarmado e cansado de fugir do Exército, que o perseguia havia meses.

Em outubro, o grupo foi cercado pelos soldados bolivianos. Sem sua carabina M-2, perfurada por uma bala, e tendo perdido o carregador de sua pistola, Che foi alvejado com um tiro na perna e tentou fugir, mas foi avistado pelo sargento Bernardino Huanca, que o capturou. Ernesto teria dito ao militar: "Não atire. Eu sou Che Guevara. Valho mais para você vivo do que morto".

Depois de passar a noite detido, Che foi executado a tiros perto das 13h30 do dia 9. O corpo foi levado a Vallegrande, onde permaneceu exposto à imprensa e à população até as primeiras horas da manhã do dia 11. Enterrados numa vala comum, os restos mortais só foram descobertos 30 anos depois.

lhas esquerdistas no continente. Fidel, muito mais pragmático e interessado em consolidar o socialismo em Cuba, precisava do apoio financeiro e logístico da União Soviética. Sua filha Aleida Guevara March, hoje com 42 anos, médica alergista em Havana, contesta essa interpretação. "Os setores que tentam utilizar supostas divergências entre o Che e Fidel não são outros senão os historicamente utilizados pela CIA, há muito tempo, com o objetivo de desacreditar a figura do homem que ainda está vivo e demonstrando as falsidades e os crimes do sistema capitalista", diz Aleida.

Che deixou Cuba em 1965. Partiu em segredo para a África e, em seguida, para a Bolívia, onde foi morto a tiros, em outubro de 1967. Trinta anos depois, seus restos mortais foram encontrados em uma vala próxima do aeroporto de Vallegrande, no meio da selva boliviana, e levados para Cuba, onde estão enterrados.

SAIBA MAIS

BIOGRAFIAS

Che Guevara: A Vida em Vermelho,
Jorge Castañeda, Cia. das Letras, 1997

Che Guevara – Uma Biografia,
John Lee Anderson, Objetiva, 1997

DIÁRIOS

De Motocicleta pela América do Sul,
Sá Editora, 2001

***Outra Vez,* Ediouro, 2003**

***Passagens da Guerra Revolucionária – Congo,* Record, 2000**

Diário da Guerrilha Boliviana,
Edições Populares, 1980

Para conhecer a ação no Congo, leia ***O ano em que Vivemos em Lugar Algum,*** **de Paco Ignácio Taibo, Frollán Escobar e Félix Guerra (Scritta, 1995),** e sobre a guerrilha boliviana, ***Che Guevara e a Luta Revolucionária na Bolívia,*** **de Luiz Bernanrdo Pericás (Xamã, 1997)**


© 1

10 Para sempre, Che O HOMEM NOVO

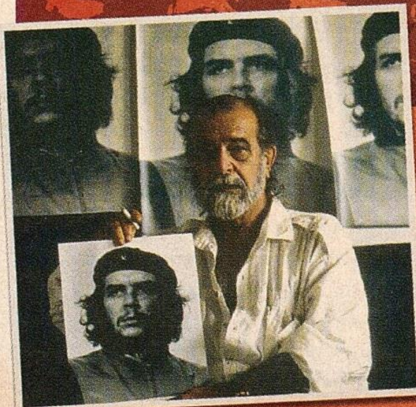
Sem ganhar um tostão, Che Guevara operou uma máquina que cortou 81 900 arrobas de cana na Província de Camaguey durante nove dias, em fevereiro de 1963.

O trabalho voluntário foi uma constante na vida de Che. Desde os tempos de sua primeira viagem, quando visitou hospitais paupérrimos no Peru e indignou-se mais com a pobreza que com a doença. Não foi diferente quando ele, por essas voltas que a vida dá, tornou-se dirigente de um governo em que ele acreditava sinceramente, um sonho que ele ajudou a construir. Em 1963, Ernesto era um dos principais dirigentes do governo cubano, Ministro das Indústrias, viajava pelo mundo, representava seu povo e apertava a mão de presidentes. Mas, voltando a Cuba, colhia cana. Para ele, era uma forma de estimular os demais cubanos a também se dedicarem ao trabalho voluntário, uma das principais características do "homem novo", um dos conceitos formulados por ele, que advogava a necessidade de criarmos uma nova dimensão para as relações entre os homens, baseadas na solidariedade e na justiça social.

Em agosto de 1964, discursando em Havana, Guevara declarou que o trabalho voluntário prepara "o caminho para uma nova etapa da sociedade, onde não existirão as classes e, portanto, não poderá haver diferença nenhuma entre trabalhador manual ou intelectual".

Guevara era comunista e revolucionário. Incorruptível e disciplinado, acreditava que o indivíduo precisa colaborar solidariamente com a transformação. Ele tinha um sonho. E sua rebeldia o levou aonde seu sonho podia alcançar. Por isso, os jovens o amam. Por isso, aqueles que ainda querem ser jovens o amam. Che é o próprio "homem novo".


©


© 2

UM ROSTO PARA A HISTÓRIA
A imagem mais reproduzida de Che foi feita pelo fotógrafo cubano Alberto Korda em 5 de março de 1960. Korda flagrou Che durante uma homenagem às 136 pessoas mortas durante uma explosão em Havana. Na ocasião, Fidel acusou a CIA de sabotagem. Korda morreu em 1994

© 1 Ilustração sobre foto de Alberto Korda 2 Sipa Press 3 Robert Vaindiner

CORAÇÃO AMERICANO

1ª VIAGEM

Buenos Aires
(JANEIRO DE 1952)
Ernesto Guevara parte de moto para conhecer a América. Levava mochila, saco de dormir, cobertor, mantimentos e pouca grana

Santiago
(MARÇO DE 1952)
A motocicleta é abandonada com defeito na embreagem e no freio. Guevara segue viagem de ônibus e de carona

San Pablo
(JUNHO OU JULHO DE 1952)
No Peru, próximo à fronteira com o Brasil, Ernesto ajuda em um leprosário local. Nas horas vagas, joga futebol

2ª VIAGEM

Guatemala
(DEZEMBRO DE 1953)
Guevara aproxima-se dos grupos socialistas. O golpe de Estado contra o governo de Arbenz recrudesce sua disposição revolucionária

Cidade do México
(SETEMBRO DE 1954)
Ernesto viveu mais de dois anos no México. Trabalhou como médico e fotógrafo, casou-se e teve uma filha. Conheceu Fidel Castro e sua turma e tornou-se guerrilheiro. De quebra, ganhou o apelido de Che

Las Coloradas
(NOVEMBRO DE 1956)
Na praia ao sudoeste da ilha, Che desembarca com outros 81 homens e entra em combate com tropas do Exército cubano. Apenas 15 sobrevivem: baleado no pescoço, Che está entre eles

Santa Clara
(dezembro de 1958)
Bem no centro de Cuba, o local é estratégico para o controle dos transportes e da comunicação do país. Ali, liderados por Che, os rebeldes tomaram um grande carregamento de armas. Com isso, a vitória passou a ser uma questão de tempo

Havana
(JANEIRO DE 1959)
Guevara chega à capital como um dos líderes do movimento. Por dois anos, foi um dos responsáveis pela instalação do socialismo e, depois, exerceu várias funções no governo

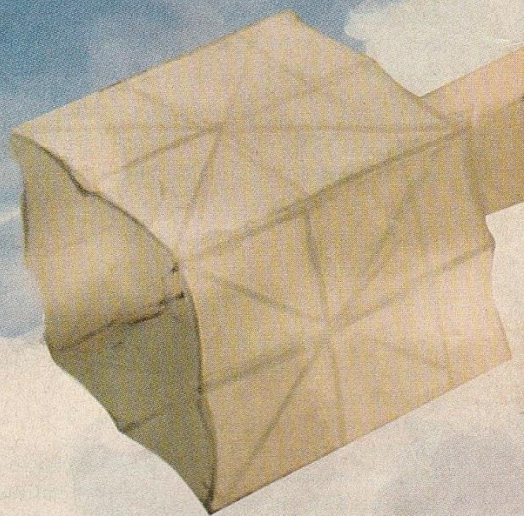
GUERRILHA NA SELVA

Bolívia
(NOVEMBRO DE 1966)
Che chegou disfarçado ao país para organizar um foco guerrilheiro, liderando um grupo de 17 homens. Ele foi capturado e executado pelo Exército boliviano em outubro de 1967, em Vallegrande

QUEM É O PAI?

Os americanos juram que foram os irmãos Wright e já convenceram quase todo o mundo disso. No Brasil, ainda reunimos esforços para mostrar que Santos Dumont é quem merece a fama. Afinal, quem inventou o avião?

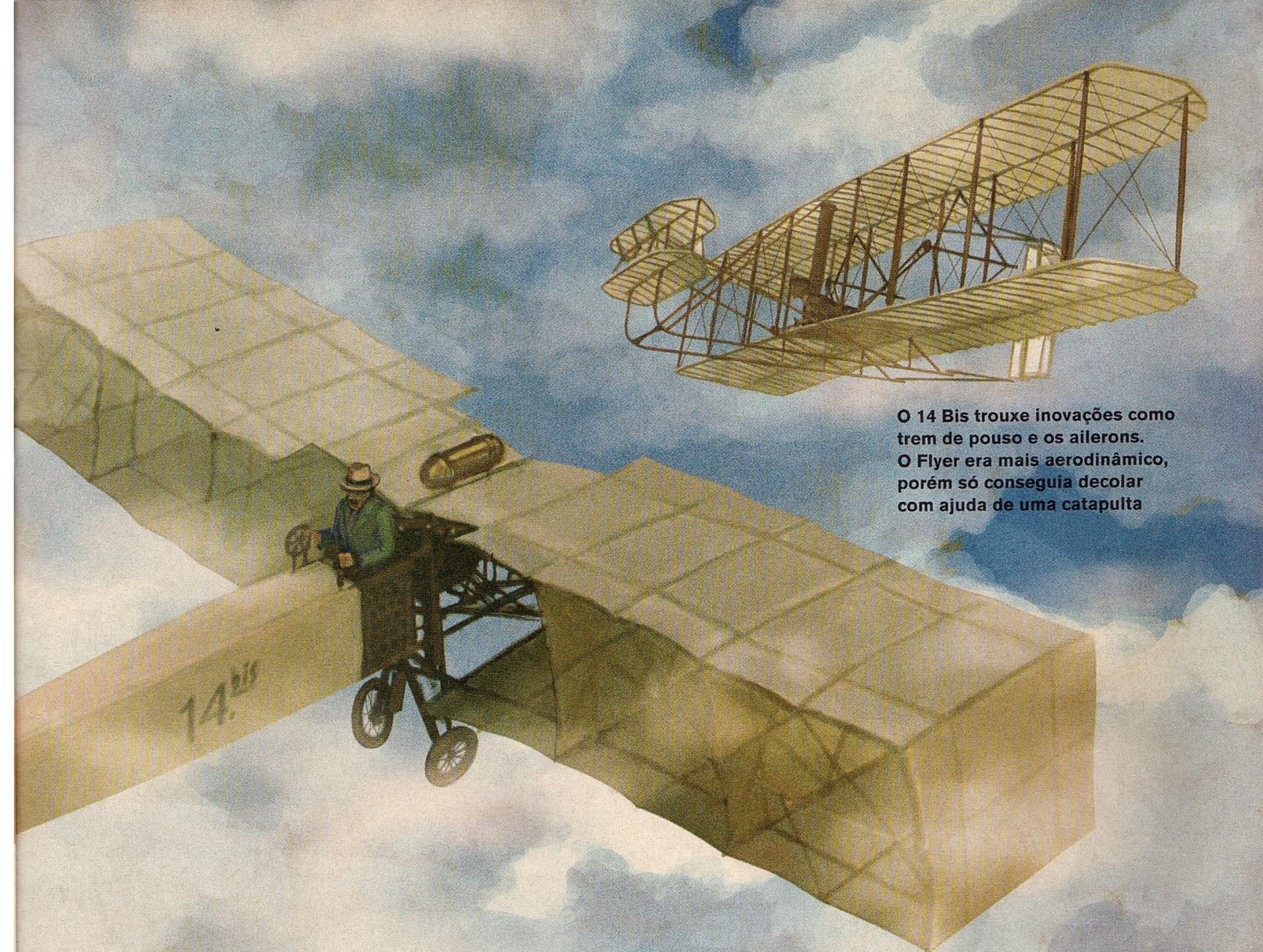
Por **GIBA STAM** Ilustrações **ROBERT VAINDINER**



As invenções que mudam o curso da história não costumam surgir da noite para o dia. São resultado do trabalho árduo de diversos inventores e cientistas, que preparam o terreno para uma descoberta revolucionária. Entretanto, o crédito costuma ir para apenas uma pessoa, que por inventividade, gênio ou até por sorte, acaba dando o passo decisivo. A ele ou ela estão garantidas todas as glórias. Às vezes, porém, é difícil determinar quem merece ter seu nome imortalizado. É o caso da disputa entre Alberto Santos Dumont e os irmãos Wilbur e Orville Wright. Santos Dumont é louvado como Pai da Aviação no Brasil. No resto do planeta, ele é um ilustre desconhecido: o título de desbravadores dos céus cabe aos Wright. Nos Estados Unidos, terra natal dos dois irmãos, festeja-se este ano o centenário do primeiro vôo da dupla, ocorrido em 1903. Aqui, a comemoração será em 2006, quando vão se completar 100 anos desde que Santos Dumont voou com seu 14 Bis. Mas, afinal, qual das datas está correta? Quem foi o inventor do avião?

Para tentar responder essas perguntas, é preciso voltar à virada do século 19 para o 20. "Dois grandes desafios se apresentavam com relação à conquista do ar: a dirigibilidade dos balões (ou seja, a capacidade de controlá-los) e o vôo com aparelhos mais pesados do que o ar", afirma o físico Henrique Lins de Barros, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, em São Paulo. A partir de 1890, as experiências se multiplicaram em ambas as frentes. Havia muita expectativa, o problema é que não existia uma definição para o vôo controlado, nem do balão nem do "aparelho mais pesado do que ar".

Em 1898, foi criado o Aeroclube da França. Com o intuito de estimular a competição e ao mesmo tempo estabelecer marcos históricos definitivos, o Aeroclube criou prêmios que seguiam critérios básicos. Para a dirigibilidade dos balões, foi definido que a experiência seria pública, realizada diante de uma comissão oficial e com data marcada, para evitar que fatores como condições climáticas favorecessem algum concorrente. "Até então, a prática comum era levar um cientista de renome para observar a demonstração e escrever um pa-



O 14 Bis trouxe inovações como trem de pouso e os ailerons. O Flyer era mais aerodinâmico, porém só conseguia decolar com ajuda de uma catapulta

recer, mas os relatos eram subjetivos e carregados de emoção", diz Henrique. Em outubro de 1901, o Prêmio Deutsch – oferecido pelo magnata do petróleo Henri Deutsch de la Meurthe, no valor de 50 mil francos – foi arrematado por Santos Dumont, após contornar a Torre Eiffel a bordo de um dirigível. Sua principal inovação foi acoplar um motor de combustão interna movido a gasolina (que depois ele usaria nos aviões) a um balão de hidrogênio.

Um a zero. No entanto, definir o que seria um vôo de avião seria um desafio bem maior. O assunto era polêmico, e muitas pessoas sequer acreditavam na possibilidade de algo mais pesado do que o ar levantar vôo. A descrença era comum até a célebres cientistas. Em 1895, o físico e matemático britânico Lord Kelvin declarara que "máquinas voadoras mais pesadas que o ar são impossíveis". A ciência, porém, avança contrariando o impossível, e homens cheios de imaginação se lançaram ao sonho de voar. O francês Clément Ader montou um aeroplano em forma de morcego, que chegou a perder contato com o chão, sem ganhar, no entanto, altitude. Samuel Langley, dos EUA, conseguiu fazer um pequeno modelo não-tripulado voar. Entretanto, era Otto Lilienthal quem causava sensação na crítica especializada e de longe se tornara o preferido do público. Voando em planadores inspirados nos pássaros, o alemão mostrou que um vôo eficiente era possível.

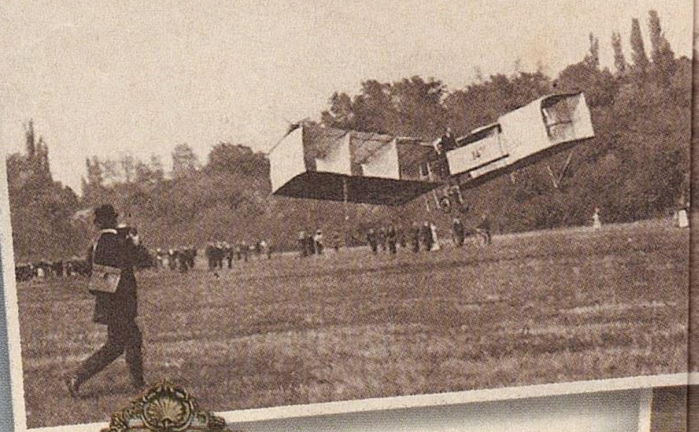
Para o Aeroclube francês, no entanto, planar não era o mesmo que voar. Ainda se discutiam os critérios para determinar o prêmio do primeiro vôo de aparelho mais pesado do que o ar, quando, em 1903, chegou à Europa a notícia de que os Wright haviam realizado os primeiros vôos controlados em um avião. Porém, a única evidência era um telegrama escrito pelos próprios irmãos, contando terem voado contra ventos de cerca de 40 quilômetros por hora. Nos dois anos seguintes, os rumores eram de que eles haviam percorrido distâncias cada vez maiores, chegando a impressionantes 39 quilômetros. "Mas os irmãos não divulgavam uma foto sequer, e não permitiam que testemunhas neutras acompanhassem o experimento", diz Marcos Danhoni Neves, físico da Universidade Estadual de Maringá. Os franceses ignoraram o feito, por falta de provas concretas e também devido ao vento forte, que ajuda o avião a decolar.

Estabeleceu-se que o vôo deveria ser feito com tempo calmo, e que o apa-

relho fosse capaz de alçar vôo sem ajuda de elementos externos (o vento ou uma catapulta, por exemplo). Como no caso dos balões, a façanha deveria ser acompanhada por uma comissão oficial. E foi assim que, no dia 23 de outubro de 1906, foi realizado o primeiro vôo homologado da história. Nos campos de Bagatelle, em Paris, na presença de juízes e de uma multidão de curiosos, Santos Dumont pilotou seu 14 Bis por exatos 60 metros, a uma altura entre 2 e 3 metros. "O homem conquistou o ar!", gritavam as pessoas em terra firme. Pelo feito, o brasileiro recebeu prêmio de 3 mil francos oferecido por Ernest Archdeacon, um dos fundadores do Aeroclube. Menos de um mês depois, em 12 de novembro, ele voou ainda mais longe, 220 metros (a 6 metros de altura), batendo o próprio recorde.

Enquanto isso, os irmãos Wright mantinham segredo sobre sua invenção, apesar dos convites para que fossem demonstrá-la na Europa. "Um dos motivos pelos quais os americanos se recusavam a participar dos eventos franceses era que seu avião, para decolar, usava uma catapulta, com um peso de 700 quilos que descia de uma torre e impulsionava o aparelho para o vôo, algo totalmente fora do parâmetro dos europeus", afirma Marcos. Outra razão para mistério era o medo de que sua idéia fosse roubada. Em 1904, a Feira Mundial de Saint Louis ofereceu prêmio para quem conseguisse voar, mas eles não compareceram. Em 1905 e 1906, tentaram vender o projeto da máquina voadora para o Ministério da Guerra dos EUA e depois para o governo francês, mas recusaram-se a fazer demonstrações e por isso o negócio não foi para a frente.

A conduta dos Wright era bem diferente da de Santos Dumont, que publicava seus projetos. E ao contrário dos americanos, que consideravam sua invenção relativamente acabada, o brasileiro estava sempre testando novas engenhocas. Antes do 14 Bis, ele se esforçara para aperfeiçoar o dirigível. Até 1905, construiu mais oito aparelhos do tipo, sem contar um helicóptero que não decolou e um aeroplano que foi abandonado no meio. Só então voltou-se para o desenvolvimento de uma máquina "mais pesada do que o ar". O próprio Santos Dumont explicou mais tarde a razão da demora: "É que o inventor, como a natureza de Lineu, não faz saltos: progride de manso, evolui". Ele sabia que a decolagem dependia de um motor potente, e enquanto não havia um, seguia explorando os balões.


©1

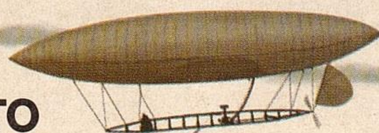

©2

O primeiro vôo homologado da história aconteceu em Paris em outubro de 1906. Santos Dumont voou com o 14 Bis diante de juízes e uma multidão de curiosos

Curiosamente, o primeiro projeto de Santos Dumont era parecido com um avião moderno, mas diferente dos aviões da época. Porém, devido às críticas, ele abandonou a idéia. A cautela estava ligada também a um evento que abalou os pioneiros da aviação: a morte de Otto Lilienthal, cujo avião se espatifou em 1896. "O episódio lançou uma onda de medo entre os inventores, que resolveram adotar a configuração chamada *canard*", conta Henrique. *Canard* quer dizer "pato" em francês e refere-se à posição das asas na parte de trás e o bico na frente. Nessa configuração, o profundor – leme horizon-

PARA O ALTO E AVANTE

O avião não foi inventado da noite para o dia. Foi preciso que homens de coragem (sobretudo para testarem suas engenhocas) e que acreditavam no sonho de voar dessem asas à imaginação



Dirigível N° 6

19/10/1901 – Santos Dumont faz o primeiro vôo controlado com um dirigível, dando a volta na Torre Eiffel e retornando ao ponto inicial, percorrendo 11 quilômetros em pouco mais de meia hora



Flyer

17/12/1903 – Orville e Wilbur Wright fazem o primeiro vôo controlado de um avião propulsionado com motor, percorrendo 852 pés com o Flyer. Mas o avião precisava de uma catapulta para decolagem



14 Bis

23/10/1906 – o brasileiro decola com o 14 Bis no primeiro vôo homologado da história. Ele percorre 60 metros, a 3 metros de altura. Em 12/11, ele bate seu próprio recorde, voando 220 metros, a 6 de altura

©3



©1



Em 1903, Wilbur e Orville Wright teriam conseguido voar, mas as fotos só foram mostradas na Europa em 1908

tal que ajuda a erguer o nariz da aeronave para que ela possa levantar vôo – fica na frente, enquanto nos aviões atuais é localizado na traseira. Os Wright foram os principais divulgadores do *canard* e influenciaram o próprio Santos Dumont, que adotou a configuração no 14 Bis.

Em 1908, os Wright finalmente levaram o Flyer para a Europa e apresentaram pela primeira vez as fotos do vôo de 1903. "A essa altura, todos estavam interessados nos recordes de distância, e os Wright, que de fato tinham desenvolvido melhor a parte de aerodinâmica e controle no ar, sabiam que, nesse ponto, poderiam se sair bem", diz Henrique. Os americanos causaram sensação no Velho Mundo com vôos de mais de 100 quilômetros. Tornada pública, sua invenção ajudou a impulsionar o desenvolvimento da aviação, que atingiria um marco com a travessia do Canal da Mancha (entre França e Inglaterra) pelo francês Louis Blériot, em 1909.

Na comparação, do ponto de vista aerodinâmico, o avião brasileiro sai perdendo. Baseado no conceito das células de Hargrave (caixotes vazados como em pipas japonesas), o 14 Bis acabou ultrapassado. Porém, trouxe inovações importantes: o trem de pouso e os ailerons, que permitem a inclinação para os lados, conferindo maior estabilidade. E há quem defenda que a aeronave dos Wright sequer possa ser considerada um avião. "O que eles inventaram não passa de um planador motorizado. Muita gente se surpreende ao saber sobre a catapulta", diz Marcos, que dá palestras sobre o tema.

A polêmica está cercada de ufanismo, e é provável que jamais possamos dizer com certeza quem foi o primeiro homem a voar. Porém, há um fato curioso. Quase 100 anos depois do feito de Santos Dumont, o 14 Bis voltou a ganhar os céus. Ou quase: trata-se de uma réplica, construída pelo coronel paulista Danilo Flôres Fuchs, que pilotou seu avião diversas vezes, inclusive uma em São Paulo, em 1989, e outra em Paris, em 1991. "Ele é bastante estável e é possível atingir distâncias maiores de 1 quilômetro", diz Fuchs. Nos EUA, sonha-se fazer o mesmo com o Flyer. Existe até uma fundação, a Discovery of Flight Foundation, que se dedica a estudar a façanha dos Wright, construindo réplicas e tentando fazê-las voar. Até hoje, não conseguiram. ■

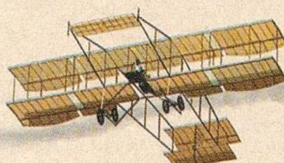
SAIBA MAIS

Na Livraria:
***Santos-Dumont e a invenção do vôo*, de Henrique Lins, Jorge Zahar**
A trajetória do aviador brasileiro é contada por meio dos relatos de pessoas que conviveram com ele, descrevendo o contexto de acontecimentos e idéias que criaram as máquinas de voar. O livro inclui o fac-símile de *A Conquista do Ar*, texto do próprio Santos Dumont.
Na internet:
www.cabangu.com.br/pai_da_aviacao/
www.sdnet.com.br/santos-dumont-o-filme/prod_01.htm
www.first-to-fly.com



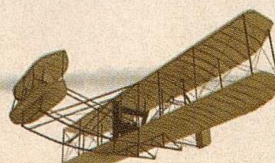
Demoiselle

17/11/1907 – Dumont voa com o Demoiselle. Um dos modelos mais seguros da época, foi produzido por diversas fábricas e virou destaque da Primeira Exposição Aeronáutica, em Paris



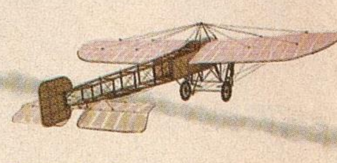
Voisin

13/1/1908 – Com o Voisin, Henri Farman bate o terceiro recorde da história da aviação, fazendo um percurso de 1 quilômetro. Alguns meses mais tarde, bateu sua própria marca e chegou a 2 quilômetros



Flyer

31/12/1908 – Os Wright voam 124 quilômetros e estabelecem um recorde esmagador. Apesar do desempenho no ar, o modelo ainda usava a catapulta para conseguir sair do chão

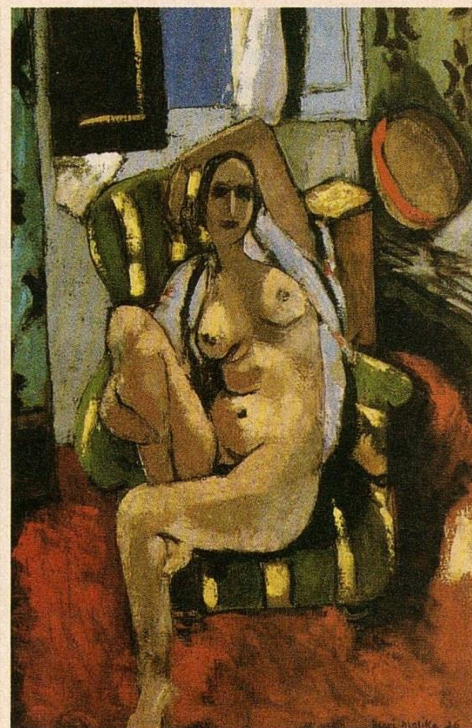


Bleriot

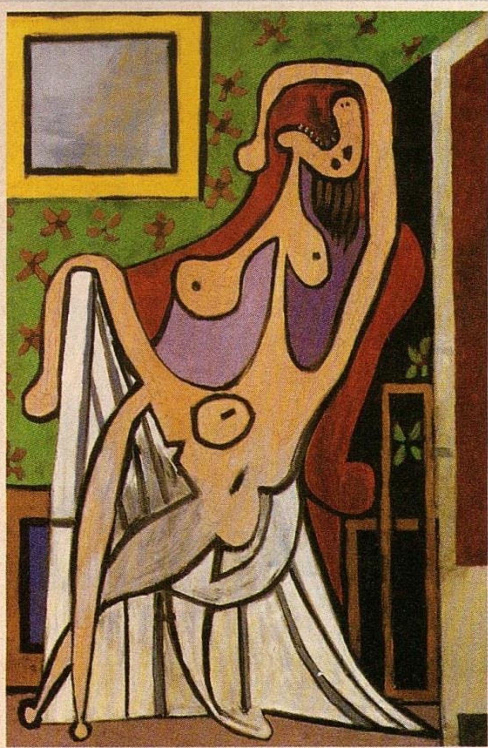
25/7/1909 – Bleriot atravessa o Canal da Mancha em seu monoplano Nº XI, mostrando que era possível transpor as fronteiras naturais entre os países. É o início da era moderna da aviação

© 1 Divulgação 2 Reprodução 3 Biblioteca do Congresso Americano

PICASSO MATISSE



Odalisca com Tamborim, 1926



Grande Nu na Poltrona Vermelha, 1929

Os dois maiores pintores do século 20 têm uma história em comum. Amigos e rivais, eles travaram uma batalha que enriqueceu o mundo das artes e criou algumas das mais belas obras de todos os tempos

Por **SÉRGIO MIRANDA**

Paris, 1906. Na cidade que era o centro do planeta fervilhava o impulso criativo. As transformações tecnológicas, artísticas e sociais não deixavam dúvida: se um mundo estava prestes a nascer, era ali que tudo começaria. Tomada por automóveis ruidosos durante o dia, à noite Paris era iluminada pela eletricidade. Nem os céus estavam livres da volúpia dos homens. Dirigíveis cruzavam o horizonte e aviões arriscavam seus primeiros vôos. Como na Viena do século 18, onde Mozart e Haydn dividiam as atenções, ou a Florença do século 16, em que conviveram Michelangelo e Da Vinci, a Paris do século 20 viu surgir dois gênios das artes: Matisse e Picasso.

Henri Matisse e Pablo Picasso protagonizaram, durante toda a primeira metade do século, uma das mais produtivas convivências da história das artes plásticas, recheada por tudo que uma intensa relação traz: rivalidade, ciúme, provocações, influências e admiração mútua.

"Falar que um influenciou o outro é simplificar ao extremo o que havia entre eles", afirma Anne Baldassari, curadora do Museu Picasso, em Paris. Para ela, a palavra mais adequada para definir o relacionamento entre Picasso e Matisse é diálogo. "Eles se visitavam, trocavam quadros, desenhos e esculturas. E, depois, respondiam sempre por meio de novas obras. Boa parte da arte moderna pode ser explicada somente abordando esse diálogo", diz.

Quando se encontraram pela primeira vez, em março de 1906, Matisse já era reconhecido como a mais importante expressão do movimento *fauve* ("selvagem"), nascido um ano antes em Paris (é claro!). Picasso, 12 anos mais novo, encontrava-se em posição bem diferente. Menino prodígio na Espanha, em 1904 chegou à cidade, onde ainda lutava para ter suas obras aceitas pela crítica francesa.

No início daquele ano, Picasso conheceu a obra de Matisse *A Felicidade de Viver.* Na tela, o mestre francês usa a cor pura numa criação que não se preocupa com o realismo das figuras ou das cores, seguindo os impulsos, as sensações primárias. Isso impressionou Picasso, que convidou-o, por meio de um amigo em comum, para ir a seu ateliê. Matisse, particularmente interessado em conhecer de perto o trabalho de Picasso, aceitou. Algumas semanas depois, a campainha do pequeno sobrado na rua Ravignan tocou. Picasso abriu a porta e deu de cara com um Matisse sorridente. "Olá, Pablo", disse. Picasso ficou feliz, abraçou-o e beijou-lhe a face. "Como vai?"

Embora de personalidades distintas – Picasso tinha um temperamento impulsivo, enquanto Matisse era reservado –, deram-se muito bem. Para Yve-Alain Bois, professor de história da arte da Universidade de Harvard, Estados Unidos, ambos reconheceram no outro, instintivamente, seu único e verdadeiro rival. "A partir daí, passaram a se encontrar com regularidade, freqüentando seus estúdios e iniciando uma relação baseada na competitividade, sem dúvida, mas também na curiosidade e mútua influência."

> "NINGUÉM VIU A OBRA DE Matisse como eu. E FOI ELE QUEM MELHOR enxergou a minha"
>
> PABLO PICASSO

Entre as trocas que se seguiram, Matisse apresentou Picasso à arte africana. "Ele mostrou-lhe uma estátua de madeira do século 19 e Picasso ficou impressionado com ela. No dia seguinte, quando cheguei a seu estúdio, o chão estava coberto por folhas de papel. Em cada uma havia um rascunho quase idêntico: o rosto de uma mulher com apenas um olho, o nariz muito comprido, convergindo com a boca", disse o poeta Max Jacob, segundo relato do escritor André Salmon, no livro *Letters from Paris* ("Cartas de Paris", inédito em português). A mesma figura apareceria no ano seguinte, naquele que seria o quadro mais importante do século 20: *As Senhoritas de Avignon.* Picasso dava a partida para o cubismo, estética fundamentada na destruição da harmonia clássica das figuras e na decomposição da realidade. O cubismo foi um rompimento com tudo e com todos. Inclusive com Matisse.

Para Matisse, as relações entre as cores são mais importantes que a própria cor. "É por isso que não se pode separar desenho e cor", dizia. Ele ficou perplexo frente à dissociação dos dois elementos, mas admirou a facilidade com que Picasso fez isso.

No livro *A Angústia da Influência,* o professor Harold Bloom, da Universidade de Yale, Estados Unidos, transcreve uma entrevista de Matisse sobre essa fase da sua relação com Picasso. "Nunca evitei a influência dos outros. Eu consideraria uma covardia e uma falta de sinceridade comigo mesmo. Acho que a personalidade do artista se desenvolve na luta com outras personalidades." Para Matisse, não havia outros. "Os outros" era Picasso.

Mesmo essa declaração, que parece indicar que Matisse aceitava a ascendência de Picasso, pode ser lida ao contrário. Matisse a fez dias após ver *As Senhoritas...* e reconhecer nelas a influência da arte africana. Será que o francês não insinuou que Picasso é que havia sucumbido?

Nem o divórcio estilístico nem a rivalidade impediram que os dois gênios lambuzassem seus pincéis na palheta alheia. Em 1913, Matisse aventura-se pelo cubismo e pouco depois é a vez de Picasso estudar a linguagem de Matisse. Durante quatro anos Matisse dedicou-se à linguagem cubista e produziu algumas de suas


© 1
1

TRAÇOS PARALELOS

1906 Picasso impressiona-se com ***A Felicidade de Viver*** **1** de Matisse e o convida a seu ateliê. Matisse é levado a conhecer *Retrato de Gertrude Stein*, em que Picasso vinha trabalhando

1907 Picasso inaugura o cubismo com ***As Senhoritas de Avignon*** **2**, obra-prima do século 20

1914 Matisse e Picasso se aventuram no campo alheio. O primeiro tenta o cubismo em *Peixes Vermelhos e Paleta*, e o segundo arrisca o fauvismo, com *Arlequim*

1916 Em ***Lição de Piano*** **5**, Matisse faz sua aproximação máxima do cubismo

1926 Picasso pinta *Odalisca*, rebatizada depois de *Dançarina com Tamborim,* exposta na galeria de Paul Rosenberg. Logo depois, Matisse apresenta sua ***Odalisca com Tamborim***

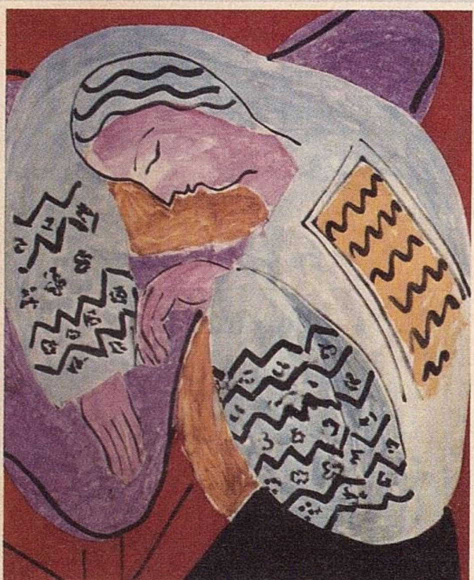
1931 Desenhos de Picasso acompanham a edição das *Metamorfoses*, de Ovídio. No ano seguinte, Matisse ilustra as *Poesias*, de Mallarmé. Do mesmo ano é a obra ***Mulher com Cabelo Amarelo*** **4**, de Picasso

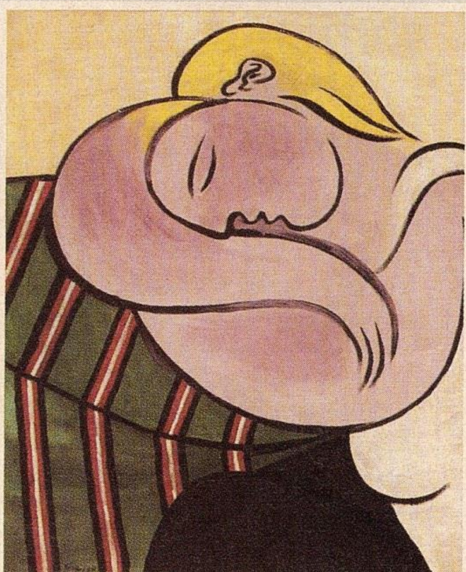
1940 Matisse pinta ***O Sonho*** **3**

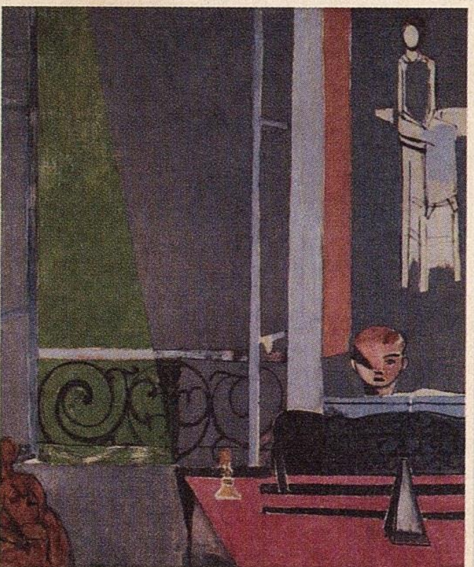
1949 Matisse trabalha na decoração da Capela do Rosário, em Vence. Dois anos mais tarde, Picasso inicia a painéis *A Guerra* e *A Paz*, para a Capela de Vallauris

1956 Após a morte de Matisse, Picasso pinta ***Ateliê na Califórnia*** **6** em homenagem ao amigo. Entre diversos temas matissianos, ele deixa uma tela em branco, estrategicamente posicionada, à espera de Matisse


2
© 2


© 1
3


4
© 3


© 1
5


6
© 2

obras mais assombrosas, mas percebeu que corria um risco muito grande: a abstração. Matisse dá adeus ao estilo com *Lição de Música*, de 1917, uma provocação a Picasso. Dessa vez, a resposta não veio. Justamente nessa fase, Matisse ficou doente e, talvez aborrecido por ter sido ignorado no momento em que mais se aproximou do rival, resolveu se mudar para Nice. Apesar de estar a 700 quilômetros de Paris, para o mundo das artes era como se exilar na Lua.

"Há anos não vejo Picasso. Não tenho a menor vontade de revê-lo, pois ele é um bandido, sempre de tocaia", escreveu Matisse à filha Marguerite, em 1926. O período em Nice não foi bom para ele. Seu estilo tornara-se prudente e conservador demais e a maioria da crítica achava que ele estava no fim da carreira. Na mesma época, Picasso era uma estrela. Um artista mimado por todo o mundo, tanto pela vanguarda (os surrealistas o amavam) como pela clientela endinheirada. Ele dominava o mercado e alcançava preços sempre maiores que Matisse.

Mas, entre festas e vernissages, Picasso pensava em Matisse. "De 1928 a 1930, suas telas, principalmente os acrobatas e as odaliscas, tinham a óbvia pretensão de provocar o rival, de implicar com ele, de incitá-lo a sair da toca", diz Yve-Alain Bois. Matisse resistia. Recluso em Nice, só ia a Paris em caso de necessidade. Em 1933, Picasso fez duas declarações de paz. Em meio às críticas cada vez mais cruéis ao francês, ele homenageou o rival em dois desenhos.

Matisse cedeu e, no ano seguinte, voltaram a se encontrar. Sem a ansiedade de antes, sem a tensão das réplicas, eles passaram a se ver nas galerias (onde descobriram um inusitado interesse comum por Miró), assinaram petições por esta ou aquela causa humanitária ou social. Quando se encontravam em público eram celebridades e, embora não tivessem a mesma fama, isso já não os preocupava tanto. No livro *Matisse Picasso*, Elizabeth Cowling, professora da Universidade de Edimburgo, Escócia, relata uma cena que ilustra esse período: "Ao entrar no Le Coupole, em Montparnasse, Matisse ouviu um burburinho entre os freqüentadores e os garçons correram em sua direção: 'Acham que sou Picasso', disse ele".

O duelo havia se transformado em bailado. "Um foi conquistado pela arte do outro e essa camaradagem transpirou tanto nas relações particulares quanto públicas, mas, sobretudo, na criação artística de cada um", afirma Bois.

Só uma guerra para separá-los. Na França ocupada pelos nazistas, embora em cenários diferentes – Picasso em seu ateliê, em Paris, e Matisse em seu apartamento, em Nice – os dois levavam vidas parecidas. "Saíam pouco, procuravam não chamar atenção e evitavam contato com os alemães", diz Anne Baldassari. Picasso sentia-se ameaçado por ser estrangeiro e passou a ser vigiado – ele e Léger eram os únicos artistas não-judeus proibidos de expor.

Era a vez de Matisse defender o amigo. Ele ficou aborrecido com o boato que circulou em Nova York sobre Picasso. Diziam que o espanhol fora declarado louco e enclausurado num asilo. Matisse escreveu ao filho, Pierre, nos Estados Unidos: "Isso é infame. Ele vive, muito dignamente, em Paris, trabalha, não quer vender quadros, não está pedindo nada".

Na época, a única comunicação entre os dois eram as obras que mandavam um para o outro sempre que havia um portador confiável. E Picasso adorou os desenhos que Matisse lhe enviou. "O motivo sugerido por um deles – mulheres de chapéu – virou uma fixação para Picasso, que as pintou em série. Foram pelo menos nove telas sobre o tema", diz Bois.

Após a guerra, eles combinaram uma exposição conjunta. O plano era rodar o mundo para mostrar que a arte resiste à dominação. Matisse, embora doente, estava animado e queria saber que tipo de molduras Picasso usaria – ele preferia que elas fossem iguais e bem simples. No dia 3 de agosto, ele escreveu num de seus cadernos: "Amanhã, às 4 horas, visita de Picasso. Como vou vê-lo, minha cabeça já começou a trabalhar. Vamos fazer essa exposição diplomática em Londres. Penso numa sala com meus quadros de um lado e os dele de outro. Sinto como se fosse coabitar com um epilético. Vou parecer bem comportado (um pouco ingênuo para alguns) ao lado das suas pirotecnias. Mesmo assim, vou em frente. Não rejeitei essa vizinhança difícil e bem constrangedora. Um dia justiça será feita. No fim das contas, será que ele não tem razão? As pessoas são tão malucas".

Talvez seja esse o mérito de Matisse, na sua relação com Picasso. E certamente era isso que o espanhol mais admirava nele. Matisse não recusou vizinhança tão esmagadora, cruel em sua genialidade quase absoluta. Esse quase era Matisse.

Em 3 de novembro de 1954, Matisse morreu. Picasso não foi ao enterro. Nem atendeu ao telefone, quando a filha de Matisse ligou para avisá-lo. "A indiferença parece puro terror frente à morte do amigo. Durante 50 anos o diálogo com Matisse tinha sido a força que impulsionava sua obra", diz Anne Baldassari.

Mas Picasso responderia ao definitivo silêncio de Matisse. Em 1956, ele pinta *Ateliê na Califórnia*. No meio do quadro, emoldurado por temas obviamente matissianos – como as palmeiras, o motivo botânico das paredes –, uma tela branca sobre o cavalete, bem visível, nos atrai como um amante. O cenário só aguarda a chegada de Matisse. ■

SAIBA MAIS

***Matisse e Picasso*, Yve-Alain Bois, Melhoramentos, São Paulo, 1999**

***Matisse-Picasso*, Elizabeth Cowling (org.), Tate Publishing, Londres, 2002**

O livro de Bois é ótimo. Ricamente ilustrado, ele fornece um painel completo da obra de um e de outro. A publicação organizada por Cowling foi baseada nos textos do catálogo da exposição de Picasso e Matisse no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 2002.

QUINTA-FEIRA,02 DE DEZEMBRO DE 1943

OS TRÊS

Durante a Segunda Guerra Mundial, os líderes de Grã-Bretanha,
de milhões de pessoas. Aliados contra a Alemanha nazista, esses
Ialta e Potsdam (1945) para redesenhar as fronteiras

Por **VOLTAIRE SCHILLING** Ilustrações **JUBRAN**

Poucas vezes na história três estadistas de origem tão diversa e passado político tão distinto estiveram reunidos para decidir sobre o destino de tanta gente. Somente uma guerra sem precedentes poderia unir aqueles três homens, que representavam coisas tão contrárias, ao redor de uma mesma mesa de negociações. Pelos Estados Unidos, lá estava Franklin Roosevelt, com 61 anos, filho predileto de um clã político poderoso que havia mais de meio século mantinha estreitos vínculos com o poder (seu tio Theodore Roosevelt também fora presidente). Em nome do Império Britânico, o primeiro-ministro Winston Churchill, 69 anos, orgulhoso de seus antepassados aristocráticos, entre eles Lord Malborough, célebre capitão-de-armas do século 18. Na outra ponta, o general Joseph Stálin, líder soviético, 64 anos,filho de um sapateiro da Geórgia.

Roosevelt era um entusiasta da democracia e do capitalismo, Churchill sentia-se a própria personificação dos interesses universais do Império Britânico, enquanto o todo-poderoso Stálin era o arauto da revolução proletária e da luta anticolonialista, subversões que vinham abalando o mundo desde 1917. Um deles, o inglês, lutava para manter um império, enquanto os outros dois lançavam-se para ampliar seus próprios domínios.

TEERÃ, DEZEMBRO DE 1943

Stálin, ao longo de 1943, protelou o quanto pôde o encontro com Roosevelt e Churchill, pois temia que os japoneses, então em acirrada luta contra os EUA e a Grã-Bretanha, mas que não estavam em guerra contra a União Soviética, vissem a reunião como um ato hostil. Tudo que Stálin não queria era ter de se preocupar com uma frente de batalha no Pacífico. Ao esticar ao máximo a data do encontro, finalmente marcado para o fim de novembro de 1943, Stálin acabou beneficiado pelos acontecimentos.

Ao contrário de Estados Unidos e Grã-Bretanha, que até então tinham no currículo da Segunda Guerra vitórias militares em frontes secundários, como o norte da África e a Sicília, os trunfos de Stálin eram de impor respeito. O resultado da invasão alemã na União Soviética, iniciada em junho de 1941, havia sido muito diferente da guerra relâmpago travada contra poloneses, holandeses e franceses. As enormes distâncias da Rússia, a falta de estradas para um exército mecanizado e a resistência intensa e desesperada



© Corbis / Stockphotos

NOVO MUNDO

DEZEMBRO 2 QUINTA-FEIRA

Santa Paulina

1826 - Falece o primeiro Visconde da Cachoeira.

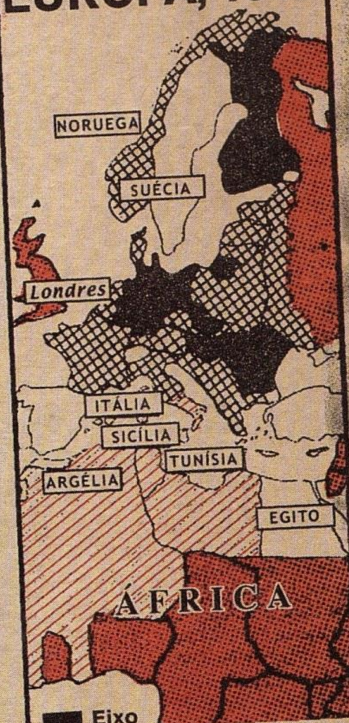
N. 6204

GRANDES

Estados Unidos e União Soviética tiveram nas mãos o destino
homens de origens tão distintas se encontraram em Teerã (1943),
de uma nova Europa. O mundo nunca mais seria o mesmo

TEERÃ – O primeiro-ministro britânico Winston Churchill, o presidente americano Franklin Roosevelt e o líder soviético Joseph Stálin encontraram-se para discutir a conduta da guerra. Ficou acertada a exigência de rendição incondicional da Alemanha, o fornecimento de armas à guerrilha iugoslava e a instalação de um regime não-hostil ao comunismo na Polônia

EXTRA! O AVANÇO DOS SOVIÉTICOS NO *FRONT* ORIENTAL



dos soldados soviéticos contribuíram para que os invasores não conseguissem conquistar nem Moscou nem Leningrado, a ex-capital que foi sitiada por 900 dias. O ponto culminante da resistência aconteceu na batalha de Stalingrado, travada entre 19 de agosto de 1942 e 2 de fevereiro de 1943, quando 100 mil alemães esfomeados e quase mortos de frio renderam-se ao general Zhukov. O mundo inteiro sentiu que o destino da guerra na Europa seria outro a partir daquele momento: Hitler não venceria. A Alemanha não se recuperou das perdas que sofreu – meio milhão de homens e um número incalculável de equipamento bélico.

A esse triunfo espetacular, o Exército Vermelho acrescentou outro, a vitória em Kursk, na Ucrânia, em agosto de 1943. Na batalha, tida como o maior duelo de tanques travado em toda a história, os soviéticos provaram que podiam derrotar os alemães em pleno verão. Assim, Stálin tornara-se o personagem principal daquele primeiro encontro. Foi ele quem escolheu Teerã, alegando que não podia afastar-se muito do *front*. E a pergunta no ar era até onde Stálin iria após expulsar os nazistas e seus aliados do solo soviético.

A primeira preocupação de Churchill, naquela manhã fria, era descobrir os planos soviéticos para a Polônia, rota natural para alcançar Berlim e destruir o regime de Hitler. O premier queria uma Polônia livre, mas Stálin deixou claro que não permitiria a instalação de um regime hostil ao comunismo e que pretendia manter o controle sobre o leste do país, oferecendo em troca parte dos territórios que fossem tomados da Alemanha para acomodar os poloneses refugiados. Churchill não estava em posição de discordar e Roosevelt parecia mais preocupado em deter a sanha imperial do inglês, do que com o destino dos poloneses.

Roosevelt propôs – e os outros dois aceitaram – a tese da "rendição incondicional", isto é, os alemães teriam que depor as armas sem nada exigir. Os aliados não aceitariam acordos. Stálin reclamou que lutava sozinho uma guerra pelo destino de todos e conseguiu dos dois outros líderes o compromisso de abrir um segundo *front* em maio do ano seguinte. A promessa era música para os ouvidos de Stálin, mas não seria cumprida.

Ficou combinado que os "Três Grandes", como passaram a ser chamados pela imprensa, forneceriam armas à guerrilha iugoslava que resistia nos Bálcãs ao cerco de 200 mil soldados alemães. Antes da despedida, Churchill presenteou Stálin com uma espada cravejada de jóias, homenagem à vitória em Stalingrado.

CHURCHILL DEU UMA espada cravejada A STÁLIN PELA VITÓRIA em Stalingrado

IALTA, FEVEREIRO DE 1945

A península da Criméia, situada no mar Negro, ligada à Ucrânia pelo istmo de Perekop, é um pedaço de terra que poucas vezes esteve em paz. Várias vezes invadida e conquistada, permaneceu durante séculos território dos tártaros até que os russos os derrotaram, em 1783.

Entre junho e julho de 1942, a cidade de Sebastopol fora submetida a um implacável sítio quando mais de 560 mil obuses desabaram sobre ela. Consideravam-na "a maior fortaleza do mundo" até que as resistências do general Petrov cederam e Sebastopol rendeu-se aos alemães. A região só fora reconquistada pelos russos no verão de 1944. Quando, depois de uma cansativa viagem, Churchill desceu do avião no aeroporto de Sebastopol, base aeronaval soviética na Criméia, em fevereiro de 1945, viu-se cercado por ruínas. A pobre península parecia um queijo suíço de tão esburacada.

O premier britânico odiou o trajeto percorrido de automóvel até Ialta, local da segunda cúpula dos Três Grandes, realizada entre os dias 7 e 11 de fevereiro de 1945. Tratava-se de uma antiga estação de veraneio da família do czar, situada bem no sul da península da Criméia. Ali, em meio a uma paisagem deslumbrante, ao silêncio e ao clima ameno, Roosevelt, Churchill e Stálin decidiriam o destino de nações e de centenas de povos. Os três estadistas controlavam um território descomunal. Incluindo o domínio da Grã-Bretanha sobre as suas 51 colônias espalhadas pelos mundo, somadas ao território americano e ao soviético, os três exerciam sua soberania sobre mais de 55 milhões de quilômetros quadrados, habitados por um terço da população da Terra. Formavam um clube fechado no qual somente entravam, como exigia Stálin, "quem tivesse mais de 5 milhões de soldados".

Até aquela altura tudo parecia andar bem para os Três Grandes. As vitórias soviéticas ao longo de 1944 tinham sido impressionantes. Uma enorme linha de frente, com mais de 2 700 quilômetros de extensão, partia das águas geladas do mar Branco, no norte da URSS, estendendo-se até as estepes quentes do sul da Ucrânia. Como um implacável rolo compressor de tanques, aviões, canhões e tropas de infantaria, os russos haviam empurrado e parcialmente destruído quase todas as divisões alemãs, italianas, croatas, romenas e húngaras, colocando-as em debandada para fora do território soviético.

Na frente ocidental, após a bem-sucedida operação de desembarque aliado na Normandia no Dia D, em 6 de junho de 1944, quando a Muralha do Atlântico de Hitler foi violada, tudo corria bem. Os nazistas cederam à articulação de milhares de bocas de canhões dos 1 200 navios de guerra das Mari-

nhas americana e britânica, com as esquadrilhas de bombardeios com 3 500 aviões. Em seguida deu-se o assalto às praias da Normandia, tomadas por 90 mil combatentes. E aquela era apenas a vanguarda dos 2 milhões de soldados, das mais diversas nacionalidades, que chegariam ao continente europeu nos meses seguintes. As forças nazistas estavam sendo esganadas, na expressão de Churchill, por "um cinturão de ferro e aço". A vitória era questão de tempo.

As notícias do *front* faziam a conferência em Ialta parecer uma mistura de comemoração com leitura de testamento. As reuniões foram estabelecidas num horário que agradou Churchill: às 5 horas da tarde. O premier detestava acordar cedo e costumava despachar do leito, onde ficava até o meio-dia. Roosevelt também parecia feliz, lisonjeado por ter sido apontado por Stálin como árbitro entre os dois superpoderes europeus, o Império Britânico e a União Soviética.

A principal proposta em discussão era a idéia de Churchill de estabelecer uma política de zonas de influência sobre as áreas liberadas ou a serem liberadas. Por um acordo prévio com Moscou, de outubro de 1944, os britânicos ficariam com a Grécia e metade da Iugoslávia, enquanto Stálin teria domínio quase integral sobre Hungria, Romênia e Bulgária. A questão mais polêmica era a da Polônia. Churchill alegou que a Grã-Bretanha fora à guerra em 1939 para defender a soberania polonesa e não poderia aceitar que aquele país, em véspera de ser ocupado pelo Exército Vermelho, ficasse na órbita soviética.

Stálin retrucou que não se tratava de uma questão de honra, mas sim de segurança. Milhões de russos morreram durante a invasão alemã e grande parte graças a um ataque surpresa que partira do território polonês. Além disso, alegou que britânicos e americanos, quando ocuparam a Itália, não o chamaram para discutir como seria o regime pós-fascista. Stálin não cederia e, de fato, anunciou que já havia criado o Comitê Nacional de Lu-

DIA D EXÉRCITOS ALIADOS INVADIRAM A NORMANDIA

JORNAL DO

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1945

CARTAS NA MES



IALTA – Na rodada de negociações, Roosevelt, Churchill e Stálin decidiram as condições para a entrada da URSS na guerra contra o Japão e determinaram como será a ocupação da Alemanha, com a divisão do país em quatro

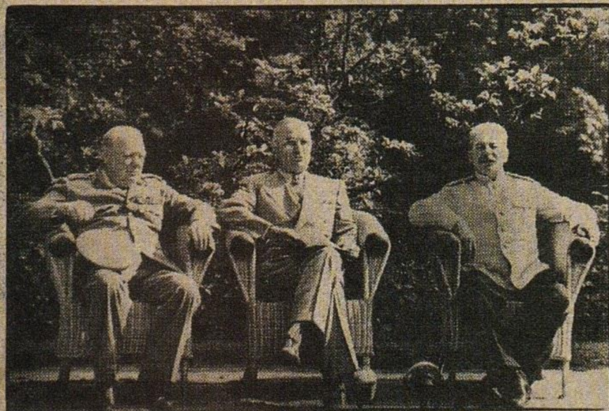


GRANDES MOMENTOS **JORNAL D**

QUARTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1945

PARTILHA DA EURO

Derrotada a Alemanha, Churchill, Truman e Stálin se encontraram para decidir a divisão do espólio de guerra


© 1

POTSDAM - Os líderes das potências mundiais decidiram a remoção da indústria bélica alemã, redefiniram as fronteiras da Europa Central e dos Bálcãs e deram um ultimato ao imperador Hiroito: "Renda-se ou o Japão será destruído!"

EXPLOSIVO! EM TESTE REALIZADO NO DESERTO DO NOVO MÉXICO, O GOVERNO AMERICANO DETONOU A PRIMEIRA BOMBA ATÔMICA

CONTINENTE DIVIDIDO

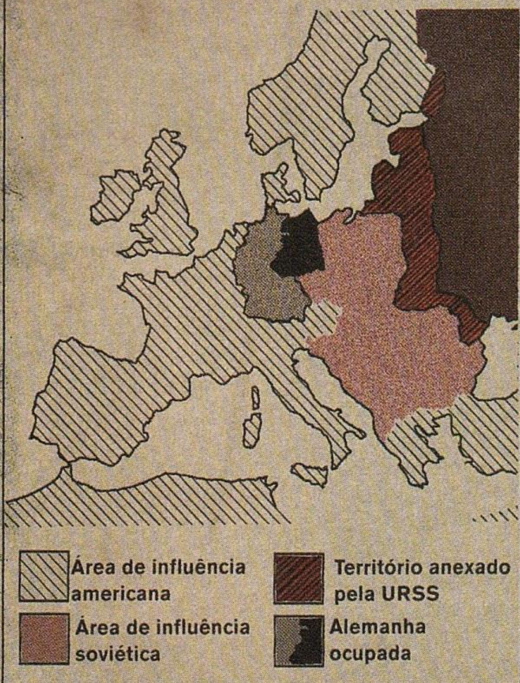


FOTO DO DIA


© 2

Com a tomada de Berlim, o pavilhão soviético é desfraldado sobre as ruínas do Reichstag, o Parlamento alemão

O TEMPO

NOVA YORK: Céu claro
LONDRES: Chuvas fortes
MOSCOU: Céu encoberto
BERLIM: Chuvas ocasionais
TÓQUIO: Parcialmente nublado

blin, formado por exilados poloneses refugiados em Moscou, que assumiriam o controle do país. O máximo que Churchill conseguiu foi um compromisso de Stálin para realizar eleições livres na Polônia, assim que a Alemanha fosse derrotada. Também eram polêmicas as questões de limites entre Iugoslávia, Itália, Bulgária e Áustria e da necessidade de a Turquia participar da etapa final do conflito. Stálin apresentou suas exigências no Extremo Oriente. Para lutar contra o Japão, queria em contrapartida que os "direitos russos" na região (Mongólia e ilhas Sakalinas e Kurilas, perdidas na guerra russo-nipônica de 1904) fossem restaurados e ampliados.

Churchill desistira de cobrar de Roosevelt uma intervenção conjunta nos territórios libertados. Depois de um encontro em outubro, convencera-se de que os americanos preferiam ver os soviéticos controlando os territórios que libertassem do que manter suas tropas na Europa. Roosevelt acreditava na coexistência pacífica com a URSS e disse a Churchill em Ialta que não pretendia acampar no continente muito além de dois anos.

A ocupação conjunta só foi consenso em relação à Alemanha. O país seria dividido em quatro – além dos Três Grandes, a França também controlaria uma parte. Stálin propôs que os alemães indenizassem todos os países atacados desde 1939: usinas, equipamentos industriais, máquinas, navios, tudo seria repartido e 50% ficaria com URSS. Os alemães teriam seus investimentos no estrangeiro expropriados e entregariam as colheitas e permitiriam o uso de sua força de trabalho para reparar os estragos.

Mais radical foi a proposta de Henry Morgenthau, o secretário do Tesouro americano, que defendia a "pastorilização" da Alemanha, isto é, fazê-la voltar à Idade Média, com a remoção completa do parque industrial. Para Roosevelt, a dieta dos alemães deveria ser "sopa de manhã, sopa no almoço e sopa na janta"". O país seria dirigido por um Conselho de Controle e os criminosos de guerra, julgados num tribunal especial.

POTSDAM, JULHO DE 1945

Nos anos seguintes, tornaram-se comuns as críticas à postura de Roosevelt em Ialta. Políticos conservadores o acusaram de ter entregue o Leste Europeu aos soviéticos, acusação de certo modo endossada por Churchill. Roosevelt, no entanto, não pôde se explicar: ele morreu em 12 de abril de 1945, três meses depois.

O fato é que ninguém entregou nada a Stálin. Foi o Exército Vermelho que, na perseguição aos nazistas, levou tudo de roldão. Em 27 de fevereiro de 1945, tropas soviéticas invadiram a Romênia e instituíram um governo pró-comunista. No dia 2 de maio, quando Berlim foi capturada, Bulgária, Polônia, Hungria e Checoslováquia já estavam sob controle de governos alinhados com Moscou.

Na grande política tudo é simbólico. Se Stálin, anteriormente, marcara a cúpula dos Três Grandes para Ialta, local onde o czar passava as férias, de certo modo queria que seus aliados o vissem como o herdeiro legítimo do Império Russo e não um bandoleiro caucasiano, como muitas vezes fora apresentado pela imprensa ocidental. Por isso, quando foi encerrada a guerra contra Hitler e procurou-se um lugar para o reencontro dos vencedores, a escolha recaiu sobre Potsdam. Distante cerca de 20 quilômetros de Berlim, era a morada dos antigos reis prussianos, algo como uma Versalhes na província de Brandemburgo, no coração da antiga Prússia.

Havia sido o refúgio preferido de Frederico, o Grande, que lá construíra o belíssimo palácio de Sans Souci, marco do esplendor de seu reinado. Para os três estadistas que lá se reuniram no verão de 1945, Winston Churchill, Joseph Stálin e Harry Truman (antigo vice-presidente de Roosevelt), melhor escolha não havia para sepultar para sempre a ameaça belicista alemã. Os vitoriosos reuniram-se sobre a tumba dos antigos soberanos da Alemanha derrotada.

Apesar da desolação em que Berlim se achava, Potsdam ainda mantinha a maioria dos seus prédios históricos – saqueados, mas em pé. O discreto mas amplo palácio de Cecilienhof, terminado em 1917, serviu para acolher, a partir de 17 de julho de 1945, os Três Grandes e suas numerosas equipes diplomáticas.

Coube a Harry Truman capitanear as reuniões. Ex-dono de camisaria de Kansas City que chegara à Casa Branca por esses acasos da política, Truman nunca havia sido intimado nos assuntos de governo por Roosevelt, que o considerava insignificante. Assim, era visível seu embaraço diante daquela situação nova. Porém, apesar de matuto e inexperiente, ele era um político de sorte. Um dia antes da reunião, recebeu a notícia do sucesso da explosão da primeira bomba atômica, no deserto do Novo México. Para alguns historiadores, a Guerra Fria começou ali, pois os EUA, com tal poder de destruição, não viam mais motivos para dividir com os soviéticos o controle do mundo no pós-guerra.

NA VÉSPERA, TRUMAN recebeu a notícia DO SUCESSO DO TESTE DA bomba atômica

Churchill, por sua vez, líder do Partido Conservador, foi surpreendido pela derrota eleitoral frente aos trabalhistas em 26 de julho, o que implicou sua imediata substituição do cargo de primeiro-ministro. Sua presença na cúpula foi apenas como enviado do governo.

Em Potsdam, os Três Grandes afirmaram a sentença final da Alemanha nazista. O país seria ocupado pelos aliados e administrado pelos comandantes militares das quatro zonas (americana, britânica, francesa e soviética), que supervisionariam a remoção da indústria e do material bélicos. Cada aliado extrairia as reparações das respectivas zonas – Stálin, como conquistara a Alemanha Oriental, basicamente agrária, exigiu participação no espólio ocidental – e a população alemã seria deslocada dos territórios orientais, entregues aos poloneses.

Técnicos e diplomatas definiram as fronteiras da Europa Central e dos Bálcãs, embora não houvesse representantes desses países na conferência. A declaração final era um ultimato aos japoneses. Ou o imperador Hiroito rendia-se incondicionalmente, ou o Japão seria destruído.

A reunião de Potsdam foi mais longa do que as outras. A situação de paz na Europa permitiu que os Três Grandes pudessem detalhar com mais precisão as decisões. Afinal, tiveram 16 dias para isso, só voltando para casa a partir de 2 de agosto. Ninguém soube dizer se a expressão inalterada de Stálin, quando Truman falou-lhe da bomba atômica, deveu-se a ele já saber do artefato nuclear ou se não se deu conta da potencialidade daquilo. Seja como for, a posse daquela terrível arma deu a Truman, um homem apagado, o degrau necessário para fazer dele um gigante, pronto para enfrentar os soviéticos em escala planetária. ■

SAIBA MAIS

***Total War*, Peter Calvocoressi e Guy Wint, Penguin Books, Londres, 1972**

***Histoire de la Guerre Froide*, André Fontaine, Fayard, Paris, 1965**

***The Roots of American Foreign Policy*, Gabriel Kolko, New Press, NY, 1969**

Muito além da história oficial da Guerra Mundial. Um compêndio que fornece detalhes pouco conhecidos sobre as três conferências.


ARTUR LOPES 2003

GUERREIROS DE ALÁ NA BAHIA

Com uma espada na mão e o Corão na outra, os africanos conhecidos como malês puseram Salvador em pânico numa madrugada de 1835, usando o Islã para unir os escravos contra a opressão

Por **REINALDO JOSÉ LOPES** Ilustrações **ARTUR LOPES**

Os poucos soldados da polícia de Salvador que foram acompanhar o que parecia outra averiguação de rotina sobre escravos rebeldes, numa madrugada sonolenta de janeiro de 1835, provavelmente tiveram a pior surpresa de suas vidas ao dar de cara com aquela cena. De espada em punho, um bando enfurecido de uns 50 homens negros partiu para cima dos incrédulos policiais, gritando "mata soldado" e palavras de ordem em idiomas africanos. De repente, o papel de escolta do juiz de paz Caetano Galião, que comandava a diligência, deu lugar a uma reação desesperada para tentar salvar a própria pele. Carregando afobados as espingardas, os soldados nada puderam fazer para impedir o avanço dos guerreiros africanos, que mataram um patrulheiro e feriram outros quatro, ganhando a seguir as ruas da cidade. Começava o que ficaria conhecido como "levante dos malês", uma rebelião comandada por muçulmanos em plena Bahia.

Esse primeiro esquadrão de revoltosos, impelido a começar o levante algumas horas antes do combinado devido à delação de outros africanos, alertou os demais grupos malês da cidade para se unirem ao combate. No fim das contas, centenas de muçulmanos e seus aliados enfrentaram o Exército nas ruas de Salvador durante a madrugada, no que foi a maior revolta urbana de escravos das Américas. A documentação da época sobre o levante não é muito clara quanto ao objetivo final dos rebeldes, mas há indícios de que eles pretendiam implantar um Estado comandado por africanos islâmicos, no qual até os negros e mulatos nascidos no Brasil teriam um *status* subalterno.

Aos poucos, as investigações do governo baiano sobre o levante foram revelando uma rede clandestina de propaganda islâmica, que unia os escravos que já tinham vindo da África como muçulmanos a outros convertidos no Brasil e a africanos adeptos de outras religiões. Graças ao ambiente um pouco menos sufocante da escravidão urbana na Bahia, os malês conseguiram criar uma organização rebelde bem diferente da representada pelos quilombos, em geral formados por escravos que escapavam de grandes propriedades rurais. "A maioria das mais de 20 conspirações e levantes escravos acontecidos na Bahia na primeira metade do século 19 envolveu escravos rurais dos engenhos do Recôncavo", afirma o historiador João José Reis, da Universidade Federal da Bahia, autor de *Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês, 1835*, um dos principais estudos sobre o tema.

A África e o Brasil que produziram a rebelião malê eram bem diferentes da situação que favoreceu a existência do quilombo de Palmares por quase 100 anos durante o século 17. E isso a começar pela própria região de origem dos negros trazidos para a Bahia no final do século 18 e começo do 19. Em vez das tribos de agricultores angolanos que predominavam no início da colonização, a principal fonte de novos escravos para Salvador e os engenhos de açúcar baianos eram os belicosos reinos da África Ociden- ☛

tal, onde hoje é a Nigéria. "Eram as civilizações mais desenvolvidas da África negra", afirma o historiador Décio Freitas, ex-professor da Universidade Federal de Alagoas.

Donos de tecnologia comparável à da Europa medieval e totalmente integrados às rotas de comércio que uniam a África ao Ocidente, povos como os iorubás, os jejes e os haussás chegaram a formar Estados poderosos, muitos deles já influenciados pelo islamismo. Contudo, naquela época, tais nações não estavam durando muito, dizimadas por uma série catastrófica de conflitos. O destino dos guerreiros derrotados ou o de sua família tanto podia ser o trabalho de pastor escravo no reino iorubá de Oyo, quanto a terrível travessia do Atlântico rumo à Bahia. A moeda que pagava essa viagem sem volta normalmente era o fumo baiano. "É graças a esse rentável comércio de fumo que a Bahia foi a única região do Brasil a receber escravos sudaneses em grande quantidade", diz Décio.

Não demorou muito para que os senhores de escravos percebessem que estavam dormindo com o inimigo, já que décadas de guerras internas ou contra Estados rivais haviam forjado uma forte tradição guerreira entre os africanos recém-chegados. Para João Saldanha da Gama, o conde da Ponte, governador português da província entre 1805 e 1810, os novos escravos pertenciam a "Naçoens as mais guerreiras da Costa Leste" e eram uma séria ameaça à paz.

Dentro de alguns anos, contudo, os baianos se viram às voltas com problemas ainda mais sérios. No rastro da independência do Brasil, foi preciso retomar em combate a própria Salvador das mãos dos portugueses, e a província toda, assim como diversas outras regiões do país, virou palco dos conflitos entre brasileiros e portugueses que permaneceram aqui, sem falar nas rebeliões militares e nas revoltas das camadas mais pobres da população contra a crise econômica. O cheiro de insurreição contra os impopulares regentes, que estavam no poder enquanto o jovem dom Pedro II ainda era menor de idade, estava tão forte no ar que o levante dos malês explodiu no mesmo ano que a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, e a Cabanagem, no Pará.

NAS CIDADES, OS escravos podiam TRABALHAR E JUNTAR algum dinheiro

Como se não bastasse todo esse fermento revolucionário, boa parte dos escravos de Salvador (dos quais 63% tinham nascido na África) gozavam de um grau de liberdade insuspeito. É que, diferentemente dos negros que se esfalfavam nos engenhos, muitos deles nem moravam com seus senhores ou, quando isso acontecia, trabalhavam o dia todo fora de casa. Era a chamada escravidão de ganho, na qual os escravos exerciam os mais variados ofícios (vendedores ambulantes, pescadores, pedreiros, carregadores de cadeiras) para sustentar o próprio dono, trazendo-lhe depois o que conseguiam trabalhando.

LIVRES NA CIDADE

Alguns até podiam ficar com uma porcentagem (ridícula, obviamente) do que ganhavam, e com esse dinheiro compravam mais tarde a própria alforria. Além de gerar um número considerável de libertos (que incluía também os que eram libertados pelo patrão por qualquer que fosse o motivo), esse sistema permitia que os negros montassem sua própria rede de amizades e contatos. Entre os malês, por exemplo, não era raro encontrar um liberto morando no andar térreo de um sobrado que alugava a sua "loja" (uma espécie de porão das antigas casas coloniais) para um escravo e este, por sua vez, alugava um cantinho do lugar a outro amigo.

Foi graças a isso tudo que a revolta começou a tomar forma em Salvador. Inadvertidamente, os traficantes de escravos acabaram trazendo para as praias baianas não só guerreiros experientes, mas também pessoas que freqüentaram escolas onde se ensinava a ler e escrever em árabe, a recitar as suras ou versículos do Corão e a seguir os demais preceitos do profeta Maomé. A maioria dos que tomaram parte no levante parece ter sido de origem iorubá (ou nagô, como se dizia na Bahia de então), etnia africana criadora da religião dos orixás, mas entre a qual o Islã estava em expansão no começo do século 19. A própria palavra "malê" parece vir do termo iorubá *imale*, que quer dizer "muçulmano".

Sujeitos como os escravos iorubás Ahuna e Pacífico Licutan, pessoas experientes, muito cultas e carismáticas, logo se puseram a unir em torno de si seus companheiros que já eram muçulmanos e a espalhar a palavra de Maomé entre outros escravos. Essa pregação incluía ensinar a ler e escrever em árabe, a recitação de passagens do Corão e a distribuição de pequenos amuletos de couro, recheados com trechos do livro sagrado. Esses talismãs foram muito difundidos e eram considerados poderosos até por quem não era islâmico.

Aparentemente, a idéia de uma revolta só foi tomando corpo devagar. A princípio, os malês se contentavam em organizar um fundo comum para pagar alforrias uns dos outros, ou em ☛

MADRUGADA DE SANGUE

O centro de Salvador foi palco de uma batalha de morte



1 LADEIRA DA PRAÇA
Cerca de 60 africanos iniciam a revolta, depois de receberem voz de prisão de um juiz de paz e de soldados da polícia. Armados de facões e pequenas espadas, eles ferem gravemente um tenente e começam a percorrer a cidade, arrastando outros colegas consigo

2 PRAÇA DO PALÁCIO
Os rebelados tentam libertar o líder Pacífico Licutan da cadeia, mas ficam sob fogo cruzado entre os guardas da prisão e os soldados do palácio do governo

3 CONVENTO DE SÃO BENTO
Os malês perseguem e encurralam civis e militares no quartel do convento. Porém, a tentativa de tomá-lo acaba em grande número de baixas

4 LARGO DA LAPA
O grupo principal de rebeldes já reúne algumas centenas e força 32 soldados a entrar no quartel. Matam dois deles, mas o resto se entrincheira e consegue repeli-los

5 TERREIRO DE JESUS
Em novo confronto em frente ao antigo convento dos jesuítas, os malês são mais uma vez massacrados. Cansados e praticamente desarmados, eles decidem deixar a cidade

6 ÁGUA DE MENINOS
Cerca de 200 malês passam em frente a um quartel da cavalaria no caminho para o Recôncavo. Os soldados dispersam os guerreiros africanos e acabam por derrotá-los

se reunir para celebrar sua religião. Segundo João José Reis, o grupo chegou até a construir uma espécie de mesquita – uma palhoça no quintal dos fundos do inglês conhecido como Abraham, senhor dos escravos malês James e Diogo. Ali, eles conseguiram celebrar o Lailat al-Miraj, festa que comemora a ascensão de Maomé ao céu, no final de novembro de 1834. Tudo ótimo, se não fosse o aparecimento do inspetor de quarteirão Antônio Marques, que pôs os pobres malês para correr e denunciou a reunião às autoridades baianas. Abraham, tentando evitar problemas para si próprio, ordenou que seus escravos pusessem a mesquita abaixo. "Não é impossível que essa última humilhação tenha sido o estopim da revolta", afirma João Reis.

Tanto a união em torno do Islã quanto a solidariedade étnica influenciaram os rebeldes. Para Décio Freitas, foi o cimento religioso que conseguiu unir povos diferentes e até inimigos entre si no mesmo levante. "O grande problema dos africanos aqui é que eles eram muito diferentes uns dos outros. Em Palmares, foi preciso até inventar uma nova língua, com base em vários idiomas africanos e no português. Uma religião universal como o Islã conseguiu aglutiná-los", diz Décio. Mesmo assim, era difícil esquecer as velhas divisões. "Em 1835, nem todo muçulmano entrou na revolta e nem todo rebelde era muçulmano", diz João José. Segundo ele, os haussás, por exemplo, que constituíam o grupo étnico mais numeroso entre os mais islamizados, compareceram com poucos guerreiros. O movimento foi levado a cabo sobretudo por muçulmanos de origem iorubá, os nagôs. Esse contorno étnico da revolta permitiu, por seu turno, que muitos nagôs não-islamizados, mas que acreditavam na solução armada para a liberdade e na força protetora dos amuletos malês, entrassem no levante.

GUERREIROS DO RAMADÃ

Seja como for, não poderia haver data mais religiosa para a revolta. O dia 25 de janeiro, um domingo, era a festa de Nossa Senhora da Guia, mas também o dia 25 do mês muçulmano do Ramadã – época do ano consagrada ao jejum, na qual acreditava-se que espíritos malignos e forças do mal eram neutralizadas. O plano era simples: ao amanhecer, a vanguarda dos rebeldes, espalhada por vários grupos menores na cidade, reuniria o maior número possível de africanos e depois iria se juntar aos adeptos da zona rural do Recôncavo. A idéia era tomar o poder matando todos os nascidos no Brasil, inclusive outros negros, embora alguns depoimentos falem em conservar os mulatos como escravos dos vitoriosos. O inimigo principal, é claro, eram os brancos.

Informações sobre o levante, porém, vazaram no começo da noite anterior, por meio de alguns libertos que, sabendo do plano, o denunciaram a seus ex-senhores. Estes, por sua vez, alertaram o presidente da província da Bahia, Francisco de Souza Martins. Sem perder um segundo de tempo, ele reforçou a guarda do palácio do governo, colocou todos os quartéis da cidade em alerta e redobrou as rondas noturnas. As casas de africanos suspeitos começaram a ser reviradas no início da madrugada.

Foi então que explodiram os confrontos, por volta da 1h30 da manhã, na "loja" onde morava Manoel Calafate, um dos líderes malês. Tentando arrombar a casa onde parte dos conspiradores se reunia, a patrulha ficou impotente diante dos muitos guerreiros muçulmanos, armados de espadas e vestindo o abadá, espécie de camisolão branco que era o traje ritual dos malês. A maioria deles subiu a Ladeira da Praça, onde estava o sobrado de Calafate, enquanto outros pularam o muro dos fundos e seguiram outro ca-

ESCRAVOS DO BRASIL

A escravidão africana no Brasil durou mais de três séculos e sustentou a economia do país, da lavoura da cana ao trabalho urbano. Mas os cativos sempre acharam um jeito de lutar por sua liberdade e por justiça



1548 – A primeira grande leva de escravos vindos de Angola chega a Salvador

1597 – Escravos se revoltam e fogem para a Serra da Barriga, na atual Alagoas. É o embrião de Palmares

1692 – A descoberta de ouro aumenta o tráfico e a escravidão urbana



1694 – Palmares, que chegou a ter 20 mil habitantes, é destruída

1780 – Etnias iorubás e haussás passam a ser as mais numerosas



1835 – Malês se revoltam em Salvador, mas são derrotados

1850 – É proibido o tráfico negreiro para o Brasil

1888 – Abolição

minho. Ambos os grupos tentavam acordar e reunir o maior número possível de adeptos do movimento, muitos dos quais ficaram desnorteados com o início precoce do levante.

A primeira parada foi a praça do Palácio. A intenção dos malês era arrancar da cadeia seu líder Pacífico Licutan, preso para ser leiloado por causa de uma dívida de seu senhor. Má idéia: os guardas da prisão, que ficava no subsolo da Câmara Municipal, se entrincheiraram e disparavam sem parar sobre os africanos, que também ficaram sob fogo cerrado dos guardas do palácio governamental. Os rebeldes mataram só um dos guardas palacianos e saíram dali, recebendo reforços de todos os lados. Uma tentativa de tomar o quartel do convento de São Bento repetiu o que acontecera na prisão: os soldados se fecharam dentro da fortaleza e acabaram repelindo os malês. A essa altura, alguns deles já tinham morrido.

Depois desse último combate, o grupo conseguiu se reorganizar perto do convento das Mercês, para onde se dirigiram mais malês vindos do bairro da Vitória, muitos deles escravos de uma colônia de ingleses do lugar. O ataque seguinte dos malês, que já contavam centenas de guerreiros, foi sobre o quartel de polícia no largo da Lapa. Tudo conforme o figurino de novo: dos 32 guardas, dois foram mortos, enquanto os demais recuaram para o interior do quartel e, à bala, impediram que os malês o tomassem.

Após mais algumas escaramuças, os rebeldes viram que aquilo não estava funcionando. Decidiram deixar a cidade e buscar seus companheiros que viviam no Recôncavo, mas no meio do caminho havia um quartel da cavalaria baiana, numa localidade chamada Água de Meninos. Tentando passar, foram recebidos com uma saraivada de balas e forçados a combater a cavalaria lá fora, enquanto agüentavam os disparos dos soldados a pé dentro do quartel.

Foi um massacre. Uma primeira carga de cavalaria dispersou o grupo inicial de 50 ou 60 africanos e passou a caçá-los pela estrada. Logo chegaram mais malês, mas não dava para suportar por muito tempo os tiros ininterruptos que vinham do quartel, ainda mais com o baixíssimo número de armas de fogo de que dispunham os rebeldes. Um segundo ataque dos soldados montados encerrou qualquer resistência. No total, cerca de 70 rebeldes tinham morrido, contra apenas nove soldados e civis baianos. Bem antes de amanhecer, tudo estava terminado.

ARMADOS APENAS COM facas, os malês FORAM ABATIDOS À BALA pelos soldados

SALDO DA DERROTA

A devassa que se seguiu puniu cerca de 500 africanos, mas como muitos processos estão incompletos é difícil identificar a sentença de todos eles. Apenas quatro foram condenados à morte, já que isso acarretaria prejuízos sérios a seus senhores, que recorreram quase invariavelmente desse tipo de sentença. Muitas chibatadas, em geral na casa das centenas, aguardavam 45 deles, enquanto 34 foram deportados de volta à África. É difícil especular qual teria sido o destino da rebelião, se ela tivesse sido vitoriosa.

"Isso não fica claro, exceto que seria uma sociedade controlada pelos africanos, possivelmente pelos nagôs islamizados. Mas eles não conseguiriam manter-se no poder sem alianças sólidas com outros grupos étnicos e sobretudo com os numerosos nagôs adeptos do culto aos orixás", diz João José. "A delação certamente selou a sorte dos rebeldes mais cedo, mas os fatores se encontram tanto entre os africanos como entre seus adversários. Além de mais bem armados, estes estavam unidos quando se tratava de dar combate aos africanos, para o que contavam com brasileiros de todas as classes e cores, escravos ou não."

O controle sobre os escravos cresceu na Bahia, mas a revolta também ajudou a impor uma redução do tráfico negreiro e, finalmente, sua extinção em 1850, por medo de que mais africanos se unissem como os malês. Segundo João José, os escravos baianos ganharam fama de rebeldes e, de certa forma, isso pode ter aumentado seu poder de barganha junto aos senhores. "O medo foi uma conseqüência nada desprezível que a revolta de 1835 conseguiu fincar por muito tempo na mente senhorial", afirma. ■

SAIBA MAIS

***Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês, 1835*, João José Reis, Cia. das Letras, 2003**

O historiador da Universidade Federal da Bahia reconstrói de forma vívida a batalha entre os guerreiros malês e o governo baiano, mas talvez o aspecto mais interessante do livro seja o de mostrar como o movimento não tinha nada de aberrante quando inserido no momento histórico que o Brasil vivia. Esmagado por uma crise econômica das piores, o País e a Bahia de então eram verdadeiros campos minados de revolta. Reis também explora em detalhes como era a escravidão urbana em Salvador, muito diferente da vida tradicional dos cativos nos engenhos.

Sangue de irmãos

A vitória do Norte na Batalha de Antietam, em 1862, causou a morte de 6 500 soldados e mudou o rumo da Guerra Civil Americana

Por **BETO GUIMARÃES** Ilustrações **SAM HART**

Responda rápido: qual a data mais sangrenta da história americana? Se você respondeu 11 de setembro de 2001, acertou o mês, mas errou o dia e o ano. Os atentados terroristas em Nova York e Washington mataram 3 051 pessoas, nascidas em vários países. Já em 17 de setembro de 1862, mais de 6 500 americanos morreram e 15 mil ficaram feridos na Batalha de Antietam (nem no Dia D, a invasão da Europa pelos aliados na Segunda Guerra, morreram tantos americanos), durante a Guerra Civil Americana, conflito que envolveu 3 milhões de pessoas – cerca de 10% da população dos EUA na época – e vitimou mais de 600 mil, entre 1861 e 1865.

A importância de Antietam, no entanto, não se resume a números superlativos. Em Crossroads of Freedom: Antietam ("Encruzilhada da Liberdade: Antietam", ainda sem versão em português), James M. McPherson defende a tese de que essa batalha foi o momento mais importante da guerra. "Ela marca o momento em que o conflito tornou-se uma luta pelo fim da escravidão", diz McPherson, talvez a maior autoridade mundial no assunto, ganhador do prêmio Pulitzer por *Battle Cry for Freedom: The Civil War Era* ("Grito de Liberdade: a Era da Guer-



ra Civil", também inédito no Brasil). Para sustentar seus argumentos, no entanto, o autor faz uma viagem aos antecedentes do conflito.

Na campanha presidencial de 1860, o então candidato Abraham Lincoln (1809-1865) declarou: "O governo não resiste para sempre em um país metade livre, metade escravista". Na eleição de 6 de novembro, Lincoln foi eleito com 180 dos 303 votos do colégio eleitoral e 40% de apoio popular. Quando assumiu o governo, em 4 de março do ano seguinte, o país encontrava-se em avançado processo de desintegração.

E as primeiras medidas de Lincoln só pioraram as coisas. Ele aumentou as taxas de importação para garantir a competitividade da indústria nacional, o que teve impacto imediato e desastroso sobre a economia dos estados do Sul, baseada na agricultura e dependente dos produtos trazidos de fora. Do dia para a noite, tudo se tornou muito mais caro. A promessa de Lincoln de abolir a escravidão certamente geraria conflitos no futuro, mas foram as elevações de impostos que levaram à reação separatista.

Em 20 de dezembro, a Carolina do Sul decidiu tornar-se independente. Em menos de dois meses, outros seis estados (Mississípi, Flórida, Alabama, Geórgia, Louisiana e Texas) tomaram o mesmo rumo. Em 9 de fevereiro de 1861, os sete formaram os Estados Confederados da América, cujo primeiro, único e efêmero presidente foi Jefferson Davis (1808-1889), ex-oficial do Exército americano e herói da Guerra do México. Os confederados exigiram reconhecimento de sua independência. Lincoln sequer teve tempo de negociar. Em 12 de abril, tropas do Sul atacaram e conquistaram o Forte Sumter, em Charleston, Carolina do Sul. Era o início da Guerra de Secessão.

Numa tentativa de estancar o conflito, Lincoln promoveu o bloqueio dos portos do Sul, com o objetivo de dificultar o abastecimento dos estados separatistas. Mas a medida inviabilizava a exportação de algodão e Lincoln não queria abrir mão dos tributos pagos pelos estados confederados, que financiavam grande parte dos gastos governamentais. O tiro saiu pela culatra. Quatro outros estados aderiram à Confederação – Virgínia, Arkansas, Tennessee e Carolina do Norte – e a guerra se alastrou. De um lado, os confederados, que adotaram Richmond, na Virgínia, como capital: 11 estados, com 9 milhões de habitantes, dos quais 4 milhões eram escravos; uma economia rural, baseada no sistema de *plantation* (monocultura latifundiária exportadora com mão-de-obra escrava). Do outro, a União: 21 estados, população de mais de 20 milhões de pessoas; uma economia industrial, baseada no trabalho assalariado, em processo de urbanização e praticamente sem escravos. Sim, porque havia escravos também na União. Dezessete estados do Norte haviam abolido a escravidão, a começar por Rhode Island, em 1774. Mas em Washington, por exemplo, negros livres e escravos coexistiam. De acordo com o censo de 1860, havia na capital 11 131 negros livres e 3 185 escravos.

A União caminhava para o fim da escravidão, porém, ainda que o movimento abolicionista surgido em 1831 contasse com forte apoio popular, a questão estava longe de ser um consenso no Norte "civilizado". Em 1861, a Guerra de Secessão não era um conflito que objetivava pôr fim à escravidão. Tratava-se apenas de uma iniciativa militar para retomar o controle (e os impostos) dos estados confederados.

A questão escravagista não era consenso, tampouco fundamental na escolha dos principais líderes militares do conflito. O general Robert Lee (comandante das tropas do Sul) era contra a escravidão. George McClellan, um dos maiores generais da União, era a favor ou, pelo menos, a tolerava.

O reconhecimento externo da "nação con- ➡



federada" poderia decidir a sorte do conflito. E, por isso, no campo diplomático travava-se uma verdadeira batalha: enviados do Norte e do Sul buscavam na Europa o apoio de França e Inglaterra, as principais potências da época. A preferência francesa pelos confederados era notória. Na Inglaterra, a causa da independência também ganhara apoio popular – mas não por motivos humanitários. As *plantations* forneciam o precioso combustível para a revolução industrial: cerca de 80% do algodão que alimentava a indústria têxtil inglesa era produzido nos estados que declararam independência. Com o embargo, a matéria-prima simplesmente não chegou às fábricas, que empregavam mais de 1,5 milhão de pessoas. A escassez provocou desemprego em massa e grave recessão. E, de quebra, arregimentou apoiadores para a causa separatista.

Ainda assim, o primeiro-ministro inglês Viscount Palmerston (1784-1865) hesitava em intervir na briga e reconhecer a independência do Sul. Ele sabia que isso significaria romper relações com Washington. Mas o principal obstáculo para um apoio ao Sul, sem dúvida, era a escravidão. A Inglaterra era publicamente contra. Para o primeiro-ministro, uma interferência inglesa numa questão interna dos EUA só deveria ocorrer quando o triunfo sulista estivesse assegurado. E isso finalmente parecia decidido em agosto de 1862. Os confederados vinham de uma série de triunfos e haviam humilhado as tropas da União na Batalha dos Sete Dias, em que as forças do Norte tentaram tomar Richmond e foram repelidas. Agora, o Exército confederado marchava rumo a Washington. A independência do Sul era dada como certa.

Ação em Antietam

No início de setembro, as tropas da Confederação, lideradas pelo general Robert Edward Lee (1807-1870), cruzaram o rio Potomac em direção a Maryland, um dos quatro estados fronteiriços que permaneciam neutros (Kentucky, Delaware e Missouri eram os outros). Dono de uma brilhante carreira militar, Lee era um cidadão da Virgínia que havia sido convidado por Lincoln para comandar a União, mas que preferira combater ao lado dos sulistas. Após colecionar vitórias, ele tinha certeza de que um novo êxito bastaria para selar o destino da guerra.

O grande estrategista foi traído por sua sede de vitórias. Lee não percebeu o perigo que representava a combinação de sucessivas batalhas, alimentação deficiente e três semanas de caminhada. Muitos de seus homens simplesmente morreram no caminho. E o que sobrou de seu exército chegou em frangalhos ao outro lado do Potomac. De acordo com relatos da época, os confederados pareciam mendigos: descalços, com roupas rasgadas e famintos. O general achava que seria recebido como herói em Maryland, acreditando que a população local sentia-se oprimida pela União. A recepção foi fria, mais hostil que amistosa.

Se o general Lee estava disposto a ir para o tudo ou nada, Lincoln também sabia que apenas uma incontestável vitória em Maryland poderia reverter o panorama da guerra. O presidente sofria pressões para substituir o general George Brinton McClellan (1826-1885), que ocupava o posto de comandante do exército do Potomac. McClellan era um democrata e, portanto, visto com desconfiança pelo governo (diz-se inclusive que ele tolerava a escravidão). Apesar disso e mesmo considerando McClellan "frouxo" demais para a missão, Lincoln reconhecia nele o



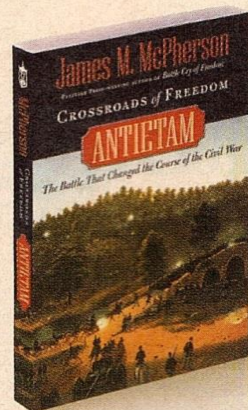
© Omar Paixão

extremo carisma e senso de liderança que exercia sobre seus homens. E foi nisso que ele resolveu apostar.

Antietam Creek é um afluente do Potomac (*creek*, em bom português, significa "riacho"). A pacata Sharpsburg, com 1 200 habitantes, era a cidade mais próxima e estava ocupada por tropas do Sul. Ao amanhecer do dia 17, os exércitos do Norte atravessaram o Antietam e menos de 1 quilômetro adiante foram recebidos a bala. O confronto se estendeu até o fim do dia. Havia 75 mil homens da União na região contra 36 mil confederados. Apesar da estratégia de a McClellan ser mesmo hoje considerada conservadora, ainda assim foi uma carnificina terrível. O relato de sobreviventes diz que, no campo de batalha, era possível caminhar sem encostar os pés no chão, tamanha era a quantidade de corpos que cobriam a grama. Em suas memórias, o major Rufus Dawes, de Wisconsin (União), registrou a insanidade daquele dia: "Os homens carregavam suas armas e atiravam com fúria demoníaca, gritando e gargalhando histericamente. Os rebeldes tentavam fugir e eram atingidos pelas costas, na tentativa de pular muros ou se esconder na mata". McClellan poderia ter dizimado o exército de Lee, como Lincoln desejaria. Contava com um exército mais numeroso e muito mais bem equipado. Mas, em vez de perseguir o inimigo até sua rendição incondicional, preferiu agir com cautela. Avançou seus homens e conquistou todas as posições que desejou, não chegando, para isso, a colocar mais de 20 mil homens em combate ao mesmo tempo. Lee bateu em retirada, em direção à Virgínia. O dia mais sangrento da história americana poderia ter sido uma matança ainda maior.

Em Antietam, Lincoln não obteve a vitória de seus sonhos. Porém, com a repercussão do êxito da União, foi possível reverter a tendência de separação do Sul. Com isso, conseguiu reunir o apoio de que necessitava para transformar a Guerra de Secessão em uma luta contra a escravidão. No dia 22 de setembro (apenas cinco dias depois de Antietam), Lincoln assinou o Ato Preliminar de Emancipação dos Escravos. O documento era quase simbólico, já que a abolição só seria oficializada em 6 de dezembro de 1865, sete meses depois do fim da guerra, mas teve uma tremenda repercussão internacional. A partir daí, o Sul estaria isolado e o destino dos Estados Unidos, como uma nação livre e indivisível, estava selado. ■

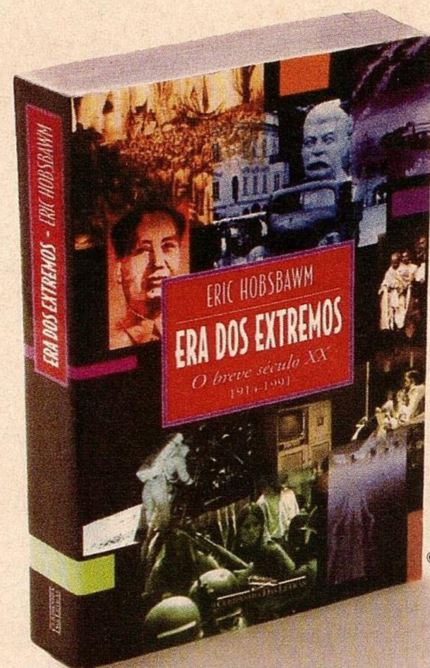
SAIBA MAIS



Crossroads of Freedom: Antietam,
de James M. McPherson. Oxford University Press, 2002

CLÁSSICO

Curto e grosso



©

Como comparar o mundo de agora ao de 1914? Hoje, existem 6 bilhões de seres humanos, três vezes mais que antes da Primeira Guerra, mesmo levando em conta que, no século 20, mais homens morreram que jamais na história. Um século de destruição. Não só porque ele foi palco de guerras ininterruptas – com um curto intervalo na década de 1920 –, como também pelas catástrofes humanas que produziu, desde as maiores fomes até o genocídio programado.

No outro extremo, o século 20 trouxe saúde e vida. Em 1990, a maioria das pessoas era mais alta e pesada que seus pais, mais bem alimentada e vivia muito mais. O mundo estava mais rico e sua capacidade de produzir bens e serviços de incrível variedade parecia interminável. Pela primeira vez desde que se inventou a escrita, a maior parte das populações estava alfabetizada.

Em *Era dos Extremos – O Breve Século 20* (Companhia das Letras), o historiador Eric Hobsbawm nos guia por esse século de catástrofes e êxitos para nos apresentar um mundo com pelo menos três grandes mudanças. Primeiro, ele deixou de ser eurocêntrico. O século 20 marcou o declínio da Europa, sede dos impérios que reuniam poder e riqueza em 1900. Os europeus foram reduzidos de um terço para um sexto da humanidade: uma minoria que terminou o século erguendo muros contra imigrantes pobres, principalmente africanos. A segunda transformação foi mais significativa: em 1990, o mundo havia se transformado numa unidade operacional como não era e não poderia ter sido em 1914. Para Hobsbawm, a característica mais impressionante do fim do século 20 talvez seja a tensão entre esse processo de globalização acelerado e a incapacidade das instituições e das pessoas de se acomodarem a ele.

A terceira alteração, em certos aspectos a mais pertubadora, é o esfacelamento de velhos padrões de relacionamento social, e, com ele, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre o passado e o presente. Hobsbawm vê, no final do milênio, sociedades formadas por pessoas sem conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação. Mas isso não esteve sempre implícito na teoria capitalista? Para o autor, no entanto, esse fenômeno não se deve apenas a uma vitória do capitalismo. Na prática, a nova sociedade não destruiu tudo que herdara, mas adaptou o legado do passado para uso próprio. É a essa situação que uma parte da humanidade já teve de acomodar-se no final do século; no novo milênio, outras deverão fazê-lo.

A edição brasileira traz ainda um rigoroso índice remissivo, capaz de tornar esse calhamaço de 600 páginas um livro de cabeceira acessível diante de qualquer dúvida histórica que se queira esclarecer sobre o século 20. ■

CELSO MIRANDA

HISTÓRIA ONLINE





Pequenos detalhes nas fotos contam a vida das pessoas

Uma pessoa, uma história

www.museudapessoa.com.br

Não há heróis ou feitos espetaculares. No Museu da Pessoa, a história é contada por pessoas comuns, em narrativas simples e comoventes. São histórias tão ricas, tão singulares que permitem recompor, por exemplo, a história da imigração em São Paulo, ou a memória do comércio e das antigas ruas da cidade.

O Museu recolhe, desde 1992, depoimentos, fotos, vídeos e documentos de pessoas comuns que queiram compartilhar sua história. Parte do acervo está disponível no site. Na seção "Álbum de Família" há fotos de formaturas, casamentos e viagens. Um mergulho interessante no passado cotidiano do Brasil. Qualquer um pode enviar seu testemunho, acessando a seção "Conte Sua História". ■ **BRUNO LEUZINGER**

LANÇAMENTOS

Viagem ao Brasil do século 19

Se pensarmos na formação do Brasil como um imenso movimento de pessoas, culturas e idéias, os relatos dos viajantes sobre o que vêem por aqui oferecem material riquíssimo para se entender nossa identidade. No entanto, comparando com outros períodos, os relatos do século 19 foram pouco estudados. É esse o país que José Carlos Barreiro investiga em *Imaginário e Viajantes no Brasil do Século 19* (Unesp), penetrando em espaços como feiras, pousadas e vendas de beira de estrada, reconstituindo facetas do caráter multiétnico da sociedade brasileira. **CELSO MIRANDA**



©

Poder e tragédia

Para desvendar a vida de Filipe II (1527-1598), monarca espanhol avesso a biografias, Henry Kamen debruçou-se sobre a correspondência real e outras fontes inéditas. No século 16, após a Contra-Reforma e a expulsão dos mouros, a Espanha era a mais poderosa nação européia. Em *Filipe da Espanha* (Record), aspectos da vida privada – seu gosto por caçadas, festas e donzelas – dividem espaço com a reputação de monarca cruel e religioso fanático, criada pela sucessão de mortes na família real e pelo seu apoio à Inquisição e ao massacre dos huguenotes em Flandres. **TATIANA PENIDO**



©

Guia do historiador

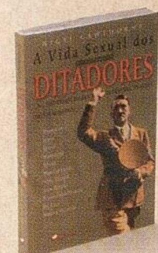
Qual a função do historiador? Como ele deve proceder? E a história, é uma ciência? Em *Paisagens da História* (Editora Campus), John Lewis Gaddis tenta responder essas questões. Para o autor, o passado é como uma paisagem: cabe ao historiador a tarefa de representá-la. Professor da Universidade de Yale, Estados Unidos, Gaddis faz uma defesa apaixonada do estudo da história, lançando luz sobre seus objetivos e metodologia, e comparando-a com outras ciências – um dos pontos cruciais do livro é, justamente, a afirmação de seu caráter científico. **BRUNO LEUZINGER**



©

Garotos superpoderosos

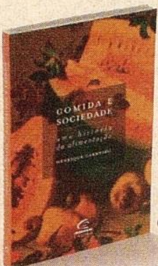
No livro *A Vida Sexual dos Ditadores* (Prestígio Editorial), Nigel Cawthorne relata os peculiares hábitos sexuais de alguns dos líderes mais poderosos e cruéis da História. A leitura nos faz concluir que, independentemente da ideologia, nacionalidade ou época em que viveram, o poder sempre corrompe os homens – até na hora da cama. O chinês Mao Tsé-tung teve várias amantes, embora não se importasse com sua higiene pessoal. Já Idi Amin, ditador de Uganda, mandava mutilar as mulheres que não se submetiam aos seus desejos. **ADRIANA MENEGHELLO**



©

Prato cheio

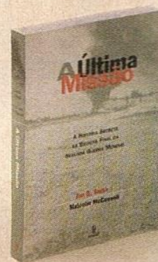
Nas últimas três décadas a proporção de pessoas que passam fome no mundo diminuiu drasticamente. No entanto, acredita-se que nunca tantos sofreram com o problema como acontece hoje. Esse paradoxo e outras questões sobre alimentação – ou a falta dela – estão descritos em *Comida e Sociedade* (Editora Campus), do historiador Henrique Carneiro. Ele traça paralelos entre o desenvolvimento das sociedades e a forma como os homens distribuem ou dividem os alimentos. Além disso, mostra como os hábitos alimentares podem indicar a cultura, a religião e a origem de quem está à mesa. **MONIQUE DOS ANJOS**



©

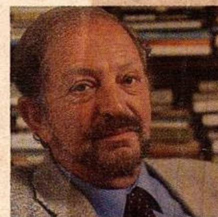
Batalha final

A maioria de nós acredita que a rendição japonesa na Segunda Guerra Mundial deu-se imediatamente após as explosões atômicas em Hiroshima (6 de agosto de 1945) e Nagasaki (9 de agosto). Na verdade, até a capitulação, no dia 14, houve ainda quase mil bombardeios americanos no país. Em *A Última Missão* (Imago), Jim B. Smith e Malcolm McConnel recriam o vôo do bombardeiro B-29B, que explodiu uma refinaria de petróleo ao norte de Tóquio minutos antes da rendição. O livro faz uma reconstrução emocionante e fiel do episódio (Smith era operador de rádio do B-29B) e investiga os fatos que cercaram aqueles grandes momentos. **C.M.**



©

© Omar Paixão



Loucura coletiva

Por MOACYR SCLIAR

Será que podemos falar de contágio psíquico? Para a medicina, a expressão parece pouco adequada, já que as doenças mentais ou emocionais não são, em geral, causadas por micróbios, e portanto não deveriam passar de uma pessoa para outra. No entanto, a expressão existe. Foi cunhada pelo psicanalista Carl Jung, ainda que não de forma pioneira, pois antes dele Freud já havia falado em "contágio de grupo". É um fenômeno pelo qual grande número de pessoas adota um comportamento comum, muitas vezes bizarro, como se fosse uma epidemia de natureza psicológica. E, para a história, esse fato não é tão raro, que acontece sobretudo em épocas de transição, aquelas em que, na frase do filósofo italiano Gramsci, "o novo ainda não nasceu e o velho não morreu"; épocas que põem em questão os valores tradicionais. Como observou o grande médico do século 19, Rudolph Virchow: se a doença de uma pessoa é expressão da sua vida em condições desfavoráveis, as epidemias – de doença física ou mental – são resultado de distúrbios na vida das populações. Um exemplo disso aconteceu na transição da Idade Média para a Era Moderna. Antigos valores foram subvertidos; a sociedade medieval, estável na sua hierarquia (e na sua pobreza) dava lugar a uma nova estrutura social, em que a ascendente burguesia ditava as regras. É um mundo competitivo, de uma busca, não raro maníaca, de riqueza, de luxo, de luxúria (o sexo, liberado, resultou numa epidemia de sífilis que matou milhares de pessoas por toda a Europa). Estranhas manifestações ocorriam então – o caso da "dança de São Vito": de repente, pessoas entregavam-se, na rua ou em qualquer outro lugar, a um bailado frenético, que se prolongava até a exaustão. Arrancavam todas as roupas, gritavam, blasfemavam, faziam gestos obscenos, riam ou choravam, rolavam no chão. Na Itália, fenômeno similar deu origem à tarantela; os *tarantati* atribuíam a compulsão por cantar e dançar em público à picada da aranha tarântula.

Uma das mais estranhas epidemias psíquicas que a história da medicina registrou foi a tulipomania, que teve início quando, em 1562, atracou no porto de Antuérpia um navio que trazia de Constantinopla um carregamento de bulbos de tulipa. Muito bonita e exótica, em forma de turbante (em turco, *tülbent*) e originária do misterioso Oriente, a flor tinha todos os ingredientes para despertar curiosidade e desejo. Tulipa entrou na moda. Mais que isso, transformou-se em obsessão. Novas variedades eram supervalorizadas e davam a quem as possuía um prestígio inimaginável. Um conhecido médico de Amsterdã, Claes Pietersz, mudou o próprio nome para Nicolaes Tulp, adotando a tulipa como símbolo pessoal. E sob seu novo nome foi retratado por Rembrandt no famoso *A lição de anatomia do Dr. Tulp*.

> MANIA DE COMPRAR tulipas causou HISTERIA NA HOLANDA, no século 16

O resultado desse frenesi foi um surto especulativo sem precendentes na história do nascente capitalismo holandês. O preço das tulipas disparou. Pessoas vendiam propriedades ou se endividavam para comprá-las. A literatura médica da época relata estranhos acontecimentos: um comerciante deu a um marinheiro que lhe tinha trazido mercadorias um arenque como pagamento. O homem viu, no escritório do comerciante, algo que lhe pareceu uma cebola e resolveu comê-la junto com o prato principal. Quando o dono deu pela falta da suposta cebola, entrou em pânico: correu atrás do marinheiro e encontrou-o mastigando o que, na verdade, era um bulbo da tulipa *Semper augustus*, que valia o equivalente a uma mansão em Amsterdã.

A partir de 1635, as tulipas passaram a ser vendidas ainda durante o cultivo. Para isso, eram emitidas notas promissórias conhecidas como *windhandel*, ou "comércio no vento". Os papéis só fizeram crescer a bolha de especulação, na qual até pessoas humildes apostavam suas economias. Dois anos depois, quando o preço das tulipas despencou, muita gente acabou arruinada, o que gerou uma baita crise social.

Mas, afinal, por que tulipas? Por que não uma coisa mais durável, como jóias, porcelanas chinesas ou tapetes orientais? Resposta: porque, além de sua beleza, a tulipa se prestava para a especulação. É sazonal; e, como todo produto natural, está sujeita aos caprichos meteorológicos. Quer dizer: ora a tulipa existe, ora não, o que é ótimo para as manobras especulativas. Existe aí uma certa lógica, sobre a qual a mania acaba predominando, com resultados não raro catastróficos.

A tulipomania lembra-nos a frase de Shakespeare: entre o céu e a terra há muitas coisas que a nossa filosofia não alcança. Entre essas coisas, estão as irisadas bolhas especulativas que ascendem no ar até estourarem sem deixar vestígio. ■



MÉDICO E ESCRITOR, MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, AUTOR DE, ENTRE OUTROS, *JUDAÍSMO* (COLEÇÃO "PARA SABER MAIS", DA SUPER)